



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**PRÁTICAS DE LEITURA:  
LEMBRANÇAS DE FAMÍLIA E HISTÓRIAS DE VIDA**

**MARLUCE DE SOUZA LOPES SANTOS**

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)  
2016**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**PRÁTICAS DE LEITURA:  
LEMBRANÇAS DE FAMÍLIA E HISTÓRIAS DE VIDA**

**MARLUCE DE SOUZA LOPES SANTOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, sob a orientação da Profa. Dra. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas.

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)  
2016**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Santos, Marluce de Souza Lopes  
S237p Práticas de leitura : lembranças de família e histórias de vida /  
Marluce de Souza Lopes Santos ; orientadora Anamaria  
Gonçalves Bueno de Freitas. – São Cristóvão, 2016.  
126 f. : il.

Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade Federal  
de Sergipe, 2016.

1. Educação - História. 2. Livros e leitura. 3. Memória – Livros  
e leitura. I. Freitas, Anamaria Gonçalves Bueno de, orient. II.  
Título.

CDU 37:028(091)

À Lisete Lopes, minha mãe, luz  
na condução da minha vida, sempre.

Às demais integrantes desta pesquisa: filhas  
(Manuela e Marina); irmã (Marli); sobrinhas (Celene e  
Tirzah); tia (Anete), família, o bem maior.

## AGRADECIMENTOS

O final de uma jornada não significa o encerramento da caminhada. É o momento de transição entre o que foi concluído e os outros passos que serão dados rumo a novos horizontes. É chegado, então, o momento de refletir sobre o percurso trilhado e reconhecer que não foi um caminho solitário; ele foi partilhado com pessoas que, em maior ou menor medida, contribuíram para que tudo valesse a pena e o sonho se tornasse real. A conclusão deste trabalho não teria sido possível sem a participação de diversas pessoas que contribuíram, de diferentes maneiras, para a concretização do Mestrado.

Às integrantes desta pesquisa, mulheres da minha família, mãe, irmã, filhas, tia e sobrinhas. Sem elas não existiria este momento. Pela paciência em responder aos questionamentos, pelas preciosas narrativas, pela disponibilidade em ser, além de familiares, entrevistadas, e entender a importância de cada uma no desenvolvimento do estudo.

À minha mãe, por não ter medido esforços na minha criação e na dos meus irmãos, pelo amor infinito, por todas as lições de vida e pelo incentivo à leitura, desde muito cedo. Por ter se tornado integrante desta pesquisa, dividindo comigo todas as lembranças de suas próprias práticas de leitura e dos demais aspectos de sua vida. O destino não permitiu que ela estivesse aqui neste momento. Foi por tão pouco! O estímulo e as bênçãos diárias vão permanecer comigo, para sempre. Ao meu pai, Júlio Lopes, que tendo partido há mais tempo, não participou da minha inserção no mundo acadêmico da pesquisa, mas teria ficado muito orgulhoso das minhas conquistas.

Às minhas filhas queridas, Manuela e Marina, amor incondicional, pelo apoio e incentivo de todas as horas. Pelas broncas e preocupações constantes nos momentos em que a pesquisa e o estudo pareciam ocupar integralmente os meus sentidos e era necessário parar um pouco para respirar. Por entender as ausências e as oscilações de humor. Meu maior estímulo, o melhor de mim.

Aos demais familiares, laço concreto de amor e amizade. Meus irmãos, Sérgio e Marli, sempre presentes em minha vida. Meus cunhados, Robério e Selda, torcida constante e crença no meu sucesso. Meus sobrinhos, Celene, Max, Thiago, Tadeu e Tirezah, pelo carinho demonstrado. À amiga Solange Montalvão, sempre vibrando com os momentos de sucesso.

À Raimunda, irmã no coração, às vezes mãe, às vezes filha, por fazer parte da família com dedicação exclusiva, com carinho e amor enormes por todos, especialmente, pelo cuidado e zelo com minha mãe e com as atividades do cotidiano. Estaremos sempre juntas.

A Edson, pelo cuidado, revisão e formatação do texto para o Seminário de Pesquisa e para os momentos da Qualificação e Defesa, atento aos “humores” do computador e aos ajustes necessários.

À minha orientadora, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, pela confiança demonstrada e depositada em mim, desde os nossos contatos iniciais. A ela devo a paixão pelo objeto e o encantamento com a história da leitura e dos impressos em geral. Um exemplo de dedicação ao magistério e à pesquisa, muito mais do que orientadora, uma amiga, um acalanto nos momentos mais difíceis. Seus conselhos e sugestões, ao longo do desenvolvimento do Mestrado, foram fundamentais para que o trabalho fosse executado de forma tranquila. A amizade estabelecida vai permanecer, e vamos trilhar juntas, rumo a parcerias em outras instâncias, profissionais e pessoais.

Às docentes que participaram de três momentos avaliativos distintos: do Seminário de Pesquisa, Verônica Mariano e Roselúzia Moraes; da Banca de Qualificação, Marizete Lucini e Roselúzia Moraes; da Banca de Defesa, Marizete Lucini e Sônia Albuquerque. O olhar atento e as indicações precisas foram determinantes para a elaboração desta dissertação. Aos professores do Mestrado, em especial às aulas em dupla de Anamaria Bueno e Marizete Lucini, de Jorge Carvalho e Luiz Eduardo, de Silvana Bretas e Anselmo Oliveira.

A todos os colegas com quem compartilhei aulas, textos, conversas e avaliações. Alguns relacionamentos formados em função dessas atividades se tornaram mais próximos em virtude de afinidades profissionais e acadêmicas, no entanto, todos permanecem ocupando espaços importantes nas lembranças e no coração. A France Robertson, parceiro de aulas, conversas, risadas e cafés, tornando mais leve o rigor da pesquisa, sempre disposto ao debate acadêmico; a Josi Siqueira e Rosemeire Siqueira, pela doçura e gentileza em todos os momentos; a José Douglas, pela preocupação genuína com o andamento da pesquisa e pela disponibilidade em ofertar arquivos audiovisuais; a Socorro Lima, sempre demonstrando carinho e afeto; a Nayara Alves, sempre disposta a compartilhar ideias e auxiliar nos momentos de atividades acadêmicas. Os laços de amizade continuam.

A Jonatas Meneses e Rosa Bragança, muito mais que chefes imediatos, meus colegas de universidade, pelo entendimento acerca da correria de uma pesquisa em conjunto com o cotidiano do trabalho, pelo incentivo e demonstração de carinho.

Aos servidores do PPGED, pela presteza e disposição, agradeço a todos em nome de Eanes, sempre com um sorriso de satisfação.

Dou graças a Deus por todas as conquistas, pelas amizades formadas, pelo conhecimento adquirido. No momento, fica a certeza de que o percurso acadêmico continua e que novas pesquisas serão iniciadas em breve.

## **RESUMO**

O objetivo desse estudo é investigar as práticas de leitura como elemento de formação de oito mulheres de gerações diferentes pertencentes à minha família. Insere-se na área de estudos sobre a História da Educação, com o respaldo teórico da História Cultural, e metodologia da História Oral. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental que tem uma abordagem autobiográfica, utilizando os conceitos de apropriação, representação e práticas, na perspectiva de Roger Chartier, considerando a leitura como uma prática social, constituída historicamente. Nessa investigação adoto as concepções de Michael Pollack, Ecléa Bosi e Maurice Halbwachs, no que se refere ao conceito de memória. As fontes utilizadas são narrativas tomadas a partir de entrevistas semiestruturadas, buscando verificar traços do cotidiano vivido pelas integrantes da pesquisa, considerando-as nas relações sociais familiares e escolares. Ao final desse estudo espero compreender melhor as relações entre práticas de leitura, educação familiar e escolarização, bem como verificar em que medida as práticas familiares contribuem para o desenvolvimento de práticas de leitura.

**Palavras-chave:** Leitura. Livro. Memórias. Práticas de Leitura.



## **ABSTRACT**

The objective of this study is to investigate the reading practices of eight women from different generations belonging to my family. Is part of the area of studies on the History of Education, with the theoretical support of Cultural History and methodology of Oral History. It is a bibliographical and documentary research that has an autobiographical approach, using the concepts of appropriation, representations and practices with a view to Roger Chartier, to understand the different interpretations and different uses people make of the texts they read. This research adopt the views of Michael Pollack, Ecléa Bosi and Maurice Halbwachs, regarding the concept of memory. The sources used are statements taken from semi-structured interviews, in order to verify, in the vestiges of the past, everyday strokes experienced by interviewees in the relationship established with environments favorable to the constitution of each one as readers. It is hoped that this study to better understand the relationship between reading practices, family education and schooling.

**Keywords:** Reading. Book. Memoirs. Reading practices.

## SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE QUADROS

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS: NO PRINCÍPIO... UMA IDEIA, APENAS .....</b>	<b>16</b>
<b>1. CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA .....</b>	<b>29</b>
1.1. PERCURSO METODOLÓGICO .....	29
1.2. MULHERES LEITORAS: AS INTEGRANTES DA PESQUISA .....	38
<b>2. LEITURA: UMA PRÁTICA SOCIAL .....</b>	<b>47</b>
2.1. MATERIALIDADE DA LEITURA .....	52
2.2. LEITURA FEMININA .....	58
<b>3. LEMBRANÇAS DE PRÁTICAS DE LEITURA: RELATOS DE VIDA ....</b>	<b>63</b>
3.1. HISTÓRIA ORAL, MEMÓRIAS E NARRATIVAS .....	64
3.1.1. Elementos incentivadores da leitura .....	66
3.1.2. Leituras no ambiente familiar .....	74
3.1.3. Leituras no ambiente escolar .....	82
3.1.4. Leituras no momento atual .....	90
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS: IDEIAS PARA CONCLUIR... SEM FINALI- ZAR .....</b>	<b>96</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>100</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>107</b>
<b>APENDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS .....</b>	<b>108</b>
<b>APENDICE B – MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>110</b>
<b>APENDICE C – RELAÇÃO DE LIVROS DA AUTORA .....</b>	<b>111</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>117</b>
<b>ANEXO 1 – RELAÇÃO DE LIVROS DA BIBLIOTECA DE LISETE .....</b>	<b>118</b>

<b>ANEXO 2 – RELAÇÃO DE LIVROS DA BIBLIOTECA DE MARLI .....</b>	<b>119</b>
<b>ANEXO 3 – RELAÇÃO DE LIVROS DA BIBLIOTECA DE CELENE .....</b>	<b>122</b>
<b>ANEXO 4 – RELAÇÃO DE LIVROS DA BIBLIOTECA DE MANUELA .....</b>	<b>123</b>
<b>ANEXO 5 – RELAÇÃO DE LIVROS DA BIBLIOTECA DE MARINA .....</b>	<b>124</b>

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01	Foto na escola .....	15
Figura 02	Leitura em família .....	15
Figura 03	Foto com Roger Chartier .....	15
Figura 04	Foto em atividade de leitura .....	15
Figura 05	Foto de Lisete .....	39
Figura 06	Foto de Marli .....	41
Figura 07	Foto de Celene .....	42
Figura 08	Foto de Anete .....	43
Figura 09	Foto de Tirzah .....	44
Figura 10	Foto de Manuela .....	44
Figura 11	Foto de Marina .....	45
Figura 12	Foto de Marluce .....	46
Figura 13	Criança em leitura sensorial .....	49
Figura 14	Níveis sensoriais e emocional .....	50
Figura 15	Nível racional da leitura .....	51
Figura 16	Tabuleta em argila .....	53
Figura 17	Texto em rolo .....	53
Figura 18	Livro em forma de códex .....	55
Figura 19	Leitura em suporte eletrônico .....	56
Figura 20	Capa do livro <i>Shandi</i> .....	72
Figura 21	Capa do livro <i>Alice no País das Maravilhas</i> .....	75
Figura 22	Capa do livro <i>Heidi</i> .....	77
Figura 23	Capa do livro <i>Cartilha Analytica</i> .....	80
Figura 24	Lição da <i>Cartilha Analytica</i> .....	81
Figura 25	Capa do livro <i>A Ilha Perdida</i> .....	85

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Genealogia do grupo pesquisado .....	21
Quadro 2 – Caracterização das integrantes da pesquisa .....	30
Quadro 3 – Dinâmica das entrevistas .....	34
Quadro 4 – Sistematização do percurso investigado .....	35
Quadro 5 – Esquema interpretativo para análise das informações coletadas .....	37

**Figura 1:** Foto na escola.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora  
(Fotografia de 1963)

**Figura 2: Leitura em família**



**Fonte:** Acervo pessoal da autora  
(Fotografia de 1968)

**Figura 3:** Com Roger Chartier em evento sobre leitura



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.  
(Fotografia de 2013)

**Figura 4:** Em atividade de leitura diária.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.  
(Fotografia de 2015)

“Ouso afirmar que, desde menina, gravitei em torno da palavra, principalmente, de textos escritos que circulavam na minha casa, como as novenas aos santos padroeiros, as recitações rimadas, as simpatias decoradas, mas também as benzeduras que anunciavam pedidos feitos às estrelas, as lições de catecismo, as leituras de revistas semanais e jornais diários” (CUNHA, 2011, p. 123).

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS: NO PRINCÍPIO ... UMA IDEIA, APENAS!

Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura (CHARTIER, 1998, p. 77).

Ao se deparar com um texto impresso cada leitor é livre para, com criatividade, produzir e inventar significados que não são aqueles conferidos pelo autor, segundo Roger Chartier. Essa liberdade possibilita que ele estabeleça com os impressos uma relação singular definida por aspectos que compõem o que o historiador chama de materialidade dos textos. A materialidade determina, por sua vez, os usos dos livros e das demais formas de impressos, as interpretações e as maneiras de ler, ou seja, as diversas práticas de leitura.

Esta investigação está vinculada à linha de pesquisa “História, Sociedade e Pensamento Educacional” do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe PPGED – UFS, insere-se na área de estudos sobre a história da educação e constitui-se em uma pesquisa sobre práticas de leitura contemporâneas de mulheres. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental que tem uma abordagem autobiográfica, com o respaldo teórico da História Cultural, utilizando a metodologia da História Oral.

De acordo com Roger Chartier, entre as premissas da História Cultural está “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16-17). Nessa perspectiva, a História Cultural é considerada a história das diversas formas como as sociedades compreendem a sua trajetória a partir de suas diferenças sociais e culturais, sem reduzir as práticas culturais à hierarquia socioeconômica. Essa pesquisa consolidou-se, portanto, dentro da posição interpretativa segundo a qual podemos “pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo” (PESAVENTO, 2014, p. 15), possibilitando a entrada em cena, no debate acadêmico, de novos métodos de pesquisa, novas fontes e novos objetos.



Antes de ingressar no Mestrado em Educação como aluna regular, transitei por algumas disciplinas na condição de aluna especial, sem definição de um objeto de estudo específico. As disciplinas cursadas à época serviram para me dar familiaridade com a literatura e com o rigor metodológico inerentes e necessários ao trabalho de pesquisa acadêmica. Foi o momento, também, de estabelecimento de empatia com minha futura orientadora, a Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas e de fortalecimento do currículo, a partir da escrita de artigos para apresentação de trabalhos em congressos. Foram fundamentais as leituras e fichamentos de livros, teses, dissertações e demais textos apresentados nas bibliografias das disciplinas, bem como outras que surgiam a partir de demandas específicas. Cada leitura levava a muitas outras possibilidades!

O Projeto de Pesquisa apresentado à banca de seleção do mestrado com o qual fui aprovada tinha como objeto de estudo as práticas de leitura associadas à formação do professor, no campo das Letras. Seu objetivo era investigar as práticas de leitura de alunos e professores do curso de graduação em Letras – Português, da Universidade Federal de Sergipe e era esperado que, ao final da pesquisa, o estudo pudesse contribuir para a expansão do debate sobre currículos e reformas curriculares no âmbito da UFS, em especial, no curso de graduação em Letras – Português.

O fascínio pela história da leitura e a configuração de diferentes formas de ler abordadas pelos diversos autores estudados, foram me estimulando, cada vez mais, para a investigação sobre o processo de leitura entre os que compõem o campo profissional das Letras, entendidos por mim como aqueles que precisam ter o domínio do uso da linguagem e que, como licenciados, seriam responsáveis pela formação de hábitos e incentivo de práticas de leitura dos seus alunos futuros.

A análise das estruturas curriculares do curso em questão, bem como o desenvolvimento de uma pesquisa piloto através da aplicação de questionários a um grupo de concludentes do curso, trouxeram à tona o primeiro indício de que a pesquisa pretendida não atenderia às expectativas esperadas e que o ensino superior não seria determinante na constituição de práticas de leitura. Algumas incertezas relativas aos objetivos da pesquisa começaram a se configurar. Aos objetivos .... não ao objeto!

A elaboração de um memorial sobre a minha constituição como leitora para avaliação da disciplina Cultura e Práticas Escolares<sup>1</sup>, coordenada pela minha orientadora e pela Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>.

---

<sup>1</sup> A disciplina foi cursada em 2014.1 para integralização de créditos optativos componentes da carga horária do Mestrado em Educação do PPGED/UFS. O trabalho apresentou as minhas memórias de leitura, focalizando desde

Marizete Lucini foi decisiva para a alteração do rumo da pesquisa. Trabalhar com minhas memórias focalizando as práticas de leitura desenvolvidas ao longo da vida demonstrou, conforme diz Roger Chartier, que “uma pesquisa histórica que respeita todas as exigências do trabalho científico, não exclui – muito pelo contrário – uma relação íntima e sensível com o passado” (CHARTIER, 2003, p.17). Estabelecer uma relação íntima com o passado foi revelador acerca de práticas e atitudes de mulheres que, vivendo em épocas e ambientes distintos, apresentaram comportamentos semelhantes relativos às formas de relacionamento com a prática da leitura.

A lembrança de épocas passadas trouxe à tona a ocorrência de práticas e atitudes que foram desenvolvidas entre gerações, desde a minha avó materna, nascida em fins do século XIX e que, no início do século XX, no ambiente familiar, desenvolveu hábitos determinantes para a alfabetização dos filhos. Minha mãe, anos mais tarde, realizou, junto aos filhos, práticas que também estimularam a leitura. Estes, por sua vez, assim também o fizeram, consolidando práticas de leitura que sugerem aproximações e semelhanças entre as diferentes gerações da família.

A partir dessa constatação e de reflexões estabelecidas em conversas com minha orientadora, foi definido como novo objetivo investigar as práticas de leitura<sup>2</sup> de mulheres da minha família. Tomei como integrantes da pesquisa oito mulheres de diferentes gerações, incluindo-me entre elas, adotando uma abordagem autobiográfica que se justifica através do que Chartier, no prefácio do livro de Lilian Lacerda, “*Álbum de Leitura: memórias de vida, histórias de leitoras*”, apresenta como sendo o desejo de manter as lembranças familiares “e, assim, ter garantias contra o esquecimento, ou ainda uma experiência forte, perturbadora, que torna imperiosa a reflexão sobre si.” (LACERDA, 2003, p.21). Essa reflexão possibilitou, no desenvolvimento do trabalho, conhecer experiências vivenciadas em um tempo passado, que foram lembrados através de diferentes relatos de vida. A esse respeito Marie-Christine Josso afirma:

O trabalho de pesquisa a partir dos relatos de vida, ou melhor, dos relatos centrados sobre a formação, efetuados na perspectiva de evidenciar e questionar heranças, continuidades e rupturas, projetos de vida, múltiplos recursos, ligados às aprendizagens da experiência [...], esse trabalho de

---

os primórdios da infância, nas leituras desenvolvidas no seio da família, passando pelos anos iniciais de escolarização, quando teve início o fascínio pelos livros e pela leitura que me acompanha até hoje, mostrando algumas fases da minha vida escolar.

<sup>2</sup> Após o Exame de Qualificação acatei a sugestão da banca avaliadora e o objetivo passou a ser: “investigar as práticas de leitura como elemento de formação de mulheres da minha família”.

reflexão, a partir de uma descrição da formação de si [...] permite ter a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida (JOSSO, 2008, p.25).

Dentro dos contextos de vida relatados pelas integrantes dessa pesquisa, os acontecimentos considerados mais significativos e mais marcantes foram lembrados, evidenciando ações desenvolvidas na constituição de práticas de leitura. Fixar a memória familiar significa refletir sobre histórias de vida e sobre fatos que constituíram uma trajetória na qual memória e acontecimentos estão intimamente associados.

A opção pelo sexo feminino deveu-se ao fato de ter sido identificado através do memorial, na maior parte do grupo, a responsabilidade pela educação e formação dos filhos, não só no que se refere aos valores morais, hábitos, atitudes e habilidades, mas além disso, no tocante às práticas de leitura.

Nos estudos sobre práticas de leitura existem diferentes e variadas possibilidades teóricas e metodológicas. Considerando a história do livro, de acordo com o referencial de Robert Darnton (2010), a produção e difusão de livros na sociedade pressupõe um “circuito de comunicação que vai do autor ao editor, ao impressor, ao distribuidor, ao vendedor, e chega ao leitor” (DARNTON, 2010, p. 125), circuito cujas condições variam conforme épocas e lugares.

Nesse estudo, o elemento analisado são as práticas de leitura desenvolvidas pelo leitor, considerado o segmento de mais difícil acesso na história da leitura pois, segundo o historiador, sua “experiência íntima [...] sempre pode se esquivar de nós” (DARNTON, 2010, p. 146), uma vez que as práticas cotidianas quase nunca são registradas, sendo difícil de capturá-las com o passar do tempo.

Como procedimento metodológico mais adequado foi escolhida a História Oral, uma vez que ela se baseia na memória e na capacidade das pessoas de lembrarem um passado vivido, o que possibilita o entendimento a respeito de momentos históricos específicos. Segundo Freitas (2002), “essa metodologia abre novas perspectivas para o entendimento do passado recente, pois amplifica vozes que não se fariam ouvir” (FREITAS, 2006, p. 28), trazendo aspectos de uma determinada comunidade na qual estiveram e estão inseridas.

De acordo com Verena Alberti, a História Oral consiste em uma metodologia que pressupõe o envolvimento de “pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo” (ALBERTI, 2004, p. 30). Para a autora, qualquer tema pode ser investigado através da História Oral, desde que existam pessoas que tenham algo a dizer sobre ele; no entanto, alerta que a escolha das

pessoas a serem investigadas deve ser guiada pelos objetivos do estudo a ser realizado. Da mesma forma chama atenção para a pertinência das perguntas a serem feitas pelo pesquisador, por entender que se trata de “uma forma de recuperação do passado conforme concebido pelos que o viveram”. (ALBERTI, 2004, p.30). Desse modo, ela sugere que os entrevistados sejam questionados acerca de sua percepção sobre o tema no passado e no momento atual.

Nesse sentido foi importante perguntar às entrevistadas, entre outros aspectos: Quais as lembranças mais remotas que remetem à leitura? Que aspectos ou pessoas mais motivaram o desenvolvimento do gosto pela leitura? Quais as lembranças de leitura ligadas à escola? Quais as ligadas ao ambiente familiar? Quais as leituras ligadas às diversas fases da vida (infância, adolescência, adulta)? Quais as formas de ler preferidas? Que ambientes são mais propícios à leitura? As questões norteadoras<sup>3</sup> que buscam desvendar o sentido da leitura, nessa pesquisa, foram formuladas à luz do pensamento de Darnton (2010): “quem lê?”, “o que lê?”, “como lê?”, “por que lê?”. Essas perguntas podem levar à descoberta do “onde” da leitura das integrantes da pesquisa, possibilitando a sua contextualização.

A escolha das integrantes desse estudo seguiu, além das razões pessoais já elencadas, as orientações de Verena Alberti que assim se manifesta a respeito do processo de seleção dos entrevistados:

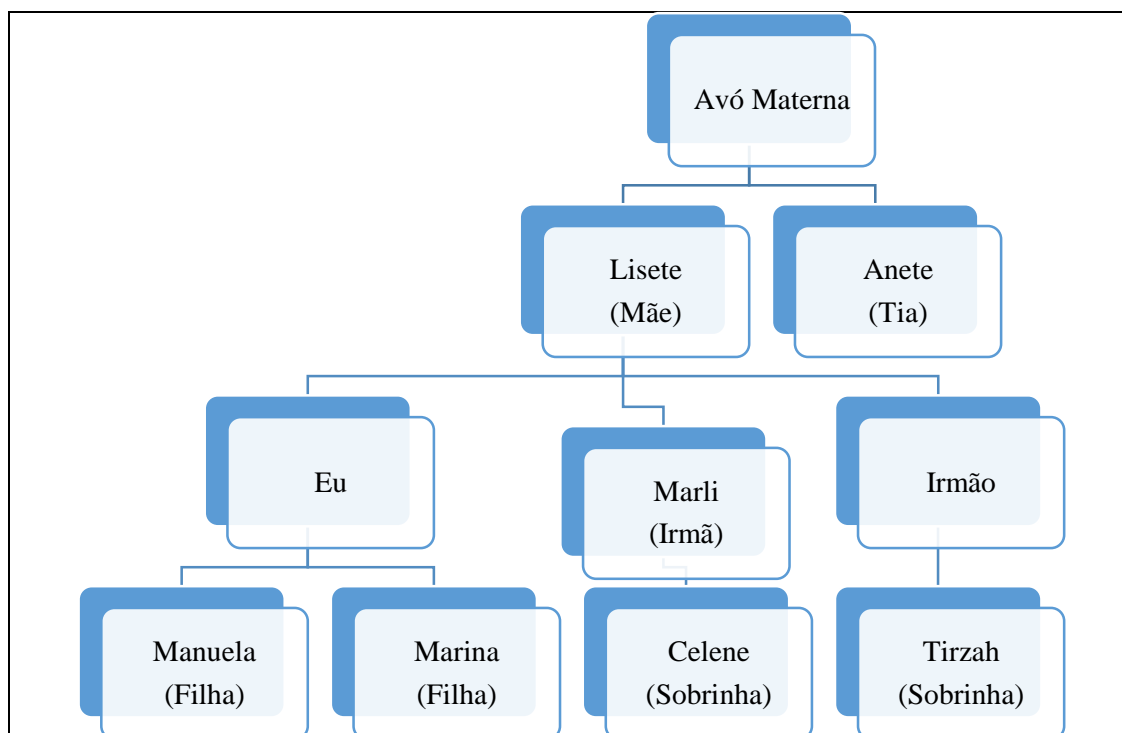
o processo de seleção de entrevistados em uma pesquisa de história oral se aproxima, assim, da escolha de ‘informantes’ [...], tomados não como unidades estatísticas, e sim como unidades qualitativas – em função de sua relação com o tema estudado – seu papel estratégico, sua posição no grupo. (ALBERTI, 2004, p. 32).

Desse modo, a escolha das mulheres da família para fazerem parte desse estudo, teve como fator primordial a relação com a leitura, considerando as percepções acerca da temática a partir das minhas próprias lembranças, bem como a posição de cada uma dentro do grupo familiar, tendo em vista os laços de parentesco. Para um adequado entendimento acerca da relação entre as integrantes da pesquisa, bem como da sua posição dentro da estrutura familiar, elaborei um esquema genealógico, situando-as em graus de parentesco relacionados a mim, tomando como base a figura de minha avó materna.

O esquema representativo da genealogia do grupo familiar está demonstrado no Quadro 1 que segue:

---

<sup>3</sup> Verificar Roteiro de Entrevistas no Apêndice A.

**QUADRO 1** – Genealogia do grupo pesquisado<sup>4</sup>.

**Fonte:** Elaboração da autora (2015).

De acordo com Alberti (2004), não é a quantidade que garante a qualidade da pesquisa. Em um estudo que segue a metodologia da História Oral os critérios de escolha são qualitativos e não, quantitativos. A articulação entre as entrevistas é que possibilitará ao pesquisador fazer as inferências significativas. Para Alberti

Uma única entrevista pode ser extremamente relevante, mas ela só adquire significado completo no momento em que sua análise puder ser articulada com outras fontes igualmente relevantes. No caso da metodologia de história oral, essas outras fontes são também e prioritariamente outras entrevistas (ALBERTI, 2004, p.36).

Nesse trabalho, a articulação entre as entrevistas foi organizada a partir dos aspectos mais recorrentes nas narrativas, considerando os objetivos propostos, à luz do marco teórico definido e está apresentada na Seção 3. Além das fontes orais, utilizo fontes bibliográficas, literárias, documentais, legais e iconográficas. O aporte teórico que forneceu subsídios ao

<sup>4</sup> Minha avó materna e meu irmão não são integrantes da pesquisa, no entanto, fez-se necessária a representação dos mesmos no esquema genealógico, em função da ascendência deles sobre três entrevistadas: minha mãe, minha tia e uma das minhas sobrinhas.

desenvolvimento dessa investigação teve como fundamento principal os estudos de Roger Chartier (1990; 1996; 1998; 1999; 2001; 2002; 2003; 2007; 2011). O projeto intelectual do historiador francês assenta-se no tripé composto pelos conceitos de práticas, representações e apropriação que, interligados entre si, fornecem possibilidades de análise e compreensão acerca da história do livro e da leitura, além do entendimento sobre a leitura como prática social e cultural.

As pesquisas de Michel de Certeau (2014) auxiliaram na interpretação das práticas cotidianas coletadas nas narrativas aqui analisadas, no que se refere às práticas de leitura, que se inserem nas “maneiras de fazer” e se revelam nas “operações” intrínsecas ao ato de ler. Segundo o autor, “ler é estar alhures, onde não se está, em outro mundo; é constituir uma cena secreta, lugar onde se entra e de onde se sai à vontade” (CERTEAU, 2014, p. 244-245). Das narrativas das mulheres que integram essa pesquisa emergiram “cenas secretas” bem como lugares e tempos percorridos na consolidação de “maneiras de fazer” intrínsecas ao cotidiano de cada uma, no lugar social ocupado por elas.

As análises de Elias (1994), serviram para fazer entender as mudanças que acontecem no decorrer da história das sociedades, considerando que a “história é sempre história de uma sociedade, mas, sem a menor dúvida, de uma sociedade de indivíduos” (ELIAS, 1994, p. 45) e que essas mudanças vão ocorrendo ao longo de várias gerações sem que sejam planejadas individualmente nem causadas por alterações da natureza. Elas acontecem na vida comunitária.

Outros autores que tem como foco de investigação a história do livro e da leitura, a exemplo de Robert Darnton (2010; 2011) e Steven Roger Fisher (2006) contribuíram, nesse estudo, com o desenvolvimento do pensamento a respeito da leitura como um processo histórico. Nas suas investigações Darnton apresenta, como pressupostos, o caráter histórico da leitura que, sendo uma atividade humana, é criativa e constituída dentro de condições sociais específicas e singulares. Segundo o historiador, é dessas condições que emergem os diversos modos de ler e as diferentes significações imbricadas na relação que se estabelece entre o leitor e o texto.

Em seu livro *A História da leitura*, Fischer (2006) apresenta os primórdios do ato de ler, mostrando desde as formas mais arcaicas até a leitura nos meios eletrônicos, fazendo uma reflexão sobre o futuro da comunicação e do mercado editorial. As análises de Fischer auxiliaram, nesse trabalho, as interpretações sobre os tipos de leitura desenvolvidos pelas integrantes, bem como sua relação com os ambientes sociais nos quais cada uma está inserida.

Alguns estudos sobre práticas de leitura no Brasil também contribuíram de forma significativa para o entendimento acerca do objeto de pesquisa aqui analisado. O livro *Álbum de leitura: memórias de vida, histórias de leitoras*, de Lilian Maria de Lacerda (2003), analisa a trajetória de doze mulheres através da literatura autobiográfica produzida por elas no que concerne à constituição dessas mulheres como leitoras e produtoras de textos. Entre outros aspectos, a obra serviu, nessa pesquisa, para problematizar a prática da leitura em diferentes contextos, identificar situações, condições e pessoas que proporcionaram o desenvolvimento dessas práticas, além de auxiliar no processo de organização da escrita final.

Focalizando o ensino da leitura na escola brasileira, Regina Zilberman (2011) detectou o papel propedêutico que a leitura tem na instituição escolar: ela serve para o conhecimento sobre a língua materna, além de proporcionar a passagem para estágios mais avançados no tocante às questões que envolvem a linguagem. Os estudos desenvolvidos pela autora contribuíram, nessa investigação, com a reflexão sobre a relação entre a escolarização, as leituras praticadas na escola e o desenvolvimento de práticas de leitura.

Também os estudos desenvolvidos por Márcia Abreu (1999; 2003) levantam questões a respeito da leitura como uma prática social historicamente constituída e possibilitaram a compreensão sobre a construção de sentidos e significados pelas leitoras nas relações estabelecidas nos seus ambientes de socialização.

Consultando o Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) a partir do critério de busca “práticas de leitura de mulheres” encontrei cinquenta e dois registros que enfatizavam aspectos diversos da leitura relacionados à formação de professores, educação de adultos, leitura de romances, livros escolares, entre outros. No entanto, meu interesse era localizar trabalhos que tratassem de memórias de mulheres relativas à sua constituição como leitoras. Pensando nisso, delimitei mais a pesquisa buscando “memórias de leitura de mulheres”, localizando nove registros que apenas tangenciavam o objeto de pesquisa pretendido, com o foco em questões diversificadas. Refinando ainda mais a busca, estabeleci como critério de seleção as palavras-chave “memória”, “memórias de leitura”, “mulheres leitoras” e “narrativas”. Foram localizadas duas dissertações que seguiram percursos metodológicos semelhantes.

A primeira delas, a dissertação de mestrado de Márcia Prenda Teixeira, intitulada “*A Mulher como leitora: memórias de professoras*” foi defendida em 2011 na Universidade Federal da Grande Dourados. O objetivo do trabalho foi perceber através das memórias de leitura de cinco professoras, o que estava disponível à mulher como leitura, bem como se

existiam proibições relativas ao material escrito a que tinham acesso e o que as mesmas se interessavam em ler. Utilizando as técnicas da História Oral como opção metodológica, a autora analisou a leitura considerando-a um bem cultural. Foram entrevistadas cinco mulheres que viveram em diferentes épocas, buscando nas suas memórias de vida a compreensão da mulher como leitora na cidade de Dourados, Mato Grosso do Sul.

Defendida em 2001, na Universidade do Estado da Bahia, a dissertação de mestrado de Anaíris Feirense de Castro Ramos, tem como título “*Sob a copa dos eucaliptos: memória de leitura de mulheres do Centro Cultural Récreo-Educativo Monsenhor Amílcar Marques*”, agremiação existente na cidade de Feira de Santana, na Bahia. O estudo buscou analisar as práticas de leitura de sete mulheres, donas de casa e costureiras, realizado a partir de um enfoque autobiográfico, através de depoimentos orais. Fazendo uso da entrevista como principal fonte, a autora estudou as histórias de leitura de sete mulheres, com o objetivo de discutir práticas de leitura e as representações dessas práticas presentes nas narrativas.

Com o propósito de buscar subsídios para a investigação sobre um público formado por leitoras, foi necessário recorrer a um grupo de pesquisadoras que se debruçaram sobre o universo feminino e produziram trabalhos acerca da relação entre mulheres, leitura, escolarização, regras familiares e costumes. Insere-se nessa categoria a tese de doutoramento de Jane Soares de Almeida (1998), transformada em livro pela Editora da Universidade Estadual Paulista – UNESP, intitulado “*Mulher e Educação: uma paixão pelo possível*”, que faz uma reflexão sobre a condição feminina analisando memórias de mulheres e suas histórias de vida.

Da mesma forma trouxe contribuição a esse estudo o trabalho de Maria Arisnete Câmara de Moraes (2002), “*Leituras de mulheres no século XIX*”, apresentado para doutoramento, conjugando duas vertentes, mulher e leitura, tratando do tema a partir de três linhas: gênero, leitura e cultura letrada no Brasil. A autora nos mostra que as práticas de leitura se modificam conforme mudam os aspectos sociais, configurando as diversas maneiras de ler um texto.

De grande relevância para analisar o contexto vivido pela mulher no período compreendido entre os anos 1945 e 1960, o livro de Carla Bassanezi Pinsky (2014), “*Mulheres dos Anos Dourados*”, apresenta uma análise sobre as publicações que eram direcionadas, à época, para o público feminino, em especial as revistas que tratavam sobre as transformações nas relações familiares, nos costumes, na sexualidade.

Ajudaram na compreensão do objeto de estudo e forneceram subsídios de cunho teórico e metodológico três trabalhos desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação em Educação da



UFS: as dissertações de Maria Lúcia Marques Cruz e Silva (2006) e Sônia Pinto de Albuquerque e Melo (2009), bem como a tese de doutorado de Sônia Pinto de Albuquerque e Melo (2015).

Maria Lúcia Marques Cruz e Silva (2006) analisou a “*Revista Litteraria do Gabinete de Leitura de Maroim*” e, embora o foco não tenha sido as práticas de leitura, procurou estabelecer uma relação entre os livros e os leitores que frequentavam o gabinete. Além disso o trabalho teve como cenário a cidade que foi o berço de origem das integrantes do meu estudo, contribuindo com a visão dos aspectos que determinaram a conjuntura econômica e social do município, no período em questão, perdurando até as décadas iniciais do século XX.

A dissertação de Sônia Pinto de Albuquerque e Melo (2009), intitulada *Representações das práticas de leitura de normalistas do Instituto de Educação Rui Barbosa durante as décadas de 60 e 70 do século XX*, “fez um estudo sobre as representações de leitura de alunas normalistas daquela instituição, utilizando-se de fontes literárias e orais. A autora buscou compreender o processo de formação das ex-normalistas através das experiências de leitura relatadas por elas.

A mesma autora, na sua tese de doutorado, investigou a contribuição das leituras de lazer no processo de formação das alunas do Instituto de Educação Rui Barbosa, entre as décadas de 60 e 70 do século XX. Para atingir os objetivos propostos, a autora fez uso de fontes orais, através de entrevistas realizadas com dezesseis ex-alunas, e documentais, constituídas por revistas femininas, especificamente a revista *Capricho*.

Os dois estudos acima contribuíram com essa investigação para o entendimento acerca das representações de leituras de mulheres, bem como para a identificação das formas de impressos destinados ao público feminino, da apropriação e circulação desse material entre mulheres, além de auxiliar no percurso metodológico e teórico.

Uma abordagem autobiográfica tem como elemento fundante a memória<sup>5</sup> que, para Abrahão, “é o componente essencial na característica do narrador com que o pesquisador trabalha para poder (re) construir elementos de análise que possam auxiliá-lo na compreensão de determinado objeto de estudo” (ABRAHÃO, 2003, p. 80). Nessa perspectiva, foi utilizado

---

<sup>5</sup> Foi privilegiada neste trabalho a memória individual tanto das narradoras quanto da pesquisadora, entendendo, no entanto, que estão elas atreladas às relações sociais e culturais de cada geração em diferentes espaços geográficos.

o conceito de memória à luz do pensamento de Halbwachs (1968), Bosi (1994; 2003) e Pollak (1989; 1992).

Halbwachs afirma que, sendo seres sociais, “nunca estamos sós”, por isso “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos” (HALBWACHS, 1968, p. 26). O sujeito que lembra é um sujeito inserido em um grupo social, do qual participa ou já participou. Segundo o autor, estamos sós apenas na aparência, uma vez que todos os nossos pensamentos são pensamentos que, de alguma forma estão ligados a outras existências, nos remete a outras pessoas e, portanto, todas as nossas lembranças são construídas socialmente. A memória individual, assim, “não está inteiramente isolada e fechada” (HALBWACHS, 1968, p. 54) e lembrar o passado significa evocar, também, as lembranças de outros, dentro de um limite de espaço e de tempo.

Para Ecléa Bosi “a memória opera [...] escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo” (BOSI, 2003, p. 31) e esses acontecimentos se tornam mais fortes na lembrança quando possuem uma significação em um coletivo.

Michael Pollak trouxe uma grande contribuição a esse trabalho com a sua concepção, definindo três elementos constitutivos da memória: acontecimentos, pessoas e lugares que podem ser reais ou podem ser projeções de outros eventos. Para Pollak a memória é seletiva e pode ser construída de forma consciente ou inconsciente. Essa seletividade define o que é necessário memorizar, o que convém relembrar para trazer à tona memórias de leitura e memórias de vida que compõem essa pesquisa.

Além da introdução, intitulada **Considerações iniciais: no início ... uma ideia, apenas**, onde apresento o desenvolvimento da investigação, o “estado da arte”, o embasamento teórico e o percurso acadêmico rumo aos procedimentos metodológicos, essa dissertação foi organizada em três seções. A primeira seção, **Contextualizando a Pesquisa**, descreve o percurso metodológico trilhado, as etapas da investigação e apresenta as integrantes da pesquisa, situando-as dentro da comunidade de leitoras na qual estão inseridas. Para tanto, a seção está dividida em duas partes: **Percurso metodológico** e **Mulheres leitoras: as integrantes da pesquisa**.

A materialidade da leitura, as mudanças pelas quais passaram os suportes de leitura, incidindo sobre os modos de ler, segundo os tempos e lugares, estão descritas na segunda seção, denominada **Leitura: uma prática social**. Ainda nessa seção, são apresentados alguns aspectos

sobre a leitura feminina, dentro de uma concepção histórica. Nesse sentido o texto está dividido em duas partes: **Materialidade da leitura e Leitura feminina**.

Por fim, a terceira seção, **Lembranças de práticas de leitura: relatos de vida**, analisa as narrativas das integrantes da pesquisa, à luz do debate estabelecido com o conceito de memória, a partir das concepções dos autores Maurice Halbwachs, Ecléa Bosi e Michael Pollack, dialogando com os pressupostos da História Oral, além dos autores que estudam a história do livro e da leitura. A seção é composta pelo item **História oral, memórias e narrativas** e pelos subitens: **Elementos incentivadores da leitura; Leituras no ambiente familiar; Leituras no ambiente escolar; Leituras no momento atual**.

Nas **Considerações finais: ideias para concluir... sem finalizar**, retomo as abordagens feitas em cada seção e suas divisões, procurando alinhar o que foi coletado através das narrativas à linha teórica escolhida, aos conceitos utilizados, buscando responder às questões norteadoras levantadas no início da pesquisa, expondo as minhas conclusões a respeito da temática abordada, além de levantar possibilidades de novos estudos. O trabalho traz, ainda, três apêndices e cinco anexos.

Os dois primeiros apêndices apresentam o roteiro de entrevistas e o modelo do termo de consentimento que foi assinado pelas integrantes da pesquisa. O terceiro traz a relação de livros existentes em minha biblioteca pessoal, selecionados entre os que tem e/ou tiveram uma importância fundamental na minha trajetória de vida, não incluídos os que ainda não foram lidos, assim como as cópias de livros que não são mais editados.

Nos cinco anexos estão as relações dos livros existentes nas bibliotecas de cinco das integrantes dessa investigação, elaboradas por cada uma. Não há uma preocupação em demonstrar gêneros literários, preferências por autores, nem tampouco, relacionar os títulos às práticas desenvolvidas durante as trajetórias de vida, mas inventariar os impressos que elas possuem.

A escolha de um objeto de pesquisa não é uma atividade fácil. É uma atividade arbitrária, aliada a questões outras como as de cunho teórico e metodológico. Optar por um objeto relacionado às práticas desenvolvidas em um ambiente onde as relações estabelecidas são de intimidade e afetividade, teve um componente emocional permeado por razões acadêmicas. Assumo todos os riscos inerentes ao componente de caráter sentimental.

Ressalto, ainda, que apresento algumas fotografias e imagens e o faço por uma questão ilustrativa e representativa das lembranças de livros, bem como de alguns elementos da

materialidade dos textos que marcaram as práticas de leitura das integrantes dessa pesquisa sem, contudo, me deter na análise dessa materialidade.

Essa investigação terá atingido seu objetivo se, mais do que obter respostas, levantar indagações e abrir novas perspectivas de estudos e pesquisas, deixando em aberto questões que poderão ser retomadas por outros pesquisadores ou por mim, em estudos futuros.

## 1. CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA

Mais que das intenções, eu gostaria de apresentar a paisagem de uma pesquisa e, por esta composição de lugar, indicar os pontos de referência entre os quais se desenrola uma ação. O caminhar de uma análise inscreve seus passos, regulares ou ziguezagueantes, em cima de um terreno habitado há muito tempo (CERTEAU, 2014, p. 38).

### 1.1 O PERCURSO METODOLÓGICO

O caminho metodológico deste estudo, iniciado desde as primeiras incursões entre livros e textos privilegiou, em princípio, a pesquisa bibliográfica, uma vez que:

uma das tarefas fundamentais de todo trabalho intelectual consiste, [...] em fazer justiça, através de uma leitura atenta, às obras que ajudam a aperfeiçoar os parâmetros intelectuais necessários para compreender de outra maneira as velhas questões (CHARTIER, 2011, p. 30-31).

Sendo assim, a construção deste percurso considerou todas as aprendizagens adquiridas nas leituras orientadas e naquelas que iam abrindo caminhos rumo às escolhas e possibilidades de pesquisa. Partindo do pressuposto de que “para realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre [...] as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico construído a respeito dele” (LÜDKE e ANDRÉ, 2013, p. 1-2), estudar intensamente os autores já elencados foi crucial para dar início à investigação em foco.

A participação nos Congressos de Leitura (COLE),<sup>6</sup> a partir de 2012, possibilitou o contato mais próximo com o tema, evidenciou o panorama das pesquisas sobre leitura que acontecem nos programas de pesquisa do país e serviu para estabelecer contatos com a produção na área. Da mesma forma, os dois eventos do Seminário Internacional sobre História do Ensino da Leitura e Escrita (SIHELE),<sup>7</sup> contribuíram para o adequado esclarecimento a respeito das

<sup>6</sup> Congressos organizados pela Associação de Leitura do Brasil (ALB), realizados bianualmente, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), localizada em Campinas, São Paulo, reúnem pesquisadores nacionais e internacionais interessados na temática da leitura e suas práticas.

<sup>7</sup> Organizado pela Associação Brasileira de Alfabetização (ABALF), o II SIHELE aconteceu em 2013, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), reuniu pesquisadores nacionais e internacionais, entre eles, Roger Chartier que, em uma conversa informal e generosa, me orientou sobre a realização de entrevistas em um processo de investigação nas Ciências Humanas. Segundo o historiador, uma mesma integrante da pesquisa deve ser entrevistada mais de uma vez, em momentos distintos, a respeito do mesmo tema. Essa orientação foi seguida nessa dissertação.

diversas modalidades históricas da leitura, além de fornecer a concepção segundo a qual, para além do aspecto meramente intelectual do livro, outros fatores como editores, ilustradores, participam da produção de sentidos assimilados pelo leitor.

Ao optar pelo tema investigado, tinha em mente que “o interesse do pesquisador ao estudar determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas” (LÜDKE e ANDRÉ, 2013, p. 13). Sendo assim, a busca do objeto pesquisado procurou verificar, nos vestígios do passado, traços de um cotidiano vivido em momentos e lugares por vezes partilhados, tentando compreender as relações familiares, buscar as pistas de leitura nas rotinas domésticas, as permissões e as proibições que porventura existiram em algumas épocas. A caracterização das integrantes da pesquisa está demonstrada no Quadro 2:

**Quadro 2** – Caracterização das integrantes da pesquisa<sup>8</sup>

Nome	Data de nascimento	Grau de parentesco <sup>9</sup>	Profissão
Lisete	26.03.1922	Mãe	Costureira (aposentada)
Anete	18.10.1924	Tia	Dona de casa
Marli	26.08.1944	Irmã	Farmacêutica (aposentada)
Marluce	05.02.1956	_____	Pedagoga
Celene	13.11.1969	Sobrinha	Arquiteta/Engenheira
Manuela	27.04.1983	Filha	Arquiteta
Tirzah	12.10.1983	Sobrinha	Médica
Marina	05.11.1987	Filha	Jornalista

**Fonte:** Elaboração da autora (2015).

Após a delimitação das integrantes da pesquisa foi necessário definir qual a técnica mais adequada para obter as informações que melhor conduzissem às respostas para as questões norteadoras desse trabalho. A entrevista apresentou-se como mais apropriada, considerando que na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Especialmente nas

<sup>8</sup> A apresentação dos nomes no Quadro 2 foi organizada em ordem crescente por datas de nascimento.

<sup>9</sup> O grau de parentesco foi especificado em relação a mim, para fins de entendimento da posição de cada uma das participantes. Para melhor compreensão da posição de cada integrante, verificar também o Quadro 1, na p. 15.

entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema com base nas informações que ele detém (LÜDKE e ANDRÉ, 2013, p.39).

A relação de interação e reciprocidade estabelecida nos momentos das entrevistas procurou respeitar a imparcialidade necessária para que não houvesse interferência nas respostas uma vez que, por se tratar de pessoas pertencentes à minha família, essa interação já existia naturalmente. Um clima de confiança e respeito mútuos foi instalado e assim permaneceu durante todos os momentos das entrevistas. A capacidade de ouvir atentamente as narrativas foi importante para que as informações pudessem fluir sem interrupções, em um primeiro momento, de acordo com as orientações de Lüdke e André, segundo as quais

Ao lado do respeito pela cultura e pelos valores do entrevistado, o entrevistador tem que desenvolver uma grande capacidade de ouvir atentamente e de estimular o fluxo natural de informações por parte do entrevistado. Essa estimulação não deve, entretanto, forçar o rumo das respostas para determinada direção. Deve apenas garantir um clima de confiança, para que o informante se sinta à vontade para se expressar livremente (LÜDKE e ANDRÉ, 2013, p. 41).

A partir das narrativas expressadas livremente foi possível estabelecer a condução das perguntas complementares, que tiveram pontos comuns e, em determinados momentos, seguiram roteiros específicos direcionados pelas falas e reflexões próprias de cada uma. Esses relatos constituíram-se nas principais fontes documentais do estudo, entendendo que é na construção do documento que se revela a subjetividade existente “nas variações do parâmetro dado pelo estabelecido como verdade” (MEIHY e HOLANDA, 2015, p. 124). A verdade expressa em cada palavra dita pelas entrevistadas define-se pela “circunstância empírica” de cada narrativa que expõe fatos cuja legitimidade é estabelecida no conjunto das histórias de vida.

Sobre a relação entre entrevistado e pesquisador, Alberti também afirma que

O ideal numa situação de entrevista, é que se caminhe em direção a um diálogo informal e sincero, que permita a cumplicidade entre entrevistado e entrevistador, à medida que ambos se engajam na reconstrução, na reflexão e na interpretação do passado. Essa cumplicidade pressupõe necessariamente que ambos reconheçam suas diferenças e respeitem o outro enquanto portador de uma visão de mundo diferente, dada por sua experiência de vida (ALBERTI, 2004, p. 102).

As entrevistas aconteceram visando a uma retomada do passado, sem permitir que a relação genética atrapalhasse ou influenciasse a situação. Foi necessária uma conversa prévia a respeito da minha posição no mestrado e da importância, para minha vida acadêmica, da investigação sobre práticas de leitura. Segundo Menga Lüdke e Marli André

É muito importante que o entrevistado esteja bem informado sobre os objetivos da entrevista e de que as informações fornecidas serão utilizadas exclusivamente para fins de pesquisa, respeitando-se sempre o sigilo [...] É preciso que ele concorde, a partir dessa confiança, em responder às questões (LÜDKE e ANDRÉ, 2013, p. 44).

Para isso foram expostos, inicialmente e individualmente, os motivos da pesquisa, suas etapas e a importância de cada uma na investigação em andamento. A utilização dos nomes verdadeiros foi consentida por todas e cada uma assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido<sup>10</sup>. O Roteiro de Entrevistas<sup>11</sup> previamente elaborado foi disponibilizado para todas as integrantes, antes do início do processo.

Optei pela entrevista semiestruturada por entender que seria o tipo mais adequado à abordagem pretendida, uma vez que o roteiro com perguntas abertas possibilitaria uma melhor interação entre entrevistador e entrevistado, maior flexibilização no controle do tempo, além de proporcionar a inclusão de perguntas complementares, quando se fizesse necessário.

Foi privilegiado neste trabalho o estilo narrativo por ajustar-se à forma pela qual as histórias foram contadas pelas entrevistadas e pelo fato de que “narrar, nesse contexto, significa recontar histórias que descrevem, expõem e (co) memoram certos pontos de vista sobre leitura e seus usos” (LACERDA, 2003, p. 30). A narrativa possibilita a compreensão de valores, de normas e condutas vivenciadas ao longo de existências distintas e, segundo Bosi, “mais do que o documento unilinear, [...] mostra a complexidade do acontecimento” (BOSI, 2003, p.19).

Nas entrevistas foram evidenciados acontecimentos do cotidiano, em diferentes épocas de vidas, que tiveram uma participação significativa no estabelecimento das práticas de leitura desenvolvidas ao longo da existência dessas mulheres. Através da narrativa elas contaram suas histórias, lembrando momentos que viveram e que foram, em maior ou menor medida, cristalizadores de crenças, valores e atitudes.

---

<sup>10</sup> O modelo do Termo de Consentimento encontra-se no Apêndice B.

<sup>11</sup> Ver Roteiro de Entrevistas no Apêndice A.



Narrar a própria vida significa, também, compartilhar sentimentos, emoções, vivências e experiências, dando-se a ver para que o pesquisador possa perceber, nessas múltiplas linguagens, a subjetividade do outro e, assim, reconstruir histórias de vida. Para Cunha

A narrativa como expressão da memória que imprime identidade e alteridade, constituída por falas e silêncios que significam é construção dinâmica e singular, ocorrendo por processos de interpretações das lembranças, das memórias, reveladas pela linguagem e reguladas pelas emoções, pelos contextos diversos nos quais se evocam as memórias (CUNHA, 2008, p. 207).

Ao lembrar fatos relacionados à leitura, as mulheres entrevistadas narraram os diversos usos que fizeram dos textos impressos e dos livros com os quais tiveram contato, aqueles que por motivos distintos permaneceram na lembrança, livros que evocam um tempo às vezes distante, às vezes mais recente, em uma constante troca entre o passado e o presente. São diferentes tempos, diferentes lugares que brotam através da memória, possibilitando um reencontro com histórias vividas. Complementando seu pensamento a respeito da evocação da memória, Cunha afirma:

Mais do que procurar respostas fixas nas memórias, estas devem servir como um meio de compreensão dos sentidos, significados e emoções experienciadas durante a vida. Lembrar de si, autodescrever-se é reencontrar-se com a história de um eu vivido, reinterpretado por representações de si (CUNHA, 2008, p. 208).

Para a realização das entrevistas tive em mente o respeito ao vivido pelas entrevistadas e ao rigor metodológico necessário, consciente de que, nesse caso, em se tratando de pessoas da minha família, com as quais existe uma relação de intimidade muito próxima, as narrativas, em alguns momentos, retratariam aspectos da minha própria vida e que iria, naqueles momentos, lançar meu olhar “sobre a subjetividade expressa na narrativa oral” [...] além de “trabalhar a problemática da compreensão de si e dos outros” (JOSSO, 2004, p. 222). Faz parte da condição humana a possibilidade de reflexão sobre a própria vida e sobre a relação com os outros.

As entrevistas aconteceram individualmente e todas as integrantes foram entrevistadas em três momentos distintos. Entre as sete mulheres entrevistadas, apenas duas residem em Aracaju: Lisete e Marina. Anete mora no Rio de Janeiro, Marli em Salvador, Manuela em São Paulo, capital, Tirzah em Campinas e Celene reside no exterior, na cidade do Panamá, no entanto, faz parte da rotina familiar o contato frequente e contínuo entre todas. A distância não

se constituiu em um empecilho nem, tampouco, em um elemento causador de dificuldades para a pesquisa.

As primeiras entrevistas com as integrantes que não residem em Aracaju aconteceram por telefone, em viva voz, com gravação simultânea, garantindo a efetividade dos registros. O primeiro momento, para todas, foi de narrativa livre, sem interferência, seguindo o roteiro: lembranças mais remotas de leitura, leitura em família, leitura na escola, leituras nas diversas fases do ciclo vital (infância, juventude, fase adulta, momento atual). Durante o desenvolvimento da pesquisa aconteceu o casamento de uma das participantes, Tirzah. Com exceção de Anete, as demais integrantes da pesquisa estiveram presentes no evento, o que possibilitou que a segunda entrevista acontecesse presencialmente, porém, mantendo a forma individual, evitando interferências que poderiam ser causadas pelas lembranças inter-relacionadas. A dinâmica das entrevistas está demonstrada no Quadro 3.

**Quadro 3** – Dinâmica das entrevistas.

Nome	Técnica de entrevista	Local
Lisete	Em três momentos presenciais, com utilização de gravador	Aracaju
Anete	Em três momentos via telefone, em viva voz, com gravação simultânea	Aracaju/Rio de Janeiro
Marli	Em dois momentos via telefone, em viva voz, com gravação simultânea e um momento presencial, com utilização de gravador	Aracaju/Salvador Aracaju
Celene	Em dois momentos via telefone, em viva voz, com gravação simultânea e um momento presencial, com utilização de gravador	Aracaju/Panamá Aracaju
Manuela	Em dois momentos via telefone, em viva voz, com gravação simultânea e um momento presencial, com utilização de gravador	Aracaju/São Paulo Aracaju
Tirzah	Em dois momentos via telefone, em viva voz, com gravação simultânea e um momento presencial, com utilização de gravador	Aracaju/Campinas Aracaju
Marina	Em três momentos presenciais, com utilização de gravador	Aracaju

**Fonte:** Elaboração da autora (2015).

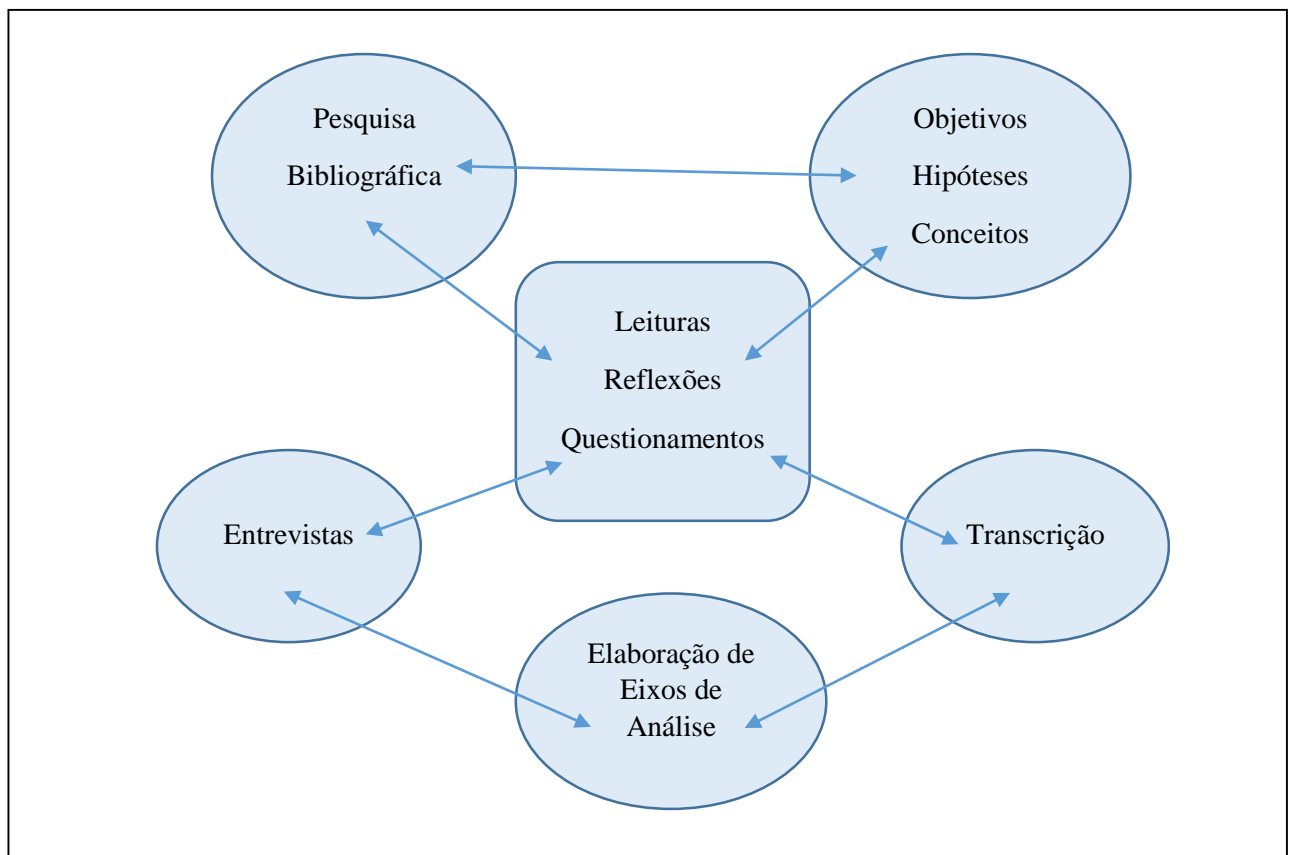
Na transcrição das entrevistas foram suprimidas algumas marcas da oralidade, como repetições excessivas e frases interrompidas, para possibilitar coerência entre o oral e o escrito sem, contudo, ferir a narrativa original. Foi um trabalho que consumiu várias horas de muitos

dias, produzindo informações que naqueles momentos formavam um todo indiferenciado, não proporcionando, ainda, a distinção entre o que era, ou não, relevante para a pesquisa.

As etapas de uma investigação possuem uma dinamicidade que as coloca em permanente interligação, em um movimento constante de ir e vir que se completam e se complementam, na medida em que estão em jogo informações que devem ser avaliadas e reavaliadas à luz de um quadro teórico e conceitual que produz questionamentos e suscita dúvidas a todo momento. Durante o percurso da pesquisa foi necessário tomar decisões sobre quais aspectos deveriam ser enfatizados, quais poderiam se relativizados e, até mesmo deixados de lado, em um processo de aprendizado permanente. O retorno à bibliografia durante todo o processo de pesquisa foi extremamente importante e imprescindível para o estabelecimento de conexões e relações que possibilitaram uma adequada interpretação.

A dinâmica do processo investigativo está expressada no Quadro 4, apresentado abaixo:

**Quadro 4** – Sistematização do percurso investigativo.



**Fonte:** Elaboração da autora (2015).

A análise dos dados coletados nas entrevistas exigiu uma organização e sistematização a partir do cruzamento entre as diversas narrativas. Foi o momento de leituras reiteradas das

transcrições, à luz do quadro teórico já definido, questionamentos, apontamentos, em uma tarefa que segundo Amado (2000) “exige grande atenção, boa memória e muita paciência para revisões constantes, num processo que, embora rigoroso, não deixa de ser de tentativa e erro” (AMADO, 2000, p. 57), implicando em um trabalho de interlocução constante entre histórias de vida e histórias de leitura.

O autor afirma que essa se constitui na fase mais problemática, no entanto, de maior criatividade, uma vez que exige escolhas a partir de “inferências interpretativas” à luz do aporte teórico selecionado. É o momento de comparação entre relatos “da mesma fonte em tempos diferentes”, que se intercalam com narrativas de diferentes pessoas sobre tempos e espaços diversos, constituindo-se em um processo de “esquartejamento do texto e do seu sentido imediato, visível”, de onde se descortinarão outros sentidos (AMADO, 2000).

Visando a uma interpretação adequada que levasse à análise coerente dos dados, construí, a partir das narrativas e considerando nelas a recorrência de alguns aspectos específicos, eixos de análise definidos através do esforço interpretativo dos dados coletados, levando-se em conta o quadro teórico escolhido e os objetivos da investigação. Foram formulados os seguintes eixos de análise: 1 – elementos incentivadores da leitura; 2 – leituras no ambiente familiar; 3 – leituras no ambiente escolar; 4 – leituras no momento atual. Os eixos que serviram de fio condutor para uma adequada análise e interpretação dos dados coletados pressupõem definições que tornam claras as características surgidas no trabalho de transcrição das entrevistas, conforme definidas abaixo:

I – Elementos incentivadores da leitura: referem-se aos aspectos ou pessoas apresentadas pelas entrevistadas como sendo responsáveis pela emergência do desejo de aprender a ler ou que possibilitaram, em alguma medida, que o ato de ler se tornasse real.

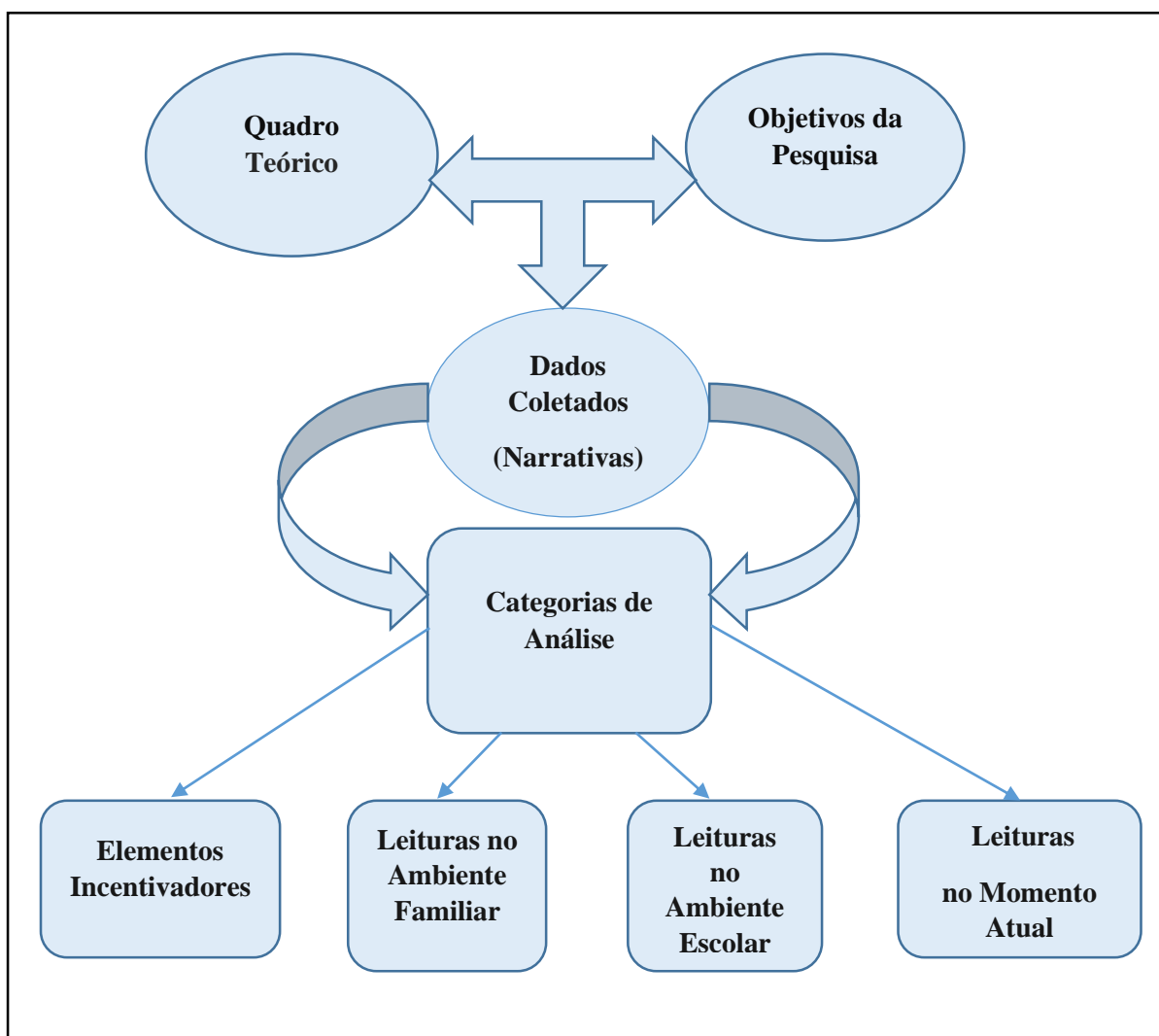
II – Leituras no ambiente familiar: compreende as práticas de leitura desenvolvidas em casa, por membros da família ou ligados a ela. Incluem-se nesse eixo os materiais lidos, assim como os modos de ler, as leituras que permaneceram nas lembranças.

III – Leituras no ambiente escolar: trata-se de leituras vivenciadas nas atividades escolares, os materiais didáticos, as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores, os aspectos escolares que permaneceram na memória.

IV – Leituras no momento atual: definidas pelo que elas estão lendo na atualidade, tipo de leitura, gênero, modos de ler, frequência com que leem.

O esquema demonstrativo da estruturação da pesquisa e criação dos eixos de análise está explicitado no Quadro 5.

**Quadro 5** – Esquema interpretativo para a análise das informações coletadas.



**Fonte:** Elaboração da autora (2015).

Após o processo de transcrição, as narrativas foram interpretadas cruzando informações e teorias, para conferir significados ao que foi relatado pelas entrevistadas. Esse momento exigiu intenso esforço no sentido de um distanciamento nem sempre possível, tendo em vista que as narrativas me incluíam, muitas vezes, como protagonista daquelas histórias.

A partir do exposto, resalto que esse trabalho teve como objetivo geral:

- Investigar as práticas de leitura como elemento de formação de oito mulheres de gerações diferentes, pertencentes à minha família.

A partir do objetivo geral delimitei como objetivos específicos:

- Analisar o processo de constituição de mulheres como leitoras.

- Identificar a participação da família no estabelecimento de práticas de leitura.
- Compreender a relação entre práticas de leitura, educação familiar e escolarização.

## 1.2 MULHERES LEITORAS: AS INTEGRANTES DA PESQUISA

É importante ressaltar que me incluo nessa investigação e que disso decorre o enfoque autobiográfico desse estudo, razão pela qual, nos eixos de análise estão inseridas, também, as minhas vivências e minhas memórias, assumindo, conforme Passegi, “o risco de colocar em jogo nessa tarefa a imagem de si para o outro e a imagem de si para si mesmo” (PASSEGI, 2010, p. 34). Penso ser absolutamente necessário que a minha trajetória como leitora faça parte desse estudo, considerando que ela surge, naturalmente, nas trajetórias de vida aqui apresentadas, além de que ela, em grande medida, deu início a essa investigação. Nas narrativas sobre si mesmas, mais do que abordarem as memórias de leitura, as entrevistadas relataram suas vidas, suas experiências, seus processos formativos, seus pertencimentos, suas realidades. É da condição humana refletir sobre si, dar sentido a suas práticas, representar-se. O sentido de representação definido por Chartier (2009) permite entender como os indivíduos se percebem e percebem os outros nas relações sociais estabelecidas nos grupos dos quais fazem parte, sendo assim, “a noção de representação não nos afasta nem do real nem do social” (CHARTIER, 2009, p. 51), não se constituindo em imagens nem verdadeiras nem falsas, mas tonando possível a crença de que o passado é aquilo que dizem que é.

De acordo com Darnton (2010), o “onde” da leitura configura-se em um aspecto de relevante importância “porque a contextualização do leitor em seu espaço pode fornecer indícios sobre a natureza de sua experiência” (DARNTON, 2010, p. 180). Compartilhando dessa premissa, penso ser necessário apresentar, resumidamente, o perfil de cada uma das integrantes desse estudo, buscando os indícios das experiências vividas por cada uma. A breve descrição é formada por um texto de apresentação intercalado com uma imagem representativa.

**Lisete**, minha mãe, tem 93 anos, nasceu na cidade de Maruim<sup>12</sup>, em março de 1922, filha de José Francisco e Floriza, é costureira aposentada e gosta muito de falar sobre o passado,

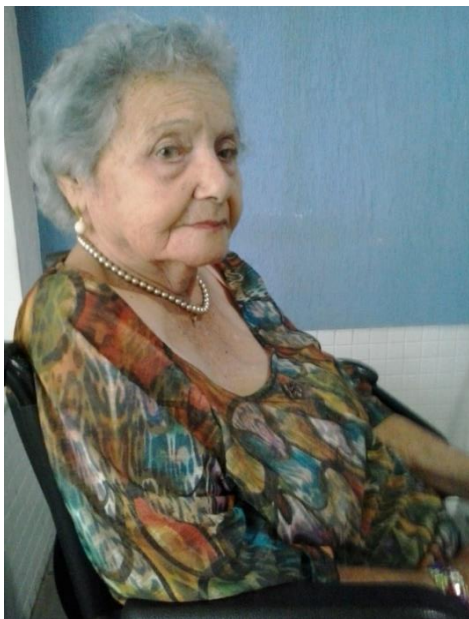
---

<sup>12</sup> A cidade está situada na microrregião do Vale do Cotinguiba, em Sergipe, composta por sete municípios. Segundo alguns historiadores, “Sergipe nasceu em Maruim”. De acordo com Maria Lúcia Marques Cruz e Silva, a força política desse município já foi tão grande que houve épocas em que existiam oito consulados, construídos graças às plantações de cana-de-açúcar e algodão, que atraíam os europeus para as terras sergipanas. Localizada a 30 quilômetros de Aracaju, foi em séculos passados, o grande centro comercial do Estado. Sua posição

especialmente da época em que morava com os pais e irmãos. As lembranças desse tempo são sempre recordações de um tempo muito feliz e demonstram o apego à família e à casa, definidos em frases como “Minha infância foi muito feliz. Eu tinha minha mãe, meu pai e cinco irmãos: três mulheres e dois homens”.

A família teve seu sustento garantido pelo comércio de secos e molhados aos cuidados da mãe e pela atividade pesqueira do pai, entrando em um período de dificuldades financeiras após minha avó ter sido acometida por grave enfermidade, necessitando entrar em intensa rotina médica, em Aracaju, período que culminou em sua morte prematura, segundo relatos de minha mãe, momento em que o controle emocional da família teve que ser assumido por ela, aos 18 anos. Dois anos depois, por pressões familiares e de cunho prático, casou e veio morar em Aracaju.

**Figura 5:** Lisete em foto recente.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

Afirma, sobre seu casamento que “ não me casei; me casaram”, no entanto, diz que “fui muito feliz com seu pai e naquele momento, sem mãe, não tinha outro jeito”. Permaneceu casada por 61 anos, estando viúva há 12 anos.

---

privilegiada, às margens do Rio Ganhamoroba, permitiu a instalação de várias casas comerciais de grande porte, no século XVIII, bem como o estabelecimento de intensas atividades secundárias, como a pesca e o comércio de secos e molhados. Informações gerais sobre alguns aspectos da história do município podem ser conferidas em Silva (2006).

Lisete viveu em Maruim, portanto, em um período de estabilização econômica, considerando que, o município exibia, ainda, a força do início do século, possuindo vários engenhos de açúcar e indústrias têxteis, além de manter um abastado centro comercial. O pai dela possuía barcos pesqueiros e, por esse motivo, ou talvez em decorrência disso, residiam no bairro de pescadores Lachez<sup>13</sup>, considerado pela classe dos prósperos comerciantes e industriais, como sendo um bairro de pessoas de baixa renda.<sup>14</sup> No entanto, segundo ela, a vida era “bastante confortável” e o bairro era “muito próspero”.

Estudou nas escolas de primeiras letras particulares, no centro da cidade, apesar de no bairro existir uma escola que funcionava em uma casa pertencente ao pai dela, alugada à prefeitura. De acordo com as palavras dela “minha mãe só queria que a gente estudasse e se misturasse com meninas de “meio melhor que o da gente”. Mas a relação era apenas de estudo. “A gente só saía de casa pra escola e pra igreja”.

Minha mãe conheceu meu pai após a morte de minha avó e um ano depois estavam casados. Um dia após o casamento ele embarcou<sup>15</sup>, passando os próximos 16 anos menos em casa do que no mar, incluindo os difíceis anos da guerra. Segundo Lisete, os anos de estudo em que aprendeu a ler, escrever e contar foram de fundamental importância para que ela pudesse se estabelecer sem a presença do marido, tendo que criar a família com o trabalho de costureira, sendo “o homem da casa”.

**Marli**, minha irmã, filha mais velha de Lisete, nasceu em Maruim, tem 71 anos. Estudou no Colégio Nossa Senhora de Lourdes<sup>16</sup> e no Colégio Estadual de Sergipe<sup>17</sup>, em Aracaju. Reside em Salvador desde 1963, quando foi aprovada no vestibular para o curso de Farmácia, na Universidade Federal da Bahia, onde conheceu aquele que viria a ser seu marido, após a formatura de ambos. Após o casamento Marli foi morar em Jacobina, cidade da Bahia, em

---

<sup>13</sup> A denominação do bairro foi dada em homenagem a um importante comerciante francês que por lá se estabeleceu em 1822, Henrique José Lachez. Informações disponíveis em <http://www.maruim.net>.

<sup>14</sup> Grande parte das informações a respeito da vida cotidiana de minha mãe, em Maruim, foram coletadas a partir da visão dela própria.

<sup>15</sup> Meu pai era da Marinha Mercante, funcionário da Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro desde 1923, aposentando-se em 1958. Foi incorporado à Marinha de Guerra quando o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial. Sobreviveu a dois naufrágios, escapando do torpedeamento do navio Baependi, na costa sergipana em 1942, por ter sido escalado para outro navio no instante do embarque.

<sup>16</sup> Escola confessional católica, foi instalada no início do século XX, em Aracaju. Primeira instituição católica exclusivamente para moças, iniciou suas atividades em 1903. Para maiores informações sobre o colégio, ver Costa (2003).

<sup>17</sup> Instituição criada em 1870 com a oferta dos cursos de humanidades e normal para proporcionar a instrução pública secundária do Estado, sua primeira denominação foi Atheneu Sergipense. Ao longo dos anos de atuação, passou por mudanças na nomenclatura várias vezes. Atualmente é denominado Centro de Excelência Colégio Atheneu Sergipense. Mais informações a respeito, ver Alves (2005) e Nunes (2008).



função das atividades profissionais do marido. Retornando à Salvador passou a exercer a profissão em um hospital de grande porte, na área de análises clínicas. Possui um casal de filhos, sendo a filha integrante dessa pesquisa. Atualmente aposentada, para ela “o livro de cabeceira é imprescindível”.

**Figura 6:** Marli em foto recente.



**Fonte:** Acervo pessoal da entrevistada.

Apesar de ter nascido em Maruim, morou sempre em Aracaju, até mudar-se para Salvador, para tentar ingressar na Universidade Federal da Bahia. Foi matriculada no curso primário do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, em 1951, com 7 anos, já alfabetizada, o que rendeu a pergunta das freiras da instituição: “Sua mãe é professora?”.

Aracaju, assim como todo o país, um período de otimismo instalado no pós-guerra, no tocante ao desenvolvimento urbano e social, não sendo diferente no campo educacional. A ideia da matrícula em um colégio religioso foi dada por meu pai que, conhecendo a maioria dos países do mundo, em função do trabalho, teve contato, em algum centro urbano mais desenvolvido, especificamente França, com a educação dada pelas freiras da Ordem Sacramentina<sup>18</sup>. Permaneceu naquela instituição até 1959, indo para o curso científico do Colégio Estadual de Sergipe.

A aquisição de livros didáticos para aquele nível de ensino não era uma tarefa muito fácil, considerando a situação econômica da família, aliada à escassez de alguns títulos nas livrarias existentes na cidade. Às vezes era necessário encomendar o livro em Salvador, um centro urbano mais desenvolvido, no entanto, os meios de comunicação e de transportes, no período,

---

<sup>18</sup> Congregação das Religiosas do Santíssimo Sacramento, criada em 1715, na França. Ver Costa (2003).

eram pouco acessíveis. Em virtude disso, houve ocasiões em que “por não ter condições financeiras e logísticas para adquirir determinado livro nessas condições, tomei emprestado de uma colega com condição financeira superior e minha mãe copiou o livro inteiro em três cadernos”. Não existiam copiadoras à época. Em 1963 ingressou no curso de Farmácia da Universidade Federal da Bahia, onde conheceu aquele com quem casaria alguns anos depois.

**Celene**, minha sobrinha, filha de Marli, tem 46 anos e nasceu em Salvador. Estudou toda a educação básica no Colégio Marista, na capital baiana. Ingressou no ensino superior em dois cursos ao mesmo tempo: estudou Engenharia Civil na Universidade Federal da Bahia e Arquitetura em uma instituição privada. É casada, exerce suas atividades profissionais e mora na cidade do Panamá.

**Figura 7:** Celene em foto recente.



**Fonte:** Acervo pessoal da entrevistada.

Engenheira de uma construtora de grande porte, já morou em várias localidades do exterior como Dubai, Líbia, África do Sul, entre outras, em função da profissão. Afirmou, nas entrevistas que “eu lembro que uma das coisas que eu mais gostava na minha infância era quando a gente fazia encomenda de livros”<sup>19</sup>.

Iniciou a vida escolar em 1972, matriculada no maternal do colégio de onde só sairia para ingressar no ensino superior. Iniciou os cursos de graduação em Engenharia Civil e Arquitetura, em 1987, concluindo ambos em 1991. Após a formatura ingressou na construtora onde permanece até os dias atuais. É casada há quinze anos e não tem filhos.

---

<sup>19</sup> Referência à aquisição de livros por meio de catálogos do Círculo do Livro. Mais detalhes podem ser conferidos na p. 65.

**Anete**, minha tia, irmã de Lisete, tem 91 anos e também nasceu em Maruim. Teve a saúde fragilizada na infância, razão pela qual “minha mãe nunca puxou muito por mim nos estudos”. Casou em Maruim, em 1944, passando por problemas conjugais desde então, em virtude do caráter aventureiro e perdulário do marido. Após alguns anos, em virtude de uma nova ocupação dele, foi morar no Rio de Janeiro, onde nasceram seus quatro filhos. Passou por várias dificuldades de ordem financeira e prática, recebendo o apoio de um irmão que já residia ali, seguindo a carreira militar.

**Figura 8:** Anete em foto recente.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

É viúva e mora com a filha no Rio de Janeiro. Disse, em vários momentos, que “gosto de ler jornais e revistas até hoje, assim como minha mãe”.

Anete e Lisete viveram, na infância, realidades semelhantes, com singularidades distintas. Lisete esteve sempre ligada aos afazeres domésticos e profissionais da família e ainda bem pequena, auxiliava a mãe no pequeno comércio que funcionava na própria residência. Foi lá que aprendeu a ler e a contar, nos trocos dos pagamentos dos fregueses, sob o olhar atento de minha avó. Anete, de saúde frágil, era motivo de constante preocupação tanto da mãe, quanto da irmã mais velha. Por esse motivo iniciou seus estudos mais tarde, indo para o grupo escolar ainda não alfabetizada. A vida das duas irmãs, assim como dos outros componentes da família, pressupunha atividades domésticas e escolares e a diversão ficava por conta das festividades da igreja matriz e das idas e vindas entre casas de parentes.

**Tirzah**, filha de meu irmão, tem 32 anos e nasceu em Aracaju. Coursou toda a educação básica no Colégio do Salvador. É médica, recém-casada e faz residência em Campinas, na

Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Durante o processo de entrevistas lembrou de “livros da escola e revistas da Turma da Mônica”.

**Figura 9:** Tirzah em foto recente.



**Fonte:** Acervo pessoal da entrevistada.

**Manuela**, minha filha mais velha, nasceu em Aracaju, tem 32 anos. Coursou toda a educação básica no Colégio do Salvador. É arquiteta, casada e mora em São Paulo. As lembranças desencadearam sentidos durante as entrevistas, o que se evidenciou através das palavras dela: “Consigo lembrar até do cheiro e da textura das páginas amareladas daqueles livros”, referindo-se a alguns livros aos quais teve acesso na infância.

**Figura 10:** Manuela em foto recente



**Fonte:** Acervo pessoal da entrevistada.

**Marina**, minha filha mais nova, tem 27 anos, nasceu em Aracaju. Coursou toda a educação básica no Colégio do Salvador, é jornalista, solteira e reside em minha companhia. Em alguns

momentos, durante as entrevistas, ao lembrar momentos específicos, questionou: “Não lembra isso não, é, Maminha”?<sup>20</sup> Eu lembrava, no entanto, respondi que não, porque o que eu precisava, naquele instante, era das lembranças dela!

**Figura 11:** Marina em foto recente.



**Fonte:** Acervo pessoal da entrevistada.

Tirzah, Manuela e Marina, primas com pouca diferença de idade entre si, estavam sempre juntas e dividiam as brincadeiras infantis, os jogos, os passeios e as leituras de revistas da Turma da Mônica<sup>21</sup>. Estudaram no Colégio do Salvador, no período compreendido entre os anos 1990 e 2005. Instituição educacional privada, criada em 1935, era conhecida pela disciplina rigorosa que impunha desde a sua criação, além de ministrar um ensino pautado em concepções pedagógicas que se baseavam em métodos tradicionais. Tirzah cursou o ensino superior na Universidade Federal de Sergipe, Manuela e Marina na Universidade Tiradentes (UNIT).

Ressalto a importância dessa breve apresentação das entrevistadas para que elas sejam reconhecidas pelas suas falas e suas características, quando da análise das narrativas, que será apresentada na Seção 3. Trata-se de um grupo de mulheres com características diversificadas, idades entre 27 e 93 anos, atuando ou já tendo atuado em profissões de áreas distintas. O nível de escolaridade predominante é o superior, com seis das integrantes possuindo esse nível e duas tendo concluído o nível primário. As áreas profissionais dividem-se em: Arquitetura, Engenharia, Farmácia, Jornalismo, Medicina e Pedagogia. O estado civil também apresenta uma diversificação com cinco casadas, duas viúvas e uma solteira. Possuem em comum o fato

---

<sup>20</sup> Tratamento dispensado a mim pelas minhas filhas desde que começaram a falar.

<sup>21</sup> Série de quadrinhos criada pelo cartunista Maurício de Souza, apresentados em revistas, teve grande circulação entre o público infantojuvenil, a partir da segunda metade do século XX, com o surgimento gradativo de vários personagens como Mônica, Cebolinha, Cascão, Chico Bento, entre outros.

de pertencerem à mesma família e compartilharem lembranças de práticas vivenciadas em torno e a partir de leituras.

**Figura 12:** A autora em foto recente.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

Também integrando a pesquisa, eu nasci em 1956, em Aracaju, filha mais nova de Lisete, sou graduada em Pedagogia pela UFS, e cursei o primário em duas escolas particulares da capital sergipana: Colégio Nossa Senhora de Lourdes e Educandário Nossa Senhora Menina<sup>22</sup>. Por meio do Exame de Admissão<sup>23</sup> ingressei para o curso ginásial no Colégio Estadual de Sergipe, onde permaneci até o final do curso científico<sup>24</sup>. Casei no ano de 1981, tive duas filhas: Manuela e Marina, nascidas em 1983 e 1987, respectivamente, ambas integrantes dessa pesquisa. Na Seção 3, detalhes da minha trajetória de vida e de leitora estão atrelados às demais trajetórias.

Considerando a leitura como uma prática social constituída, portanto, historicamente, apresento, na próxima seção, uma breve historicidade da leitura, caracterizando as alterações que incidiram sobre as maneiras de ler, ao longo da história.

---

<sup>22</sup> Nos idos dos anos 1990 o Educandário Nossa Senhora Menina foi transformado em Colégio Militar, passando a ser administrado pelo Governo do Estado. Não encontrei estudos sobre a instituição.

<sup>23</sup> Os exames de admissão ao ginásio tornaram-se obrigatórios nas escolas públicas do país através do Decreto nº. 19.890, de 18 de abril de 1931, como parte da Reforma Francisco Campos. Mais detalhes sobre o exame, em Aracaju, consultar Graça (2002).

<sup>24</sup> Nos anos 1970 a instituição era denominada Colégio Estadual Atheneu Sergipense. Ver Alves (2005).

## 2. LEITURA: UMA PRÁTICA SOCIAL

Os prazeres da leitura são múltiplos. Lemos para saber, para compreender, para refletir. Lemos também pela beleza da linguagem, para nossa emoção, para nossa perturbação. Lemos para compartilhar. Lemos para sonhar e para aprender a sonhar (MORAIS, 1996, p. 12).

A apresentação da leitura como uma atividade prazerosa exposta na epígrafe acima, retirada de um dos capítulos do livro *A Arte de ler*, do escritor de origem portuguesa José Morais (1996), dá uma dimensão das variadas ações que envolvem a leitura, resumindo de forma concisa, romântica, eclética, uma prática que envolve diferentes momentos da vida humana, vividos de forma individual e de forma coletiva.

A leitura é uma prática social que coloca em jogo a relação entre o corpo e o texto, bem como os usos da escrita e as técnicas intelectuais necessárias à sua compreensão. A leitura em suas mais diversas possibilidades – de livros, de placas sinalizadoras, de jornais, de revistas, de sinais, de obras de arte, entre tantas outras – é uma atividade do cotidiano. A todo instante pessoas são levadas a entender o seu redor, através da leitura.

Para Chartier “a leitura não é somente uma operação abstrata de inteligência: ela é uso do corpo, inscrição em um espaço, relação consigo ou com o outro” (CHARTIER, 2002, p. 70). Para o estudioso da leitura, ler “é uma prática que inventa significados e conteúdos singulares, não redutíveis às intenções dos autores dos textos ou dos produtores dos livros” (CHARTIER, 2001, p 214). O ato de ler, nessa perspectiva, não se restringe a uma atividade intelectual; ele está relacionado a sentidos, percepções táteis e olfativas, que possibilitam uma ligação íntima entre quem escreve um texto e aquele que dele se apropria.

Também ressaltando o leitor como possuidor de uma capacidade inventiva e criadora, o conceito de leitura de Marisa Lajolo apresenta o ato de ler como uma atividade de relação entre o leitor e o texto. Para a autora

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhação, o sentido de um texto. É a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista (LAJOLO, 1993, p.59).



As concepções de Chartier e Lajolo sobre a leitura colocam em evidência a capacidade do leitor de atribuir significados ao que lê, independentemente, às vezes, das intenções do autor. Nesse processo entram em jogo competências adquiridas anteriormente, individualmente ou em grupo, que ao mesclarem-se com fatores externos, estabelecem associações com imagens e lembranças e, assim, possibilitam a criatividade e a inventividade inerentes ao processo de apropriação do texto lido.

Com uma concepção semelhante, Foucambert afirma que

Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo. [...] significa um processo de interação entre texto e leitor. Ler significa construir uma resposta que integra conhecimentos prévios a novos conhecimentos. [...] A leitura é, portanto, um ato; um meio de interrogação para o qual não tolera a amputação de nenhum de seus aspectos. Ler é, essencialmente, criar significados (FOUCAMBERT, 1994, p.5).

Segundos os três autores a leitura é uma prática que, a partir de competências intelectuais específicas aprendidas, possibilita uma atividade de interação entre o leitor e o texto, desencadeando a invenção de significados próprios dados, constituídos de emoções liberadas através dos sentidos postos em jogo por ele no momento em que desenvolve o ato de ler. Estão implicados nesse ato aspectos externos ao texto como lembranças de outros textos lidos, momentos evocados pelas lembranças, relações familiares e visões de mundo que são criadas no interior de um grupo no qual o leitor está inserido. Por essa razão a leitura tem um significado específico para cada um e cada um desenvolve maneiras específicas de ler.

Os variados aspectos que envolvem o ato de ler, portanto, estão diretamente ligados à existência de cada leitor. Como diz Paulo Freire (2011), “linguagem e realidade se prendem dinamicamente” (FREIRE, 2011, p. 20), sendo assim, na prática da leitura está implicada a relação entre texto e contexto de cada um, que por sua vez relaciona-se com contextos mais amplos nos quais estão envolvidos e dos quais fazem parte. No interior dessas relações surgem as aproximações com objetos variados que podem provocar sentimentos, emoções e pensamentos diversos.

O modo como ocorre essa aproximação é específico para cada um e configura, no caso de objetos impressos, o que Martins (1982) define como os três níveis básicos de leitura que são: sensorial, emocional e racional. Não cabe, nesse estudo, emitir juízos de valor ou analisar com uma maior profundidade cada nível de leitura definido por Maria Helena Martins em sua obra *O que é leitura* (1982), no entanto, entendo ser necessário uma breve apresentação das



características principais de cada um, considerando que, nas entrevistas realizadas identifiquei a ocorrência desses níveis nas leituras que foram e são desenvolvidas, inclusive nas minhas próprias.

Segundo a autora, o tato, a visão, o olfato, a audição e o paladar são os referenciais básicos do nível sensorial, que não caracteriza uma leitura elaborada, mas constitui-se no primeiro contato da relação de uma pessoa com o mundo da leitura, pois, “embora a aparente gratuidade de seu aspecto lúdico, o jogo com e das imagens e cores, dos materiais, dos sons, dos cheiros e dos gostos incita o prazer, a busca do que agrada e a descoberta e a e rejeição do desagradável” (MARTINS, 1982, p. 41). Essas sensações são marcantes e por isso permanecem por toda a vida. Para Martins, o contato com materiais impressos coloridos e ilustrados devem ser ofertados o mais cedo possível, desde a primeira infância, para estimular a capacidade de comunicação com o mundo ao redor da criança, proporcionando o aprimoramento da linguagem e contribuindo para o desenvolvimento de práticas de leitura futuras. A figura 13 demonstra o contato inicial de uma criança com o mundo dos livros, manuseando, sentindo, vendo<sup>25</sup>.

**Figura 13:** Leitura sensorial.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

---

<sup>25</sup> O bebê da foto é neto de meu irmão, meu sobrinho neto.

Ao se expressar sobre a importância da leitura e do oferecimento de materiais de leitura para crianças desde cedo, a autora chama a atenção para os aspectos sensoriais dos livros que, segundo ela, possuem “forma, cor, textura, volume, cheiro” podendo até ser ouvidos e afirma que para a criança o prazer de segurar um livro entre as mãos aguça a curiosidade, pois

O livro, esse objeto inerte, contendo estranhos sinais, quem sabe imagens coloridas, atrai pelo formato e pela facilidade de manuseio; pela possibilidade de abri-lo, decifrar seu mistério e ele vai revelar – através da combinação rítmica, sonora e visual dos sinais – uma história de encantamento, de imprevistos, de alegrias e apreensões. E esse jogo com o universo escondido num livro vai estimulando na criança a descoberta e aprimoramento na linguagem, desenvolvendo sua capacidade de comunicação com o mundo (MARTINS, 1982, p. 43).

O nível emocional da leitura lida com a subjetividade e implica a participação em uma realidade que é externa, do outro, com a qual há uma identificação, positiva ou negativa, que faz aflorarem os mais recônditos sentimentos não revelados em outras circunstâncias. “Caracteriza-se, pois, um processo de participação afetiva numa realidade alheia, fora de nós” (MARTINS, 1982, p. 52), o estabelecimento de uma empatia com o que se lê.

Dois níveis de leitura definidos por Martins podem ser visualizados na figura 14.

**Figura 14:** Níveis sensorial e emocional de leitura<sup>26</sup>.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

---

<sup>26</sup> Minhas filhas Manuela e Marina em fotografia de 1988. Manuela, alfabetizada, lê um álbum de figurinhas contendo várias gravuras, estabelecendo um sentimento de empatia com o conteúdo, em uma relação afetiva com o impresso. Marina, ainda bebê, observa as ilustrações coloridas, mantendo os primeiros contatos com a leitura.

O nível racional pressupõe uma atividade dialética e reflexiva, proporcionando ao leitor “alargar seus horizontes de expectativas” e ampliar “as possibilidades de leitura do texto e da própria realidade social” (MARTINS, 1982, p. 66), trazendo referências e conhecimentos anteriores, em um processo de “apropriação, invenção, produção de significados” (CHARTIER, 1998, p. 77), que são características da atividade da leitura. A figura 15<sup>27</sup> é reveladora desse nível de leitura, no qual a leitora se apropria do texto, produz significados, inventa sentidos e desenvolve um processo de criação, incorporando outras leituras.

**Figura 15:** Nível racional de leitura.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

---

<sup>27</sup> A fotografia mostra minha mãe, Lisete, em um momento rotineiro de leitura.

Nas narrativas das integrantes dessa pesquisa, embora haja, por vezes, o privilégio de um sobre outro, os três níveis apresentam-se, na maioria dos relatos, de forma simultânea, dependendo das circunstâncias, das expectativas e do contexto narrado por cada uma.

Um texto não existe se não houver um leitor para lhe dar um significado, segundo Chartier (1998). Cada leitor faz a leitura de um texto de forma singular. São definidores das maneiras de ler, aspectos dados pelas técnicas editoriais de impressão, capas, tipo de papel e de letra, gravuras, contracapas, cores e texturas que caracterizam a materialidade da leitura. Os modos de ler estão diretamente relacionados com a materialidade dos textos e são determinados por ela desde tempos muito remotos, por esse motivo é importante conhecer a história dessa materialidade para entender, a partir daí, como as práticas de leitura foram se constituindo através do tempo.

## 2.1 MATERIALIDADE DA LEITURA

De acordo com Steven Roger Fischer “quanto mais remoto for o passado observado, mais difícil se percebe a leitura” (FISCHER, 2006, p. 13). Tribos primitivas utilizavam registros escritos feitos em cascas de árvores ou em couros de animais; diversas sociedades antigas faziam uso de sinais que podiam ser “lidos” a distância: fumaça, fogo, reflexos em metal, entre outros; os incas comunicavam-se por meio de nós coloridos feitos em cordas; os polinésios construíam entalhes para comunicar suas atividades. Todas essas distintas formas de comunicação envolviam decodificação de sinais previamente determinados, “com a finalidade de reproduzir graficamente a fala e o pensamento humanos” (FISCHER, 2006, p. 14). As maneiras de ler foram sempre determinadas pela materialidade dos suportes nos quais eram apresentados o que se queria informar.

Os textos em forma de livros, tão familiares atualmente, nem sempre foram apresentados assim. A milenar história da leitura e de suas práticas mostra outros formatos que foram sendo modificados com o tempo, bem como outras possibilidades na materialidade dos textos, cada uma conformando diferentes maneiras de ler, diversas práticas de leitura. Houve um tempo em que não havia separação entre as palavras escritas, não existiam parágrafos e a leitura era ininterrupta. É possível imaginar uma leitura assim? Decerto, a leitura como se conhece e pratica hoje tem outras configurações.

Os textos escritos em tábuas de argila eram de difícil manuseio e o transporte, provavelmente, bastante desconfortável, considerando que para formar um livro eram

necessárias “várias dessas tabuletas, possivelmente armazenadas em caixas de madeiras ou malas de couro” (FISCHER, 2006, p. 19). A figura 16 mostra um texto escrito em suporte de argila.

**Figura 16:** Texto inscrito em tabuleta de argila.



**Fonte:** <https://infnetmidiasdigitais.files.wordpress.com/2011/01/argila1.jpg><sup>28</sup>

A história da leitura demonstra que com o passar do tempo as palavras foram separadas em frases, as frases em parágrafos, tornando a leitura mais funcional, assim como passou a existir uma maior diversidade de materiais que foram sendo utilizados para a prática da escrita, cada um deles levando os leitores a novas maneiras de ler. As folhas de papiro<sup>29</sup> e pergaminho<sup>30</sup>, unidas para formar um rolo, constituíram um novo suporte para a leitura, mais fáceis de segurar entre as mãos do que as tabuletas. A figura 17 mostra um texto em forma de rolo.

**Figura 17:** Texto em rolo.



**Fonte:** [http://www.digestivocultural.com/upload/convidados/imagens/3275\\_2.](http://www.digestivocultural.com/upload/convidados/imagens/3275_2.)<sup>31</sup>

<sup>28</sup> Acesso em 13.04.2015.

<sup>29</sup> Planta existente nas margens dos rios da África, possuía folhas longas e fibrosas. No Egito Antigo foi muito utilizado sobrepondo-se suas folhas para serem transformadas em base para a escrita.

<sup>30</sup> Pele de animal, geralmente de cabra, carneiro ou ovelha. Sua denominação vem da cidade de Pérgamo, na Ásia.

<sup>31</sup> Acesso em 13.04.2015.

No entanto, o rolo, para ser lido, precisava ser desenrolado, dificultando a comparação entre partes do texto localizadas em pontos distintos, impedindo que o leitor tomasse notas ou fizesse apontamentos enquanto lia.

Darnton (2010) alerta para o fato de que os historiadores costumam sintetizar a história da leitura em uma oposição de binários que apresenta os contrastes: rolo e códex; impressos e manuscritos; leitura silenciosa e leitura em voz alta; leitura extensiva e leitura intensiva. No entanto, na história das maneiras de ler, das práticas de leitura, esses contrastes parecem evidenciar-se, quando se pensa em como cada um desses binários definem modos de ler que parecem ser aperfeiçoados do ponto de vista da praticidade e da funcionalidade para o leitor. Afinal, como afirma Chartier (1998) “a leitura é uma prática encarnada por gestos” (CHARTIER, 1998, p. 6).

A história das práticas de leitura é uma história mediada por gestos, tempos e lugares. Aqueles que leem textos, não os leem da mesma maneira e nesse processo estão imbricados os usos dos livros ou de outras formas impressas, as diferentes formas de leitura e os variados procedimentos de interpretação. Cavallo e Chartier afirmam que

os textos podem ser lidos, e lidos de formas diferentes por leitores que não partilham as mesmas técnicas intelectuais, que não mantem uma mesma relação com o escrito, que não atribuem nem a mesma significação nem o mesmo valor a um gesto aparentemente idêntico: ler um texto (CAVALLO e CHARTIER, 1997, p.7).

A invenção do códex<sup>32</sup> possibilitou ao leitor transportar seus textos com segurança e conforto para qualquer lugar e consultá-los facilmente, podendo, ao mesmo tempo, fazer apontamentos sempre que fosse necessário, surgindo, então uma nova forma de relacionamento entre texto e leitor. A nova forma de suporte da escrita possibilitou uma multiplicidade nos textos impressos, uma vez que, como os dois lados das páginas podiam ser utilizados, os custos de produção diminuía.

O surgimento do livro em forma de códex, conforme afirma Roger Chartier (2002), acarretou uma nova materialidade, dando ao leitor tornando possíveis ao leitor, gestos antes nem imaginados, como escrever enquanto lê, localizar no texto um determinado trecho, além de outros dispositivos característicos da nova forma de suporte, “a invenção da página, as

---

<sup>32</sup> Estrutura em forma de caderno, com folhas dobradas e unidas.



localizações garantidas pela paginação e pela indexação” (CHARTIER, 2002, p. 106), possibilitando uma “relação inédita” entre leitor e o objeto lido.

A figura 18 apresenta a estrutura do formato de códex.

**Figura 18:** Livro em forma de códex.



**Fonte:** <https://www.google.com.br/search=surgimento+do+códice+imagens><sup>33</sup>

A história da leitura e de suas práticas é, portanto, uma história de livros, de objetos escritos, de tradições de leitura, de maneiras de ler, de sentidos. Segundo Chartier (1999), a cronologia da história da leitura não tem uma linearidade sequencial precisa, mas ela é permeada de mudanças que se traduziam, invariavelmente, em alterações na relação entre o mundo do texto e o mundo do leitor.

A passagem da leitura oral para uma leitura silenciosa, visual, transformou a função da palavra escrita. Inicialmente restrita aos escribas nas suas atividades monásticas, com objetivo de preservação, muitas vezes dissociada da leitura, passou para um modelo escolástico no qual o livro e a leitura tornaram-se instrumentos de atividade intelectual. Para Chartier a prática

permitiu uma leitura rápida, especializada, capaz de lidar com as complexas relações estabelecidas na página do manuscrito entre o discurso e suas interpretações, referências, comentários e índices. A leitura silenciosa criou a possibilidade de ler mais rapidamente e, portanto, de ler mais e de ler textos mais complexos (CHARTIER, 1999, p. 24).

Durante a era da impressão, o crescimento da produção de livros de pequeno formato e a multiplicação de instituições voltadas para leitores (bibliotecas de empréstimo, sociedades de leitura), levou ao surgimento de novas práticas e modos de ler. A uma leitura impregnada de sacralidade restrita a um número limitado de livros que eram lidos, recitados e passados para

---

<sup>33</sup> Acesso em 13.04.2015.

gerações seguintes, uma leitura intensiva, sucedeu uma leitura extensiva, característica de um leitor que “consome impressos numerosos, diferentes, efêmeros; ele os lê com rapidez e avidez; submete-os a um olhar crítico” (CAVALLO e CHARTIER, 1998, p. 28).

A transmissão eletrônica com o advento do computador e da *internet*, acarretou, mais uma vez, profundas mudanças no mundo da leitura, reconfigurando suas práticas e redefinindo a materialidade dos textos. Surgiu um novo tipo de leitor que pode relacionar-se de forma totalmente diferente com o livro. Agora é possível para o leitor, ler o que o autor leu. Para Chartier

Tal mudança no suporte físico da escrita força o leitor a ter novas atitudes e aprender novas práticas intelectuais. A passagem dos textos do livro impresso para a tela do computador é uma mudança tão grande quanto a passagem do rolo para o códice [...] Isso desafia a ordem dos livros familiares aos leitores e dita novos caminhos de leitura que superam as limitações tradicionais impostas pelos objetos impressos (CHARTIER, 1999, p. 28).

Em substituição ao códex, a tela do computador transforma de maneira mais imperativa as relações entre aquele que lê e o que é lido. Através da *internet* a comunicação transformou-se numa atividade do cotidiano e, por meio dela, o conhecimento passou a estar *on-line*. A leitura em meios eletrônicos/digitais deixa de ser um processo de mão única e abre novas perspectivas para o leitor que, ante um monitor, lê, compara, extrai fragmentos e, além dessas ações, navega por horizontes diversos, descobrindo novos textos, rompendo com a relação antiga estabelecida entre texto e objeto.

**Figura 19:** Leitura em suporte eletrônico.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

A mudança do texto em códex para o texto digital configura uma alteração de tripla natureza: modificam-se o suporte da escrita; as técnicas de reprodução e distribuição; as



maneiras de ler. Os limites impostos pela paginação do códex são agora suprimidos pelas infinitas possibilidades de uma tela luminosa que, ao se deslocar verticalmente, proporciona ligações textuais antes inimagináveis.

Sobre a nova forma de relação do leitor com o texto, Chartier enfatiza que

O mundo dos textos eletrônicos também remove a rígida limitação imposta à capacidade do leitor de intervir no livro. O objeto impresso impunha sua forma, estrutura e espaços ao leitor e não supunha nenhuma participação material física do leitor. Se, contudo, quisesse inscrever sua presença no objeto, ele só poderia fazê-lo clandestinamente, ocupando com seu manuscrito as margens ou as páginas em branco. Tudo isso muda com o texto eletrônico. [...] os leitores podem submeter o texto a uma série de operações (podem indexá-lo, mudá-lo de um lugar para outro, decompô-lo e recompô-lo). [...] A distinção entre escrever e ler, entre o autor do texto e o leitor do livro, que é imediatamente discernível na cultura impressa, dá lugar agora a uma nova realidade (CHARTIER, 1999, p. 28).

O suporte eletrônico não significa o fim do livro impresso. Eles vão continuar existindo, simultaneamente, por um tempo ainda não determinado e, as variadas maneiras de ler vão permanecer sendo configuradas a partir dos diferentes suportes: as aproximações corporais serão dadas ao texto impresso, assim como as possibilidades de viagens hipertextuais serão incorporadas às leituras nos monitores.

A materialidade dos textos é, portanto, indissociável das práticas de leitura. A esse respeito alerta Chartier: “é fundamental lembrar que nenhum texto existe fora do suporte que lhe confere legibilidade; qualquer compreensão de um texto, não importa de que tipo, depende das formas com as quais ele chega até seu leitor” (CHARTIER, 1995, p.220). O aspecto físico dos livros e dos impressos em geral pode definir a atratividade ou a repulsa de um leitor pelo objeto a ser escolhido. Segundo Cunha (1995), várias linguagens estão inscritas na materialidade dos livros, entre as quais a “linguagem das imagens”, a “linguagem dos títulos”, além da “linguagem das disposições tipográficas”, todas elas, em seu conjunto, estimulam a imaginação e organizam a leitura.

Além do aspecto material que envolve capas, contracapas, dimensões, cores, tipo de papel, existem elementos outros, aos quais o autor chama de “protocolos de leitura”, que determinam “quais devem ser a interpretação e o uso adequado do texto” (CHARTIER, 1996, p 20), e suas características são definidas pelas intenções dos autores e editores através de recursos textuais, tipográficos e visuais, direcionando a interpretação da escrita pelos leitores.

Aparentemente existe um conflito entre protocolos ditados pelos autores/editores e a liberdade dos leitores na apropriação que fazem dos textos, uma vez que a leitura pressupõe criação, inventividade e criatividade que se afirmam na apropriação. No entanto, o conflito é descaracterizado pela “atividade silenciosa, transgressora, irônica ou poética, de leitores”, de que fala Certeau (2014), ao afirmar que os leitores dão aos textos não os sentidos que querem os autores, mas os que são fruto de sua capacidade de construir significados múltiplos. Para Certeau

Longe de serem escritores, fundadores de um lugar próprio, herdeiros dos servos de antigamente, mas agora trabalhando no solo da linguagem, cavadores de poços e construtores de casas, os leitores são viajantes; circulam nas terras alheias, nômades caçando por conta própria através dos campos que não escreveram (CERTEAU, 2014, p. 245).

Circulando por terras alheias o leitor não permite que a sua criatividade seja impedida, que a sua interpretação seja direcionada por determinações ditadas por fatores que estão situados fora do texto e que a sua liberdade de apropriação seja ameaçada. Nesse sentido “mesmo limitada pelas competências e convenções, essa liberdade sabe como se desviar e reformular as significações que a reduziram” (CHARTIER, 1998, p. 8) e o leitor, então, faz uso de sua capacidade de agir de acordo com as suas próprias expectativas.

Após essas considerações a respeito da história da leitura e do livro, penso que, tendo em vista o público definido e escolhido<sup>34</sup> para integrar o estudo aqui desenvolvido, é necessário apresentar um pouco da história em torno da leitura destinada às mulheres, procurando compreender como essa população passou a ter acesso aos materiais impressos que, durante muito tempo, eram destinados e acessíveis, apenas a um público masculino.

## 2.2 LEITURA FEMININA

Para compreender as práticas de leitura de diferentes mulheres inseridas em tempos e espaços distintos, é necessário conhecer como essas práticas foram se consolidando no decorrer da história da leitura, no Brasil, e como a população feminina passou a ter acesso a livros, além de outros materiais impressos. Durante o período colonial a população brasileira que desejava ter acesso a livros e outros textos impressos precisava adquiri-los em Portugal, tendo que arcar

---

<sup>34</sup> As razões e os motivos da escolha das integrantes estão explicitados nas páginas 12 e 14.

com custos elevados de transporte e com a censura imposta pela Real Mesa Censória<sup>35</sup>. Qualquer tipo de material impresso era submetido ao controle dos censores, que dificultavam o processo de remessa tornando-o dispendioso e demorado. Com a implantação da Imprensa Régia<sup>36</sup> o país passou a imprimir livros e outros tipos de impressos, no entanto, a aquisição desses materiais continuou a sofrer forte controle dos organismos de censura, de acordo com Abreu (2003).

A Proclamação da República fez surgirem expectativas levando à crença no poder da escolarização como sendo um meio de transformação na vida das pessoas, inclusive sobre o desenvolvimento econômico. O crescimento do número de instituições escolares possibilitou o aumento da circulação de livros e materiais impressos no país.

Segundo Norbert Elias (1994), as estruturas sociais se modificam de acordo com as mudanças das necessidades dos indivíduos, de forma lenta e gradual, no entanto, nenhum dos indivíduos planejou essas mudanças, elas vão se consolidando na medida em que são formadas as redes de relações sociais. Nesse sentido, para compreender o acesso da leitura às mulheres, como elas foram se constituindo leitoras, é necessário entender o papel dos indivíduos nas relações sociais em geral e, em especial, nas relações familiares.

Para o autor, qualquer pessoa, tomada individualmente, encontra-se sempre em interdependência com outras, ligada a outras pessoas e “o que caracteriza o lugar do indivíduo em sua sociedade é que a natureza e a extensão da margem de decisão que lhe é acessível dependem da estrutura e da constelação histórica da sociedade em que ele vive e age” (ELIAS, 1994, p. 49). Desse modo, qual poder poderia ser atribuído à mulher, naquele momento, no sentido de decidir sobre como se posicionar diante da sociedade, o que vestir, o que ler?

A valorização da cultura impressa atraiu a atenção de livreiros e tipógrafos estrangeiros que vieram se instalar em terras brasileiras, trazendo grande experiência na área, estabelecendo-se no mercado editorial que se instalou e perdurou. Embora tardiamente, a implantação da imprensa, no Brasil, fez com que livros e outros impressos deixassem de ser objetos estranhos na vida brasileira, como afirmam Marisa Lajolo e Regina Zilberman:

---

<sup>35</sup> Órgão censor formado por deputados e homens letrados, criado pela Coroa Portuguesa com a incumbência de fiscalizar, aprovar e reprová-la impressão, reimpressão e circulação, pelo reino, encadernação e venda, de livros e papéis e quaisquer materiais que servissem à leitura. Documentos relativos à criação da Real Mesa Censória estão disponíveis em [www.unicamp.br/iel/memoria](http://www.unicamp.br/iel/memoria), Seção Acervo.

<sup>36</sup> Instituída, inicialmente, para servir à administração e à burocracia, imprimindo documentos legais e diplomáticos, nas suas finalidades definidas quando da criação estava a impressão de qualquer obra.

A lista dos primeiros títulos publicados pela Imprensa Régia é [...] sugestiva de que a literatura abria caminhos: o Ensaio sobre a crítica, de Pope, a Marília de Dirceu, de Tomás Antônio Gonzaga, ambos de 1810, e O Uruguai, de Basílio da Gama, lançado em segunda edição em 1812. Esta é, porém, uma linha editorial que rivaliza com outra, bem mais utilitários: Elementos de Geometria, o Tratado de Trigonometria, ambos de Legendre, e os Elementos de Álgebra, de Euler, todos de 1809, são títulos sem dúvida muito mais urgentes e sedutores aos olhos de um governo necessariamente preocupado com a defesa de seus domínios. Essa preocupação era tão concreta e os livros citados se encaixam tão bem nela que, em 4 de dezembro de 1810, ao ser criada a Real Academia Militar, a bibliografia recomendada aos alunos incluía os recentes lançamentos da Imprensa Régia (LAJOLO e ZILBERMAN, 2002, p. 109).

Na segunda metade do século XIX livros em brochura começaram a ser comercializados nas livrarias e pelos vendedores ambulantes, com baixos preços, pondo em circulação autores em evidência na crítica literária da época. Embora o Rio de Janeiro fosse a maior referência na área editorial, livros e outros impressos eram adquiridos por encomendas oriundas de várias partes do território brasileiro, passando cada vez mais a fazer parte da vida de uma parcela da população. As mulheres, que no início do século, não tinham acesso à leitura, em virtude das rígidas normas e costumes morais, vivendo confinadas ao ambiente doméstico, passaram a ser vistas, pelos editores, como um público leitor em potencial.

No entanto, de acordo com Melo (2015), o primeiro impresso destinado à mulher versava sobre a temática ligada à família, não havendo “espaço para tratar de assuntos sobre atualidades, política, enfim, assuntos que possibilitassem à leitora estar informada acerca do mundo além daquele vivenciado por ela” (MELO, 2015, p. 42). As leituras direcionadas às mulheres começaram a circular em seções de jornais e revistas ilustradas, para ser lidas no ambiente doméstico, onde a leitura passou a ser praticada como um passatempo, uma vez que a elas era proibida a livre circulação em espaços públicos. À mulher era reservado o espaço recôndito do lar.

De acordo com Perrot (1989) era um tempo em que “o mundo público, sobretudo econômico e político, é reservado aos homens, e é este que conta” (PERROT, 1989, p.10). Nesse “espaço sexuado” as mulheres eram tidas como peças decorativas, e como tal, a elas destinavam-se ao “lazer ostentatório” em companhia de maridos ricos, no qual não havia lugar para a leitura.

O século XX foi pródigo em coleções de livros para “moças de boa família”, com o objetivo de divertir e informar, nas quais eram sempre evidenciados o casamento, a família e as boas maneiras, retomando os finais de contos de fadas, enaltecendo qualidades virtuosas e

condutas recatadas. A *Biblioteca das Moças*<sup>37</sup>, como era intitulada a coleção de romances destinada a esse segmento, começou a circular na década de 20 e era composta por vários romances, vendidos em livrarias e bancas de jornal, em edições baratas. As histórias descritas nos romances tinham um cunho educacional no sentido de uma aprendizagem social condizente com o que era permitido à mulher. De acordo com Cunha (1995), os romances definiam as regras de comportamento e de “etiqueta para bem receber convidados; sugestões de leitura; como vestir-se adequadamente no dia-a-dia e em ocasiões especiais; como decorar *com classe* uma casa” (CUNHA, 1995, p. 241), consideradas condutas esperadas de mulheres recatadas e criadas dentro de códigos de moral definidores de uma cultura social dentro de uma concepção pré-definida do ser mulher.

A partir dessa década outras leituras direcionadas às mulheres foram surgindo no mercado editorial brasileiro, a exemplo das revistas femininas que, além de compostas por diversas seções de conselhos e ensinamentos de cunho culinário, conjugal, estético, farmacêutico, traziam, também histórias de amor em quadrinhos que tanto encantaram as mocinhas e senhoras: as fotonovelas.

As fotonovelas eram histórias compostas de fotografias e textos, com sua origem remontando à época pós Segunda Guerra Mundial, na Itália, em virtude da dificuldade de cunho econômico na difusão do cinema. A indústria das revistas de fotonovelas expandiu-se, no Brasil, na década de 50 do século XX, conforme Melo (2015). As revistas foram aceitas pela maioria das mulheres pelo seu conteúdo de romance e pela praticidade no manuseio, além dos outros temas que eram oferecidos, como regras de boa conduta, testes de autoconhecimento e propaganda de produtos para o consumo feminino que lembravam os afazeres domésticos, o lugar a ela destinado na família, seu papel de esposa e mãe, além de determinar os valores morais vigentes à época, afirmando o casamento e a maternidade como sendo os caminhos possíveis e naturais.

Eram leituras que aguçavam a sensibilidade e incentivavam a aquisição dos bens de consumo direcionados à mulher moderna pois, “ainda que o ideal da ‘mulher de prendas domésticas’ continue extremamente forte, passam a fazer parte da realidade doméstica os enlatados, os eletrodomésticos e os descartáveis” (PINSKY, 2014, p. 20).

---

<sup>37</sup> Publicada pela editora Companhia Nacional, a coleção trazia, entre outras obras, os livros de autoria de M. Delly, pseudônimo utilizado por um casal de irmãos franceses. Os romances tinham, sempre, um final feliz e incentivava, nas leitoras, o sonho do amor romântico. Para maiores informações sobre esta coleção, verificar Maria Teresa Santos Cunha (1995).

A leitura em suas diversificadas finalidades – instrução, entretenimento, religiosas, entre outras – tem se constituído, há alguns anos, em objeto de estudo de vários pesquisadores que investigam a história do livro, a história das práticas de leitura, o mercado editorial e livreiro, os suportes do escrito, entre outros tantos aspectos. Alguns tem se debruçado sobre a história do livro e da leitura no Ocidente, outros estão imbuídos em descobrir “como” e “o quê” as pessoas liam em sociedades diversas.

Investigar práticas de leitura “implica na compreensão da tensão existente entre o poder do livro sobre o leitor e a liberdade do leitor na criação de sentidos no contato com os textos” (TEIXEIRA, 2011, p. 44). Implica, nesse estudo, na busca por valores intrínsecos às relações familiares, pelas concepções de leitura, sejam elas pessoais, coletivas, inerentes à escola, ou ainda, à família, entendendo as integrantes da pesquisa como partes de uma comunidade de leitores que, segundo Chartier (2001), são “aquelas comunidades interpretativas cujos membros compartilham os mesmos estilos de leitura e as mesmas estratégias de interpretação” (CHARTIER, 2001, p.216).

Para Teixeira (2011), os livros, assim como os impressos em geral, adquirem “formas e sentidos diferentes quando interpretados no interior de distintas comunidades de leitores, em tempos e lugares diferenciados” (TEIXEIRA, 2011, p. 4). A família, comunidade de leitores da qual fazem parte as integrantes desse estudo, possuem em comum práticas da vida cotidiana marcadas pela afetividade, mas também pelos conflitos inerentes aos tempos e espaços vividos e convividos.

Os aspectos relativos às práticas de leitura que se encaixam em cada um dos eixos de análise e serão apresentados na próxima seção, não são estanques e não estão desvinculados entre si, ao contrário, eles se repetem e se mesclam, alguns aparecendo em mais de um eixo simultaneamente. Pretendo evitar repetições desnecessárias e cansativas, convicção, no entanto, de que nem sempre será possível, em virtude da dinâmica da temática.

### 3. LEMBRANÇAS DE PRÁTICAS DE LEITURA: RELATOS DE VIDA

Não é na história aprendida, é na história vivida que se apóia nossa memória (HALBWACHS, 1968, p. 60).

Conforme a epígrafe acima, a base das nossas lembranças se encontra naquilo que já vivemos, nos acontecimentos pelos quais passamos ao longo da nossa existência. Buscar na trama da vida o fio condutor de existências, vontades, escolhas, não parece impossível, mas, é bastante difícil quando nos deparamos com um passado a ser desvelado e trazido para o presente. É preciso lançar mão do “estado de consciência puramente individual”, denominado por Halbwachs de “intuição sensível” (HALBWACHS, 1990, p. 37). Essa intuição possibilita reconstituir o próprio passado de modo que ele seja identificado com o passado real, e não que ele se confunda com o passado de outras pessoas com as quais convivemos. As lembranças de outras pessoas funcionam como pontos de referência para que essas recordações surjam. De acordo com essa concepção, a memória é construída no grupo, ao mesmo tempo é construída pelo sujeito. Para lembrar, ele se baseia em elementos fixados pelo meio em que vive, como ideias e palavras, que não foram criadas por ele e sem os quais não seria possível a evocação da memória individual que está diretamente relacionada aos aspectos sociais.

Assim, para que possamos lembrar acontecimentos passados, é necessário que eles tenham ocorrido em um meio social, ou seja, a memória é um fenômeno de natureza social. As lembranças de tempos iniciais de escola, das atividades ali experimentadas, as relações que se formaram então, as lembranças de eventos familiares, são fruto de relações próprias de um ambiente social, coletivo. A memória de cada um está, portanto, relacionada com as memórias das outras pessoas integrantes de um mesmo meio social. Nesse sentido o autor afirma que “a sucessão de lembranças, mesmo daquelas que são mais pessoais, explica-se sempre pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos meios coletivos” (HALBWACHS, 1990, p. 51).

A memória parte do presente em busca do passado já vivido e segundo Bosi “opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam” (BOSI, 2003, p. 31). Segundo a autora, esses acontecimentos adquirem um significado mais concreto quando são lembrados a partir de existências relacionadas a

grupos de convívio que podem ser a família, a escola, ou seja, espaços de coletividade aos quais os indivíduos estão ligados.

Essa característica de seletividade da memória é evidenciada, também, por Pollak (1992), para quem nem tudo que é vivido fica retido, nem tudo é lembrado e pode sofrer “flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa” (POLLAK, 1992, p. 4), organizando-se a partir das contingências daquele instante.

A esse respeito, Pesavento (2014) chama atenção para o tempo decorrido entre o momento do acontecimento e o momento em que está sendo lembrado, ou seja, “entre o tempo do vivido e o tempo do narrado” (PESAVENTO, 2014, p. 95), posto que

O indivíduo que rememora amadureceu durante esse intervalo, ele reelabora o que viveu a partir do tempo transcorrido, no qual absorveu as decorrências da situação outrora experimentada. Aquele que lembra não é mais o que viveu. No seu relato já há reflexão, julgamento, ressignificação do fato rememorado. Ele incorpora não só o relembrado no plano da memória pessoal, mas também o que foi preservado ao nível de uma memória social (PESAVENTO, 2014, p. 95).

É do registro dessas memórias narradas que surge a compreensão daquilo que Pollak (1992) define como sendo os elementos constitutivos da memória: acontecimentos, pessoas e lugares. Nesse trabalho, as lembranças de acontecimentos, pessoas e lugares foram apreendidas através dos recursos inerentes à metodologia da história oral.

### 3.1 HISTÓRIA ORAL, MEMÓRIAS, NARRATIVAS

Os teóricos da Escola dos Annales<sup>38</sup> suscitaram mudanças historiográficas que evidenciaram a interdisciplinaridade, possibilitando a expansão da história por diversas áreas. Segundo Burke (1997) as extensões do “território histórico estão vinculadas à descoberta de novas fontes e ao desenvolvimento de novos métodos para explorá-las”. (BURKE, 1997, p. 126). À luz dessas mudanças a História Cultural abre possibilidades para novas abordagens, novos temas e novas metodologias. Nesse sentido, Pesavento afirma que

---

<sup>38</sup> A Revista dos Annales, criada na França em 1929 voltada para a promoção de uma nova modalidade de história, nasceu no bojo de um movimento de combate ao tipo de história que se fazia então, de natureza política, que se omitia do diálogo com outras ciências integrantes das Ciências Humanas. Burke (1997) divide esse movimento em três fases: a primeira foi marcada pelo combate radical à história tradicional, política e a história dos eventos; a segunda fase é a que se aproxima mais de uma escola, com o surgimento de conceitos e novos métodos; a terceira fase influencia fortemente a historiografia. Para maiores informações consultar, entre outros, Burke (1997).



Não mais a posse dos documentos ou a busca de verdades definitivas. Não mais uma era de certezas normativas, de leis e modelos a regerem o social. [...] Tudo o que foi, um dia, contado de uma forma, pode vir a ser contado de outra. Tudo o que hoje acontece terá, no futuro, várias versões narrativas (PESAVENTO, 2014, p. 15-16).

As mudanças ocorridas dentro dos pressupostos da ciência histórica, tornaram possível o desenvolvimento de novos métodos de pesquisa, entre os quais a metodologia da História Oral. Os autores que estudam esse procedimento metodológico apontam a existência de três gêneros de História Oral: tradição oral, história temática e história de vida. A tradição oral, geralmente transmitida através das gerações como forma de preservação da sabedoria dos mais velhos, pode ser identificada nas brincadeiras infantis, e cantigas de roda tão comuns em gerações anteriores. De caráter mais complexo que os outros dois tipos, é desenvolvida dentro de uma coletividade, assemelha-se aos estudos etnográficos. Os procedimentos técnicos fundamentais são a observação e o registro. Adequada mais comumente em grupos com comportamentos específicos, centram-se em investigações sobre festividades, cerimônias, tragédias.

A história temática é desenvolvida em um grupo de pessoas que vivenciaram um mesmo acontecimento, utilizada como subsídio para esclarecer situações polêmicas e, por vezes contraditórias, em torno de um tema específico e pressupõe a existência de hipóteses que devem ser testadas. Por estar disposta em torno de um assunto definido, tem a predominância da objetividade.

Na história oral de vida, que utilizo como princípio metodológico para o desenvolvimento deste estudo, o passado é reconstituído e lembrado por pessoas que vivenciaram esse passado. É na subjetividade, portanto, que a história oral de vida encontra seu substrato “porque as histórias de vida são decorrentes de narrativas e estas dependem da memória, dos ajeites, contornos, derivações, imprecisões e até contradições naturais da fala (MEIHY; HOLANDA, 2015, p. 35). A força da História Oral está na subjetividade daquele que narra.

As memórias do passado trouxeram para o presente das entrevistadas acontecimentos vividos em tempos e espaços coletados através de narrativas e agrupados em dados que necessitaram de uma organização própria e inerente aos processos de pesquisa. A criação de eixos de análise possibilitou a ordenação desses dados de forma coerente, a partir da recorrência de aspectos comuns em todas as narrativas, oportunizando uma articulação das ideias dentro de uma estratégia de sistematização e apresentação dos resultados da pesquisa.

Não obstante os quatro eixos definidos apresentarem-se mesclados entre si e por vezes estarem indissociados, foram trabalhados isoladamente no corpo do texto por uma questão de

organização da escrita, no entanto, em alguns momentos não foi possível evitar a interferência de uns sobre os outros. Além disso, as práticas de leitura não existem desvinculadas das práticas cotidianas, ao contrário, elas existem diluídas no vivido pelas mulheres integrantes da pesquisa. Sendo assim, foi de relevante importância fazer aflorar as lembranças da infância e das outras fases da vida, dos locais onde estudaram, das práticas pedagógicas, enfim, aspectos da vida pessoal de cada uma.

As narrativas constituíram-se nas principais fontes documentais desse estudo. Utilizando a História Oral como recurso metodológico entendo, conforme Meihy e Holanda (2015) que “o respeito à empiria da narrativa expressa no fazer do documento é o tesouro buscado pela história oral” (MEIHY e HOLANDA, 2015, p. 124). De acordo com os autores

Em história oral, mais do que a verdade comprovada e aferível, o que se busca é a variação das narrativas em suas evidências, inexatidões e deslocamentos. Se isso é válido em termos individuais, no coletivo ganha dimensões ainda mais relevantes (MEIHY, 2015, p. 124).

Os pontos de contato surgidos nas entrevistas revelam a subjetividade que se evidencia na repetição de fatos aflorados pela memória. Considerando que são as versões dos fatos que interessam, essas versões adquirem legitimidade e a verdade é estabelecida a partir da autorização final de cada participante. Não é a exatidão das palavras ditas que conferem valor ao que foi narrado, mas o que elas significam no conjunto das trajetórias contadas a partir da dinâmica da memória coletiva.

### **3.1.1 Elementos incentivadores da leitura**

Minha aproximação com a leitura deve-se ao ambiente familiar, inicialmente, e talvez por esse motivo, tentando organizar as minhas memórias, não recordo, especificamente, livros didáticos nos anos iniciais de escolarização. Tomado de Santos (2012, p.24) “o conceito aqui utilizado de livro didático parte do princípio de que ele seja confeccionado para uso escolar”. Evidentemente eles existiram, contudo, a marca mais forte, nas recordações dos meus primeiros anos, é da leitura ligada à casa. Existe uma “complexidade de elementos envolvidos na produção de uma memória” (LUCINI, 2007, p. 210); isso significa que ao mergulhar no passado, vamos lidar com momentos vividos, emoções sentidas, medos, frustrações, anseios, vitórias, derrotas, relações estabelecidas, relações desfeitas, alegrias e tristezas.

Também minha mãe, Lisete, ao recordar os primeiros contatos com a leitura, lembra de práticas ligadas ao cotidiano da casa. Segundo ela, minha avó atendia aos anseios de pescadores analfabetos<sup>39</sup> que queriam se familiarizar com a escrita. Essa prática despertava nela a vontade de aprender a ler, constituindo-se em um incentivo para a leitura.

Os pescadores não sabiam ler. Eles compravam livros de história, alguns aqui em Aracaju, outros lá em Maruim mesmo e levavam pra ela ler pra eles toda noite. Minha mãe sabia ler corretamente e era ela que tomava conta da bodega<sup>40</sup>. Eu tinha de quatro pra cinco anos e gostava de acompanhar o movimento das vendas. Ainda não estava na escola (Lisete)<sup>41</sup>.

O relato acima aponta para uma prática de leitura específica: ler em voz alta, ler para os outros, leitura oral. A leitura em voz alta praticada pela minha avó explicita o que Chartier (1998) define como a sua “dupla função” que se configura em “comunicar o texto aos que não o sabem decifrar, mas também cimentar as formas de sociabilidade imbricadas igualmente em símbolos de privacidade – a intimidade familiar, a convivência mundana” (CHARTIER, 1998, p. 16). Ao reunir os pescadores ávidos para “ler ouvindo”, ela estabelecia uma rede de relações sociais enquanto acolhia “leitores” que só podiam compreender os textos através da mediação da voz dela.

Considerando a idade relatada no trecho transcrito, essa prática ocorreu nos idos de 1929<sup>42</sup>, décadas iniciais do século XX, portanto. Embora não seja objeto desse estudo apontar aspectos relativos às práticas de alfabetização, alguns questionamentos surgem a partir das informações contidas na narrativa. Como minha avó, nascida em 1899, foi alfabetizada e em que consistia essa prática à época? O que significava, naquele momento, ser alfabetizada em meio a uma população pouco alfabetizada? Não há como obter respostas concretas, mas algumas pistas são dadas por minha mãe em outro trecho das suas narrativas:

O pai de minha mãe era empregado de um homem muito rico de Maruim, dono de um armazém grande que recebia produtos que chegavam de saveiro<sup>43</sup>.

<sup>39</sup> Meu avô, possuía, à época, barcos de pesca e alguns pescadores contratados para o desenvolvimento do trabalho. A prática pesqueira era uma atividade econômica muito comum no município, além das atividades ligadas ao comércio.

<sup>40</sup> Um pequeno armazém para comercialização de secos e molhados era outra atividade econômica da família e ficava aos cuidados de minha avó.

<sup>41</sup> As entrevistadas serão identificadas pelo primeiro nome, considerando a semelhança dos sobrenomes, tendo em vista a identificação mais precisa das mesmas.

<sup>42</sup> Minha mãe nasceu em 1922 e começou a frequentar a escola com sete anos.

<sup>43</sup> A pequena embarcação denominada saveiro era um meio de transporte fluvial muito utilizado no Vale do Cotinguiba, em Sergipe, entre os séculos XIX e décadas iniciais do século XX. Era usada para transporte de

Era ele que vinha buscar as mercadorias em Aracaju e transportava pra lá. Era um empregado de muita confiança e o patrão pagou a escola pra minha mãe estudar, junto com os filhos dele na melhor escola de Maruim<sup>44</sup> (Lisete).

Uma outra forma de leitura é evidenciada no relato abaixo:

[...] então fui ficando viciada nessa história dela ler. Eu me lembro que me deitava no balcão da bodega pra ouvir ela ler as histórias e eu ficava vendo as figuras. Ela ia lendo e mostrando as figuras pra os pescadores e pra mim. As pessoas que entravam pra comprar alguma coisa naquela hora, viam e ficavam para ouvir também (Lisete).

A leitura das imagens que minha mãe fazia enquanto as histórias eram lidas e ouvidas! As gravuras e ilustrações contidas nos livros chamavam a atenção e despertavam a curiosidade inerente à leitura sensorial<sup>45</sup>, induzindo às primeiras escolhas dentro de um mundo até então desconhecido e “embora a aparente gratuidade de seu aspecto lúdico, o jogo com e das imagens e cores, dos materiais, dos cheiros e dos gostos incita o prazer, a busca do que agrada” (MARTINS, 1982, p. 41), marcando, talvez, naquele momento, estilos e preferências futuras, mesmo inconscientemente.

As ilustrações e gravuras também chamaram a atenção de minha filha Manuela no final dos anos 1980, despertando nela a vontade de continuar aquela aventura que tinha início através dos sentidos e proporcionavam descobertas e encantamentos próprios desse nível de leitura:

a maior parte da experiência que tive com leitura ainda na minha infância me remete muito ao ambiente familiar. Minha avó costumava ler historinhas infantis para mim de livros que serviram a várias gerações da família [...] ao ler para mim quando criança, minha avó incentivou minha curiosidade pela leitura; curiosidade, porque inicialmente, eu gostava apenas de ver as ilustrações e queria descobrir cada vez mais detalhes que passavam despercebidos nas primeiras vezes (Manuela).

Essa afirmação de Manuela descortina uma prática ligada à circulação de livros na comunidade de leitoras aqui analisada: “livros que serviram a várias gerações da família”. Ela é recorrente em outros trechos das entrevistas. Por exemplo, nessa transcrição da fala de Marina: “O livro tinha sido de Tirzah (a prima) e dela passou pra mim” (p. 78).

---

mercadorias e de passageiros, constituindo-se, em determinados momentos, como transporte turístico. Para informações mais detalhadas, ver Silva (2013).

<sup>44</sup> Posso inferir que minha avó teve os primeiros contatos com os estudos e com a prática de leitura, nas primeiras décadas do século XX, considerando as narrativas de Lisete.

<sup>45</sup> Os níveis de leitura definidos por Maria Helena Martins foram descritos na Seção 2.

Acresço a essas lembranças as minhas próprias, recordando que os livros escolares adquiridos por minha mãe para meus irmãos eram sempre “herdados” por meus primos que estudavam na mesma escola<sup>46</sup> e que eram, pela idade, uma série anterior. Meus irmãos eram advertidos para não “estragar” os livros nem “rabiscar”, para não caracterizar que os livros estavam sendo disponibilizados porque já estavam velhos. Anotações nas margens, consequentemente, era uma prática que não podia ser realizada!

Anete, minha tia, lembra da leitura em voz alta da mãe, embora não participasse diretamente desses momentos “por ter problemas no olho esquerdo” e “por ser mais nova que Lisete”, no entanto, também considera a mãe como tendo sido a pessoa que incentivou a prática e o gosto pela leitura, porque minha mãe “lia muito, principalmente jornais, inclusive os velhos que serviam para embrulhar coisas na bodega” (Anete).

Essa afirmação admite uma leitura efêmera e descartável de materiais impressos que servirão a outros propósitos depois de lidos, no entanto, não esclarece sobre a prática intencional de aquisição de jornais para leitura. Minha avó comprava jornais para uma leitura informativa? De que maneira eles chegavam até lá? Eram jornais de Maruim ou de cidades próximas? Ou eram jornais de Aracaju?<sup>47</sup>

Lisete aponta alguns indícios para a prática da leitura de jornais desenvolvida pela mãe:

Minha mãe era muito instruída. Ela queria ser professora, mas não podia, por causa da vida, mesmo. Ela gostava muito de ler. E lá em Maruim tinha tipografia que fazia um jornal. Não lembro o nome do jornal, mas eu até saí no jornal um dia. Eu trabalhava em uma sapataria e teve um concurso pra escolher a vendedora mais bonita. Eu saí no jornal por isso (Lisete).<sup>48</sup>

A educação feminina, na época em questão, era restrita a determinados segmentos sociais. Segundo Almeida (1998), “sua educação continuou centrada em desenvolver aptidões domésticas e a profissionalização permaneceu relegada a plano secundário perante a importância do matrimônio e da criação dos filhos” (ALMEIDA, 1998, p. 39).

A existência de práticas familiares como elementos incentivadores da leitura esteve presente nas lembranças, indicando, na maioria dos casos, a figura materna como sendo a

<sup>46</sup> Nos anos 1960 e 1970 os livros didáticos adotados pelas escolas para cada série permaneciam sendo adotados por vários anos, dentro de cada série.

<sup>47</sup> No período compreendido entre os anos 1890 e 1930 circularam, em Sergipe, quatro jornais com periodicidades diferentes: Folha de Sergipe (Bi-semanal); Correio de Aracajú (Tri-semanal); O Estado de Sergipe (Bi-semanal); Diário da Manhã (diário). Mais informações a esse respeito, ver Franciscato (2008).

<sup>48</sup> Não encontrei referência a essa tipografia, em uma busca preliminar na literatura sergipana.

responsável pela aquisição de material impresso, a exemplo de livros e revistas, aquela que lia e escrevia e quem direcionava a educação dos filhos.

Minha irmã Marli teve como incentivo para a leitura a prática da escrita de cartas enviadas rotineiramente por minha mãe ao nosso pai.

Como meu pai viajava muito, nunca estava em casa. E a maneira dele se comunicar com minha mãe era através de cartas. Quando eu via minha mãe escrevendo cartas pra meu pai, eu era muito pequena não sei que idade eu tinha exatamente, mas eu tinha vontade também de escrever carta pra ele, da mesma forma que ela fazia. Como eu não sabia escrever, eu pedia a ela um papel e ela me dava um lápis e um papel de carta e eu ficava escrevendo como se estivesse escrevendo [...] fazendo bolinhas [...] enchia a folha inteira de bolinhas como se fosse uma carta. E quando minha mãe enviava a carta pelo correio botava também a minha carta no envelope pra meu pai dizendo que ali era minha carta. Quando minha mãe recebia resposta da carta, ele também mandava uma cartinha pra mim e ela lia o que ele tinha escrito. Então dessa maneira eu fiquei com vontade de aprender a ler, para ler as cartas de meu pai. Eu tinha muita vontade de aprender a ler [...] mas muita mesmo (Marli).

A leitura de correspondência detectada nesse relato aponta para um dos tipos de leitura definidos por Fisher (2006): a leitura utilitária. Segundo o autor, a leitura utilitária insere-se no tipo de leitura que tem uma utilidade imediata e que cumpre uma finalidade específica para satisfação de uma necessidade imposta pela contingência do momento e especifica que “correspondências, sinais, rótulos, instruções, propagandas” (FISHER, 2006, p. 282), inserem-se nesse tipo de leitura. A comunicação familiar, àquela época, não poderia ocorrer de outra forma, senão por meio da troca de cartas pessoais.

Fischer (2006) apresenta, além da leitura utilitária, outros tipos de leitura: leitura profissional; leitura informativa; leitura de entretenimento; leitura religiosa; leitura casual. Ao longo das narrativas localizei a quase totalidade desses tipos nas práticas de leitura relatadas.

Para Cunha (2013), cartas pessoais inserem-se nas práticas sociais que se constituem na construção da história dos indivíduos. Essas práticas epistolares envolvem múltiplas situações de afetividade e de ausências e servem para, entre outras finalidades, “construir laços de papel”, “compartilhar experiências”, “vencer distâncias”. Para a autora

O ato de escrever cartas pessoais consiste em confrontar-se com códigos estabelecidos e, a partir deles, inventar/construir um lugar para si, por meio das palavras. Trocar cartas, corresponder-se ou escrever para alguém são formas de se expor, compartilhar experiências, vencer distâncias e ausências, tecer sensibilidades, enfim, construir laços de papel (CUNHA, 2013, p. 119)

Para minha mãe a leitura utilitária de correspondências pessoais servia, naqueles momentos para vencer a distância, bem como obter e enviar informações sobre o dia a dia não convivido, não compartilhado em virtude da profissão de meu pai.

A leitura que Marli costumava fazer para os filhos serviu de incentivo para o desenvolvimento, na filha, do gosto pela leitura. Minha sobrinha Celene relatou que

A minha mãe costumava ler pra mim e pra meu irmão praticamente toda noite, antes de dormir [...] isso foi criando um hábito que ficou aí a vida toda [...] eu lembro que uma das coisas que eu mais gostava na minha infância era quando a gente fazia encomenda de livros através de catálogos e a gente ia escolhendo e ficava na expectativa de chegar. Quando chegava a caixa cheia de livros era uma festa (Celene).

A aquisição de livros através de catálogos era uma prática comum nas décadas de 70, 80 e 90 do século XX, sendo a editora Círculo do Livro a que mais se destacou nessa prática. Era uma editora brasileira, criada nos anos 1970, por meio de um acordo firmado entre o Grupo Abril e uma editora alemã, à época o segundo maior empreendimento editorial do mundo. A venda de livros funcionava através de um sistema de “clube” no qual cada comprador era indicado por um sócio, tornando-se, assim, associado, passando a receber, quinzenalmente, a Revista do Livro, catálogo que demonstrava os títulos disponíveis. Atingiu, nos anos 1980, um quadro de oitocentos mil sócios, encerrando suas atividades na década final de 1990<sup>49</sup>.

O incentivo à prática de leitura, além de ligado à família, também aparece relacionado aos aspectos materiais dos livros. Marina, minha filha mais nova, recorda que:

O primeiro livro que eu li sozinha foi vovó que me deu pra ler. Era um livro que foi seu quando criança e que você guarda até hoje. O nome do livro é Shandi. Passei a vida toda pensando que o nome era Sandy. Até dei esse nome a uma boneca. Foi um livro que me marcou muito e eu sempre lembrava dele, da menina, lembrava das gravuras do livro. (Marina).

A fantasia do universo da leitura permaneceu na memória de Marina intercalada com brincadeiras do cotidiano da infância e manteve-se durante as outras fases da vida, sendo modificada ao longo das diversas experiências vivenciadas. Segundo Bosi (1994), a imagem

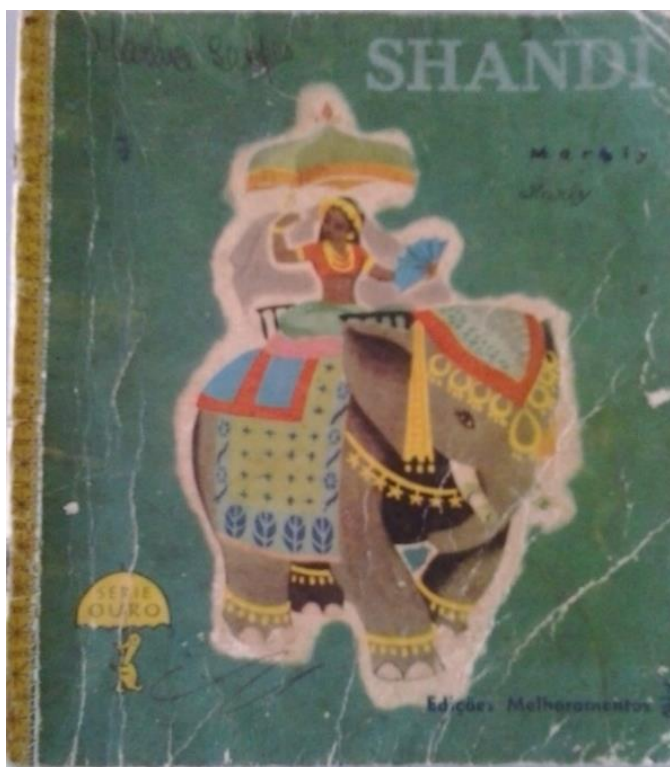
---

<sup>49</sup> Informações disponíveis em [www.publishnews.com.br/materias/2012/12/07/71420](http://www.publishnews.com.br/materias/2012/12/07/71420). Acesso em 15.09.2015.

lembrada é permeada de “noções gerais veiculadas pela linguagem” e é por causa “dessas noções gerais que as imagens resistem e se transformam em lembranças” (BOSI, 1994, p. 59).

O livro lembrado faz parte da Série Ouro, da Edições Melhoramentos<sup>50</sup>, publicados na década de 60 do século XX, dirigida a um público infantil. *Shandi*<sup>51</sup> me foi presenteado por minha mãe, juntamente com outros títulos da coleção: *Pêlo Vermelho*; *A Galinha Esperta*; *O Cãozinho Cabeçudo*, naquela década, entre tantas publicações semelhantes que ela costumava comprar como meio de incentivo à leitura. Exceto *Shandi*, que faz parte da minha biblioteca até hoje, os outros livros desapareceram ao longo dos anos, mas a imagem deles ficou gravada em minha memória. A capa do livro *Shandi* está exibida na figura 20.

**Figura 20:** Capa do livro *Shandi*<sup>52</sup>.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

<sup>50</sup> Criada em 1890 como indústria de papel, entre outros produtos, passou a exercer serviços gráficos no início dos anos 1900 e, em 1915, produz o livro *O Patinho Feio*, de Hans Christian Andersen, o primeiro livro produzido, no país, em quatro cores. Informações adicionais em <http://editoramelhoramentos.com.br/v2/a-editora/historico/>. Acessado em 10.11.2015.

<sup>51</sup> *Shandi* é a filha de um marajá da Índia, mau e infeliz. A história conta as aventuras da menina em busca do canto da Ave do Paraíso, para trazer felicidade e bondade ao coração do pai. Depois de muitas desventuras, ela consegue.

<sup>52</sup> Fotografia feita do livro original, edição de 1964.



A história da menina indiana foi lida, relida, lida novamente, infinitas vezes durante a minha infância, na década de 60 do século XX. Na década de 90, a mesma história, no mesmo suporte, foi lida e relida diversas vezes por Marina. Foram leituras distintas, considerando o intervalo de tempo decorrido entre uma e outra, tendo em vista as realidades vividas por cada uma de nós no momento da leitura, uma vez que a apropriação, na perspectiva de Chartier (2001), é invenção e criação, sentido esse que depende da história e da identidade social de cada um.

O conceito de apropriação, segundo o historiador francês está relacionado, dessa forma, à multiplicidade de interpretações, de usos, de compreensões, assim como à liberdade que os leitores possuem para criar, inventar e reinventar, “uma vez que cada leitor a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria” (CHARTIER, 2001, p. 20).

Manuela também recorda de aspectos e fatos que incentivaram o desenvolvimento de práticas de leitura:

Você sempre gostou muito de ler e compartilhava as obras comigo assim que terminava sua leitura. Essa também é uma prática que perdura – e que me incentiva demais [...] A partir daí, tomei gosto e procurava folhear livros dos mais variados assuntos que eu conseguia achar guardados em casa, de livros de Medicina aos de boas maneiras e etiqueta. Já um pouco maior, você e papai me deram um fascículo de uma coleção sobre dinossauros e isso me rendeu uma paixão pelo assunto que dura até os dias de hoje (Manuela).

Para Tirzah, minha sobrinha, o elemento incentivador veio do pai, meu irmão. Ela recorda: “Meu pai estava sempre com um livro nas mãos”. A existência de livros, revistas, jornais, materiais impressos diversos, caracteriza um ambiente no qual a circulação de textos fazia parte do cotidiano. “Eu sempre ganhava revistinhas da Turma da Mônica nos finais de semana, e lia com minhas primas Manuela e Marina”.

No meu caso as situações de incentivo à leitura, em minha infância, são sempre ligadas à figura de minha mãe que me proporcionou a alfabetização antes do meu ingresso à escola. Não lembro com clareza como se deu essa aprendizagem, mas, recordo da existência de vários livros, adquiridos por ela, especificamente com a finalidade de incentivar a “estudar para ser alguém na vida”. Sempre a ouvi dizer que, como não éramos ricos, o caminho para o futuro era o estudo e, para estudar, tinha que saber ler.

Nesse intuito, ela adquiria vários livros de histórias infantis, em uma livraria localizada na Rua João Pessoa. Eram historinhas lidas com afeição e encanto, lembro muito bem, observando as várias gravuras e ilustrações, dando a cada uma sentidos e significados próprios de uma “prática criadora”, conforme Roger Chartier (CHARTIER, 1988, p. 123). O livro *Shandi*, lido muitas décadas depois por Marina, conforme relatado na página 65, foi uma dessas aquisições.

### 3.1.2 Leituras no ambiente familiar

Minha mãe frequentou a escola durante o primário, entre os anos 1920 e 1930, e relembra com muito orgulho os anos de estudo nas escolas isoladas, em Maruim, onde nasceu e morou até o casamento. Segundo seu relato, minha avó queria que ela fosse professora. Para isso teria que vir estudar em Aracaju, para ser normalista, mas como era muito ligada à família, não quis separar-se dos pais e irmãos. Ela própria afirma que “minha mãe queria que eu fosse professora porque via minha facilidade que eu tinha de pegar as coisas. Era pra vir estudar na Escola Normal”.

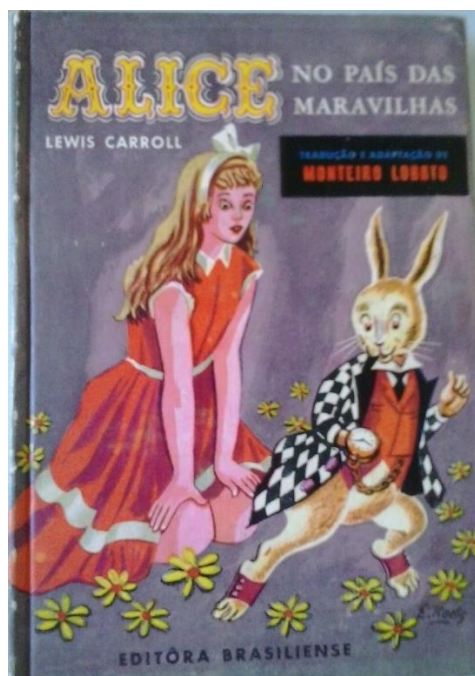
Nas décadas iniciais do século XX o magistério apresentava-se como a possibilidade de carreira profissional acessível às mulheres, a única, estando alicerçada com os atributos de vocação, de cuidado maternal, constituindo-se na “via pela qual poderiam conquistar o espaço público, isto é, valorizando seu trabalho no lar e a sua grande responsabilidade de educar as futuras gerações” (ALMEIDA, 2006, p. 80). Para minha avó, presumo, a concepção subjacente ao desejo de ver a filha se tornando professora estava atrelada à ideia de competência no lar ser determinante para a competência profissional.

Em minha casa muitas atividades do cotidiano giravam em torno da leitura. Lembro da prática de contar histórias para mim por minha irmã, Marli e houve uma, em especial, quando eu estava com 8 anos de idade. Era a história de uma garota que vivia muitas aventuras e eu aguardava ansiosamente os momentos de ouvir o relato e me deliciava com a narrativa. Antes do término da história ela me presenteou com um livro que possuía capa dura com a figura de uma menina e um coelho que examinava as horas em um relógio de bolso.

O título estampado na parte superior era *Alice no país das maravilhas*. Publicado pela primeira vez no Brasil em 1931, pela Companhia Editora Nacional, com tradução de Monteiro Lobato, o livro teve diversas outras traduções. A tradução que me foi presenteadada era de 1960,

também de Monteiro Lobato, publicada pela Editora Brasiliense. A capa do livro está reproduzida na figura 21.

**Figura 21:** Capa do livro *Alice no País das Maravilhas*.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

Fui descobrindo, enquanto lia, que aquela era a história que ela vinha me contando e pude chegar, assim, ao final da história que havia ficado em aberto na narrativa. A materialidade daquele livro ficou gravada na lembrança mesmo após o desaparecimento dele das estantes de casa. O meu original foi perdido com o passar dos anos. Adquiri, há um ano, um exemplar igual, de 1960, em um site de compras pela *internet*.

Esse livro também foi relido várias vezes, sendo essa uma prática de leitura frequente na comunidade leitora: a releitura de livros diversas vezes. Celene, minha sobrinha, afirmou: “Li e reli várias vezes”, referindo-se a um livro que contava histórias bíblicas em linguagem adaptada para crianças, do qual ela recorda. Marli também costuma reler os livros frequentemente: “[...] depois de algum tempo eu leio novamente e é como se eu nunca tivesse lido aquele livro [...] leio com o mesmo prazer como se fosse a primeira vez”. Da mesma forma minha tia Anete diz que “releio sempre os livros com os quais mais me identifiquei, sentindo a mesma emoção, às vezes descobrindo novos aspectos despercebidos anteriormente”.

Um mesmo livro não é relido da mesma maneira, é o que afirma Ecléa Bosi (1994). Segundo a autora, não é possível experimentar os mesmos sentimentos em uma primeira leitura e na releitura, porque as realidades sociais vividas nas duas situações são diferentes. O conjunto de informações da vida prática vai sendo incorporado ao longo da existência, acarretando diferentes contextos que consolidam a percepção de cada um, em cada momento da vida. Por essa razão, a bagagem cognitiva que vai sendo modificada, determina novas reflexões e novas ideias a cada leitura.

A prática detectada configura, na perspectiva de Chartier (1998), que essas leitoras desenvolvem tanto uma “leitura intensiva” como uma “leitura extensiva”, na medida em que a prática intensiva pressupõe a leitura de um mesmo texto várias vezes<sup>53</sup>, ao mesmo tempo expressam a prática extensiva, lendo uma variedade de livros não muitas vezes.

As integrantes dessa pesquisa se apropriam de diversas leituras e compõem uma “comunidade de leitores” (CAVALLO e CHARTIER, 1998, p.38) que compartilham práticas, gostos, hábitos, habilidades e maneiras de ler que definem seus “esquemas de percepção”. No entanto, cada uma é única ao atribuir significados diversificados às suas leituras através de suas “estratégias de interpretação”. A comunidade familiar é, assim, constituída como um espaço de troca de aprendizagens e experiências, possuindo seus próprios “códigos de leitura”.

Algumas leituras foram marcantes e permanecem presentes de forma bastante nítida na lembrança. Para Marina

Ficaram na memória, bem nitidamente, esses dois livros: *Shandi* e o outro era um livro de titia Marli [...] na primeira vez que a gente foi pra Itaparica, eu li esse livro [...] era um livro que estava lá, na casa de titia Marli. Já procurei tanto, mas ninguém lembra do nome dele. Você não lembra, não? Era a história de uma menina que de repente ia morar com o avô em um lugar no campo. E ela não se dava nada bem com esse avô. Era uma relação difícil, mas no decorrer da vida deles dois eles começaram a se dar bem; e ela fazia as atividades de fazenda, tirar leite, e tinha umas ovelhas, cabras, uns bichinhos bonitinhos e na minha cabeça, na capa do livro tinha uma imagem dessas ovelhas [...] a menina com uma ovelha, eu acho. Era um livro tão lindo! E ninguém lembra! Mas eu tenho certeza que o livro era de titia Marli (Marina).

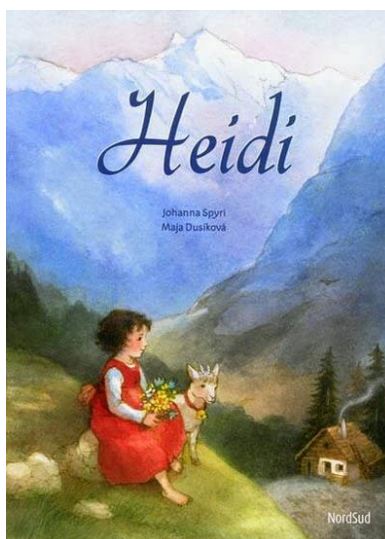
Esse trecho mostra aspectos característicos da apropriação do texto pela leitora, considerando, como Chartier (1998) que “as formas produzem sentido e que um texto se reveste

---

<sup>53</sup> O conceito de leitura intensiva foi referido por Chartier a respeito de práticas desenvolvidas no século XVIII, época em que havia um número insignificante de impressos, o próprio historiador aponta para o fato de que as práticas não desaparecem totalmente; elas permanecem e continuam a se manifestar.

de uma significação e de um estatuto inéditos” (CHARTIER, 1998, p. 6). Esse significado se revela na relação de afetividade estabelecida com o texto, permanecendo na memória, construída por meio de um “acontecimento vivido pessoalmente” (POLLAK, 1992, p. 201), acarretando o desejo de voltar a estabelecer contato com o texto lido há muito tempo. Durante o desenvolvimento desse estudo, após intensa pesquisa através da *internet*, a partir das características relatadas, descobri o livro recordado: *Heidi*. Do gênero literatura infantojuvenil, escrito em 1880 pela autora suíça Johanna Spyri, conta a história de uma criança órfã. A figura 22 traz a capa do livro que permaneceu na lembrança de Marina.

**Figura 22:** Capa do livro *Heidi*.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora<sup>54</sup>.

A materialidade dos textos circunscrita nas capas, contracapas, gravuras, ilustrações, é um aspecto da relação estabelecida entre o leitor e o livro que se mantém na lembrança, ainda que “o leitor não se garante contra o gasto do tempo” (CERTEAU, 2014, p. 48) e esqueça o conteúdo, no todo ou em parte, “a não ser pela compra do objeto”. Nesse caso o livro, assim como seu conteúdo, permaneceu na memória durante muito tempo, ainda que sem a compra do objeto.

Regina Zilberman (2011), analisando a materialidade dos textos na perspectiva de Chartier, avalia que a mesma não está restrita ao componente físico, apenas, mas está circunscrita na relação entre os aspectos formais e os gêneros textuais. Por esse motivo quando

<sup>54</sup> Imagem disponível em <http://bau-dos-livros.blogspot.com.br/2015/03/heidi-johanna-spyri.html>.

um livro permanece na lembrança durante muito tempo depois de lido, além dos aspectos componentes da capa, figuras e ilustrações diversas, permanecem também, alguns fragmentos do texto ou até partes significativas dele.

As lembranças de leituras também podem relacioná-las a determinadas épocas e tempos passados. Para Marli as leituras de fotonovelas marcaram uma determinada época:

Quando eu tinha mais ou menos 13 anos, entrando na adolescência, eu descobri as fotonovelas. A minha prima que era mais velha que eu, tinha várias revistas de fotonovelas. Desse modo eu passei das revistas infantis a me interessar por revistas de fotonovelas, principalmente Capricho. Eu ia na casa dela e lia as fotonovelas e achava maravilhoso e essas revistas depois ela dava pra mim. Então pedi a meu pai pra ele trazer também Capricho, além das revistas infantis que ele trazia. Eu até pensava que ele não fosse gostar que eu lesse esse tipo de leitura porque alguns pais e algumas mães censuravam, não gostavam que suas filhas lessem as fotonovelas. Mas os meus pais nunca me proibiram. Eu não lia uma fotonovela de uma vez só porque tinha que estudar. Então eu começava a ler e numa determinada hora eu tinha que parar pra depois continuar. Como hoje a gente faz com os livros maiores. Mas eram muito boas as fotonovelas de Capricho. Depois começaram a aparecer outras revistas que também continham fotonovelas e que eram protagonizadas por artistas que faziam os atores. Naquela época não existia televisão, pelo menos aqui em Aracaju, mas eu conhecia todos os protagonistas das fotonovelas pelos nomes e ficava muito feliz quando saía uma fotonovela com determinado ator ou atriz (Marli).

Ela se refere ao período que convencionalmente ficou conhecido como “Anos Dourados”, durante o qual “a TV, quando surge, ainda incipiente, não chega a competir com o rádio ou com revistas e jornais em termos de público consumidor” (PINSKY, 2014, p. 19) e a imprensa, especialmente a feminina, passou por um processo de modernização, “acompanhando o crescimento da indústria de bens ligados à mulher e à casa” (PINSKY, 2014, p. 19), trazendo todas as novidades da época em páginas de revistas ricamente ilustradas, direcionadas ao público feminino.

A grande inovação desse tipo de imprensa, à época, ficou por conta das fotonovelas, histórias narradas em quadrinhos, veiculadas nessas revistas, “contadas a partir de uma associação entre fotografias e textos” (MELO, 2009, p. 89). De acordo com a autora esse tipo de leitura é de origem italiana, da época pós Segunda Guerra Mundial, quando a difusão do cinema se tornou difícil por questões econômicas. Melo entende que as fotonovelas

são compreendidas como meio de formação, permitem um conjunto de práticas e são portadoras de uma Pedagogia de ser, de se comportar, de viver,

de escolher e de amar, operando, assim, um papel central na vida social de suas leitoras; por esta razão, exprimem uma Pedagogia que lhes é singular (MELO, 2015, p. 19).

Apesar de proibidas em muitos lares por serem consideradas leituras com potencial poder de erotização e incentivadores de paixões arrebatadoras que feriam a moral e os bons costumes, na minha família elas eram permitidas e veiculadas entre primas, além de serem adquiridas, algumas vezes, por meu pai durante as inúmeras viagens que fazia em função do trabalho.

Além das revistas de fotonovelas Marli lembra de ter lido outro tipo de impresso para entretenimento: “Depois comecei a ler romances. Adorava os de Madame Delly” (Marli). Eram romances ambientados na França, apresentados através da Coleção Biblioteca das Moças, e segundo Cunha (1995), “constituíam leitura bastante comum numa dada comunidade de leitores: mulheres de classe média” (CUNHA, 1995, p 62). De acordo com a autora, esse tipo de leitura de entretenimento aguçava o imaginário da leitora, além de servir de modelo de conduta, alimentando sua subjetividade.

Lisete lembra de livros ofertados pela mãe no ambiente familiar “pra ir conhecendo as letras e as palavras e começar a ter contato com o que ia estudar na escola”.

O primeiro livro que ela me mostrou foi *Cartilha Analytica*<sup>55</sup>. Tinha muita história linda. Aprendi a ler num instante. Tinha as frases e as letras. Eu ainda não estava na escola, mas esse livro era o que as professoras pediam pra comprar quando começava o ano letivo (Lisete).

As lembranças a respeito do livro que primeiro marcou a vida de minha mãe mostram que ele parece ter exercido uma dupla função na infância dela. Era uma cartilha que preconizava o método analítico de alfabetização e serviu, naqueles anos anteriores à escolarização, para proporcionar familiaridade com as letras do alfabeto. Além desse aspecto, foi importante para a introdução no mundo da literatura infantil.

A *Cartilha Analytica* com suas historinhas fez parte tanto da literatura de entretenimento, quanto da literatura destinada a atingir os objetivos escolares. Ela marcou o imaginário de

---

<sup>55</sup> Da autoria de Arnaldo de Oliveira Barreto, foi publicada pela Livraria Francisco Alves. A primeira edição foi lançada em 1909. O trabalho desenvolvido por Isabel Cristina Alves da Silva Frade e Francisca Izabel Pereira Maciel (2006) analisou a cartilha na sua materialidade, além dos aspectos pedagógicos e editoriais.

minha mãe e nunca foi esquecida. Décadas depois, adquiriu o manual para a filha Marli, que disse a esse respeito:

como minha mãe falava sempre de uma *Cartilha Analytica* que ela tinha usado na escola dela, e ela falava muito dos capítulos das histórias, das poesias, que eram muito lindas, eu pedi a ela pra comprar esse livro pra eu ler, não como uma leitura escolar mas como leitura paralela. Então ela comprou essa cartilha que eu achei uma maravilha porque eram realmente muito interessantes os contos que tinha lá, as poesias (Marli).

A figura 23 mostra a capa da cartilha, na edição de 1923, provavelmente a edição estudada por minha mãe, considerando o estudo de Frade (2006).

**Figura 23:** Capa da *Cartilha Analytica* edição de 1923.



**Fonte:** Frade (2006).

No trabalho desenvolvido por Oliveira (2015)<sup>56</sup> sobre a trajetória de professores do ensino superior sergipano, um dos integrantes do estudo que teve o início da escolarização nas primeiras décadas do século XX, lembra a *Cartilha Analytica* como um “livro horroroso” que despertava preguiça para estudar, demonstrando como o manual de alfabetização foi utilizado, à época, na educação escolar e como permaneceu na lembrança de quem fez uso dele.

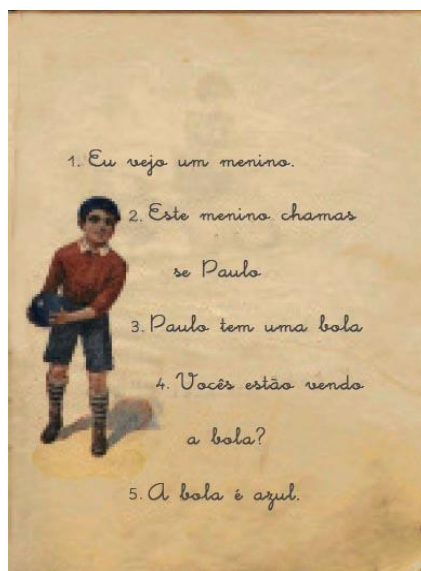
Sobre o conteúdo da cartilha Lisete lembra que “tinha a história de Paulo, um menino que jogava bola [...] tinha a bola desenhada e o menino”. A apresentação de textos aliados a imagens nos manuais de alfabetização do final do século XIX e início do século XX constituiu-se em uma prática metodológica que ia além do ensino das primeiras letras, pois segundo Frade e

<sup>56</sup> Tese de doutorado defendida em 2015 no PPGED/UFS por João Paulo Gama de Oliveira.



Maciel “além da descrição como procedimento textual e cognitivo, alguns textos ainda incentivam o exercício do sentido da ‘visão’ no conjunto de disposições a serem construídas no leitor iniciante” (FRADE; MACIEL, 2006, p. 3114). A lição lembrada por Lisete pode ser visualizada na figura 24.

**Figura 24:** Lição da Cartilha Analytica edição de 1923.



**Fonte:** Frade; Maciel (2006).

Da adolescência, minha mãe lembra de leituras ligadas às funções desempenhadas à igreja católica. Após o casamento e a maternidade, as leituras eram mais raras em virtude dos afazeres cotidianos, no entanto, meu pai sempre trazia das viagens, quando aportava em Aracaju, várias revistas que circulavam à época nos centros urbanos mais desenvolvidos. Além de revistas de costura que mostrava o que havia de mais atual em termos de moda feminina, a Revista do Rádio<sup>57</sup> era uma das preferidas por mostrar tudo o que acontecia no mundo das celebridades como artistas e cantores da época. “Mas eu não lia todas porque naquele tempo eu vivia na

<sup>57</sup> A televisão só surgiu, no Brasil, nos anos 1950. Os anos 1930 marcaram a ascensão do rádio como veículo de comunicação de massa e de entretenimento. A criação da Rádio Nacional, em 1936, reforçou sua função informativa, com a transmissão dos discursos populistas do então presidente Getúlio Vargas. Pelo rádio se ouvia música, noticiário, novelas e a voz era a única referência que o público tinha dos artistas da época. A Revista do Rádio, criada em 1948, deu corpo e mostrou os donos das vozes que habitavam o imaginário da população, trazendo textos e fotografias, mostrando parte da vida das celebridades do mundo artístico. Circulou em todo o território nacional por, aproximadamente, 22 anos. Para obter maiores informações sobre o tema, acessar <http://bndigital.bn.br/artigos/revista-do-radio> Acesso em 17.10.2015.

máquina costurando, não tinha tempo. Gostava de ver as fotos de Ângela Maria, Emilinha Borba e várias outras” (Lisete).

Para Manuela o gosto pela leitura tem uma cronologia situada no decorrer das diversas fases da vida e as recordações estão ligadas a livros e impressos que faziam parte do cotidiano familiar:

No começo, lia mais historinhas infantis e colecionava álbuns de figurinhas. Mas como havia vários livros em casa, gostava muito de ler os de química e física utilizados na escola por meus primos mais velhos. Depois, já na adolescência, passei a me interessar ainda mais pela literatura científica, mas de outros ramos: Paleontologia, Astrologia e até Botânica. Já adulta, descobri uma verdadeira paixão por ficções, suspenses e mitologia (Manuela).

### **3.1.3 Leituras no ambiente escolar**

Não lembro especificamente de livros didáticos nos momentos de minha iniciação no processo de escolarização, no entanto, recordo perfeitamente do culto a símbolos e valores disseminados então, como o respeito à bandeira, o ritual do hasteamento ao som do Hino Nacional Brasileiro, a leitura do hino em dias destinados a essa atividade, constituindo, assim, a minha identidade de sujeito sociológico que, segundo Stuart Hall (2006) é “formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos [...] dos mundos que ele/ela habitava” (HALL, 2006, p.11).

Minha vida escolar teve início em 1962 quando fui matriculada na turma do “infantil”, no Educandário Nossa Senhora Menina. Tinha, à época, 6 anos de idade e já sabia ler. Ao final do ano, meu pai entendeu que seria melhor, do ponto de vista da localização, que eu estudasse em uma escola mais perto de casa; morávamos no bairro Santo Antônio e era ele que me deixava e me pegava na saída da escola. Além disso, ele tinha uma predileção pelo colégio onde minha irmã tinha estudado durante todo o primário e o ginásio: Colégio Nossa Senhora de Lourdes. Assim, eu fui matriculada no primeiro ano primário daquela instituição, no turno da manhã. No decorrer do primeiro ano primário minha mãe foi levantando a ideia de que o ensino no Colégio Nossa Senhora de Lourdes era “um pouco atrasado” e que isso seria um retrocesso na minha vida escolar. Contra a vontade de meu pai ela foi conversar com a diretora do Educandário Nossa Senhora Menina sobre a possibilidade de me aceitarem de volta e no encerramento do

ano letivo, apesar dos protestos das freiras e do voto contra do meu pai, prevaleceu a vontade de minha mãe: fui retirada do Colégio e matriculada de volta no Educandário.

Nas duas escolas onde passei os primeiros anos escolares, do infantil ao final do curso primário, os símbolos cultuados foram distintos: na escola religiosa católica as atividades iniciavam com orações, enquanto que na escola laica o culto era à bandeira e ao Hino Nacional. Eu gostava igualmente dos dois. Da turma do infantil lembro que eu era uma das poucas crianças que já sabiam ler, por isso, tínhamos atividades diferenciadas. Eram disponibilizados para esse grupo vários livros infantis e eu gostava demais dessas atividades.

Segundo Robert Darnton (2010) “a presença do livro na prestação de juramentos, na troca de presentes, na concessão de prêmios e na doação de heranças oferece pistas sobre seu significado em diferentes sociedades” (DARNTON, 2010, p.148). As lembranças de livros como prêmio está associada a todo o meu ensino primário, quando nas ocasiões de culminância dos anos letivos, aprovada sempre em primeiro lugar, recebia no Educandário Nossa Senhora Menina, além das tradicionais medalhas, um livro a cada ano.

Lembro especialmente da história contada em um deles, o que ganhei na festa de formatura do quarto ano. Era uma história que aconteceu em uma tribo indígena, tendo como personagem principal um índiozinho a quem ainda não era permitido participar dos ritos de iniciação dos jovens e, por isso, ele cedeu à curiosidade montando estratégias para assistir à cerimônia às escondidas. Se fecho os olhos, posso “ver” as imagens daquele maravilhoso cenário no meio da floresta e posso lembrar como torci para que ele não fosse descoberto em flagrante.

Os anos 1960 despertaram, em mim, o fascínio pela leitura. Em casa, cercada de livros de histórias infantis comprados por minha mãe, pelas revistas de fotonovelas de minha irmã, pelos livros de meu irmão, pelas revistas de meu pai. Na escola, era sempre chamada a iniciar a leitura do dia, enquanto a turma acompanhava para seguir, assim que a ordem fosse dada e um outro colega fosse chamado a dar prosseguimento. Em seu estudo sobre o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Costa (2003) constatou que

Para as freiras sacramentinas, a prática da leitura deveria ter um caráter de afirmação dos valores sob os quais se pautavam os padrões da moralidade cristã católica. Este padrão era adotado pelas Irmãs da própria Congregação. A leitura deveria manter a mente ocupada e evitar que idéias ofensivas aos padrões morais do catolicismo viessem a ocupar o pensamento das moças (COSTA, 2003, p. 75).

A atividade de leitura desenvolvida nas instituições escolares trazia em seu ritual concepções de disciplina, atenção e obediência que transcendiam a função intelectual e definiam, também, questões de ordem e de moral. Ao exigir que os alunos acompanhassem atentamente a leitura de um colega e continuassem exatamente no ponto em que esse havia parado, sob pena de aplicação de castigos, entravam em foco a autoridade e o autoritarismo da professora, as regras de comportamento que precisavam ser seguidas, as normas de silêncio e de atenção. Além disso, o “exercício em voz alta, que servia tanto para o controle do mestre como para a imitação dos colegas” (LACERDA, 2003, p. 311), atendia, também, à ideia da leitura como uma atividade que preparava para o domínio da voz, através da entonação cadenciada, da pontuação ritmada e da modalização adequada.

Essas regras transcenderam tempos e lugares. Ao recordar os anos em que estudou o curso primário, em Maruim, nos anos finais de 1920 e iniciais de 1930, em escola de primeiras letras, Lisete lembra com muita clareza as aulas de leitura:

A professora marcava a lição de leitura pra gente estudar em casa e dar no outro dia [...] aí, no outro dia, ela ia chamando de uma por uma e a gente lia. Tinha que fazer a entonação correta, fazer as pontuações [...] quem errava ou quem não sabia de onde tinha que continuar a leitura da colega, ficava em pé na porta da sala, com o livro aberto, estudando, pra dar a lição novamente, depois que todo mundo fosse embora. Quem passava e via, já sabia que aquela pessoa estava de castigo porque não tinha dado a lição direito. Eu nunca fiquei porque gostava muito de ler, estudava muito em casa e lia muito bem (Lisete).

Segundo Razzini (2009) o ensino simultâneo possibilitou a realização da leitura de forma individual e coletiva, oral e silenciosa, “considerando que toda a turma passa a seguir silenciosamente a leitura oral de um aluno de cada vez” (RAZZINI, 2009, p. 110) oportunizando ao professor “corrigir posturas e os diferentes acentos de fala, oferecendo a todos um modelo oral a ser imitado”. (RAZZINI, 2009, p. 110).

Prática semelhante continuou sendo desenvolvida sessenta anos depois, conforme relatado por Tirzah:

[...] mas o que me marcou mais foram as aulas de leitura no quarto período do primário, com o livro *A História sagrada*, quando aguardava ansiosamente o meu nome ser chamado e eu teria que continuar de onde o último aluno tinha encerrado, com medo de me distrair e não saber exatamente de onde continuar (Tirzah).

Por Marina:

A prática da leitura na sala de aula era assim: O livro de leitura era *A História Sagrada*. [...] tinha sido de Tirzah e dela passou pra mim. Era um livro pequeno, grossinho, a capa era azul com amarelo. Tinha o céu com o deserto embaixo, com as pirâmides de Gizé. A professora marcava as páginas: de tal página até tal página; era a lição de leitura do outro dia. A gente lia em casa, pra ir treinando e no outro dia tinha a leitura na sala. Todo mundo tinha o seu livro e ia acompanhando. A professora ia chamando, alguém começava e todo mundo tinha que acompanhar [...] quando ela chamasse, se não soubesse onde estava a leitura: ZERO!. Tinha que prestar atenção pra quando fosse chamado, dar continuidade à leitura (Marina).

E por Manuela:

Enquanto acompanhava a leitura que era feita em voz alta por um colega, esperando ser chamada a qualquer momento para dar continuidade, o medo de um zero e de receber uma bronca pública causava um frio na barriga, as mãos suavam e o estado de tensão era total (Manuela).

Existiram, por outro lado, as leituras que ficaram marcadas de forma prazerosa, entre as que eram solicitadas pela escola. Para Manuela uma dessas leituras foi *A Ilha perdida*, da Série Vagalume<sup>58</sup>. Ela afirma “tem dias que visualizo bem algumas cenas na minha cabeça, até hoje”. Os aspectos que dão forma aos textos, especialmente aos livros como cor, textura, formato, entre outros, participam de forma significativa na relação que se estabelece entre o livro e o leitor, possibilitando múltiplas interpretações.

A figura 25 refere-se ao livro que foi marcante nas leituras de Manuela.

**Figura 25:** Capa do livro *A Ilha Perdida*.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

<sup>58</sup> A obra de literatura infantil escrita por Maria José Dupré, *A Ilha perdida*, foi publicada em 1944 pela Editora Brasiliense. A partir de 1970 a Editora Ática passou a publicar a Série Vagalume, contendo diversos títulos dirigidos a um público infanto-juvenil, adotados em grande parte das escolas a partir de então. *A ilha perdida* foi incluída nessa série.

Segundo Roger Chartier “todo leitor diante de uma obra a recebe em um momento, uma circunstância, uma forma específica e, mesmo quando não tem consciência disso, o investimento afetivo ou intelectual que ele nela deposita está ligado a este objeto e a esta circunstância”. (CHARTIER, 1998, p. 70). A afetividade é um aspecto presente em todas as narrativas das entrevistadas.

Nas leituras escolares algumas obras também deixaram fortes impressões em minha mãe que, ao ser estimulada a falar sobre livros durante a trajetória escolar recorda, com alguns detalhes, os livros utilizados:

Era o primeiro ano e o livro era Primeiro Coração de Criança<sup>59</sup>. Tinha muita história bonita. Tinha a bandeira do Brasil [...] os símbolos pra gente estudar. No segundo ano foi Segundo Coração de Criança, no terceiro ano Terceiro Coração de Criança além disso eu lembro bastante das histórias da Cartilha Nacional<sup>60</sup> (Lisete).

As lembranças de minha mãe permitem buscar a compreensão de alguns aspectos das práticas escolares das primeiras décadas do século XX, também no que se refere ao uso de livros didáticos e seus ensinamentos de cunho moral e cívico. De acordo com Razzini (2009) “entre os símbolos nacionais mais cultivados na escola, destacam-se a bandeira brasileira e o Hino Nacional” (RAZZINI, 2009, p. 109), como forma de disseminação da ideia de uma pátria civilizada, dentro da concepção de modernidade e progresso, além de possibilitar inferir outros elementos.

A escola funcionava na casa das professoras ou em casas alugadas para esse fim. Esse aspecto é lembrado com bastante nitidez no seguinte trecho:

O nome da primeira professora era professora Afra. A aula era na casa dela. Depois ela adoeceu. Quando ela morreu eu fiquei estudando em casa mesmo com minha mãe. No outro ano foi que ela me levou pra escola de Dona Cotinha. Era uma casa alugada. Depois Dona Cotinha veio embora pra Aracaju. Porque de vez em quando tiravam do lugar, não era? Era o prefeito, parece. Aí minha mãe me botou na escola de Dona Aurora (Lisete).

<sup>59</sup> O ano civil era 1929, inferido das narrativas, considerando o ano de nascimento. A série Corações de Crianças, foi publicada pela Livraria Francisco Alves, de autoria de Rita Macedo Barreto, uma das primeiras mulheres a se dedicar à escrita de livros didáticos no Brasil. Era composto por seis livros: uma cartilha, um livro de lições preparatórias e quatro livros de contos morais e cívicos. Em estudo sobre o livro didático e o ensino moral e cívico em Sergipe, Daniela Souza Santos (2012) identificou a adoção desses livros em Sergipe nos anos 1920.

<sup>60</sup> Editada pela primeira vez em 1885, teve um longo período de editoração, continuando a ser publicada até 1960. Escrita por Hilário Ribeiro, ministrava o ensino da leitura simultaneamente ao ensino da escrita, através do método fônico que consistia em partir do estudo dos fonemas.

Uma explicação para a movimentação das professoras entre as cidades pode ser percebida no trabalho de Freitas (2003): “perseguições políticas”, “falta de infraestrutura”, entre outros motivos. Algumas desistiam da profissão “para trabalhar em diversos setores como funcionárias públicas” (FREITAS, 2003, p. 147), outras, ainda, ingressavam em estabelecimentos comerciais de grande porte.

Segundo Almeida (2007), “para as professoras primárias do começo do século, o magistério foi o ponto de partida” (ALMEIDA, 2007, p. 116), o que significava um caminho para a ascensão profissional para outras atividades que tivessem um retorno financeiro mais atrativo.

As professoras adotavam o método individual de ensino que consistia em ensinar, individualmente, mesmo possuindo muitos alunos. Segundo Faria Filho (2000), “o método individual caracterizava-se, pois, pelo fato de os alunos ficarem muito tempo sem o contato direto do professor” (FARIA FILHO, 2000, p. 140), o que gerava perda de tempo e vários problemas de indisciplina.

Uma multiplicidade de métodos de ensino é claramente percebida no relato sobre as atividades de matemática:

Tinha um quadro grande na parede, ela (a professora) ia armando as contas de mais e ia perguntando: tanto mais tanto é quanto? Quem errasse levava um bolo na mão com uma palmatória bem pesada! Era uma madeira preta que não se acabava nunca. A gente tinha tanto medo! Dia de sexta tinha sabatina, de tarde. Quem errasse apanhava. Mas quem batia era uma colega mais adiantada que ajudava a professora a ensinar aos mais atrasados (Lisete).

A narrativa oferece indícios de que se tratava do método lancasteriano ou ensino mútuo. A respeito desse método Faria Filho (2000) afirma “que tem como característica principal o fato de utilizar os próprios alunos como auxiliares do professor” (FARIA FILHO, 2000, p. 141) o que pressupunha uma economia de tempo, uma vez que a fiscalização de uns sobre os outros inibiria a indisciplina e a dispersão. Além disso esse método propiciava a redução do número de professoras, consequentemente o gasto com salários.

O método intuitivo também aparece no relato “tinha um quadro negro que a gente escrevia com giz. O giz a gente levava de casa. E tinta de escrever. A gente molhava a pena e escrevia. Geografia a gente estudava no atlas” (Lisete), materiais que serviam para que fossem praticadas as “lições de coisas”.

Minha tia Anete lembra uma experiência diferente em seu relato: “No meu tempo eu não estudei na casa das professoras. Eu fui pra escola um pouco tarde por causa do meu problema no olho. Fui para o Grupo Escolar Padre Dantas<sup>61</sup>. Era um prédio bonito” (Anete). Conforme Souza (2006) “muitos grupos escolares foram instalados em prédios especialmente construídos para eles, de acordo com uma arquitetura monumental e edificante que colocava a escola primária à altura das suas finalidades políticas e sociais”. (SOUZA, 2006, p. 67). A criação dos grupos escolares, em Sergipe, teve início na segunda década do século XX, inserida em um projeto de modernização, “por inspiração das idéias que se irradiaram a partir de São Paulo” (NASCIMENTO, 2006, p.159).

A leitura de clássicos da literatura brasileira também aparece em algumas narrativas, às vezes como algo agradável, outras vezes não tanto prazerosas, sentimento decorrente do caráter obrigatório. Celene lembra que “na escola eu li bastante toda a literatura brasileira e lia com prazer; o pessoal tinha muita dificuldade, achava chata, maçante, pra mim era um prazer”.

Para Marina a lembrança de alguns títulos, em especial, não são muito agradáveis. Segundo ela “no ginásio tive que começar a ler os romances todos; no científico, literatura para o vestibular. O Atheneu, Dom Casmurro [...] achava todos insuportáveis porque tinham que ser lidos por obrigação. Não tinha como não achar chatos. Isso traumatiza a pessoa”. No entanto, “o único que eu gostei, por incrível que pareça, era o que ninguém gostava: O Forte<sup>62</sup>! Era um livro que tinha uma linguagem mais difícil. Era uma leitura mais cansativa. E todo mundo se espantava por eu ter gostado”.

Nas recordações de Manuela também aparece o descontentamento da leitura obrigatória: “comecei a achar chato porque percebi que eram obrigatórias e isso me tirava o prazer da leitura. Tanto que, num determinado momento, mesmo sendo material avaliado nos testes escolares, passei a nem ler mais os livros até o final”.

A circulação de livros entre os membros da família é uma prática cultivada há muito tempo e fica evidenciado por Marina ao afirmar “[...] porque na nossa família tem isso, não é? Os livros vão passando de um pra outro entre os tios, primos, irmãos!” (Marina).

Esse intercâmbio de literatura remonta a épocas anteriores. Eu sempre troquei livros e outros impressos com meus primos e irmãos, principalmente. Essa prática revelou-se em trechos relatados acima por Marli: “A minha prima que era mais velha que eu, tinha várias

---

<sup>61</sup> Em uma busca preliminar não encontrei, na literatura sergipana educacional consultada, referência ao período de implantação do grupo escolar da cidade de Maruim.

<sup>62</sup> Escrito por Adonias Filho, ambientado na Bahia, o livro traz a história de lutas, batalhas e guerras.



revistas de fotonovelas. [...] eu ia na casa dela e lia as fotonovelas e achava maravilhoso e essas revistas depois ela dava pra mim.” (p. 72); Manuela: “havia vários livros em casa, gostava muito de ler os de química e física utilizados na escola por meus primos mais velhos.” (p. 76).

Nas minhas recordações a leitura aparece como uma prática que foi fator decisivo em diversas situações importantes. Quando cursei o quarto ano primário era esperado por todas as professoras que eu seria aprovada no Exame de Admissão e que eu seria muito bem-sucedida na prova de Português em virtude da minha predileção e dedicação às atividades de leitura.

Não recordo de uma preparação específica para o exame como parte das atividades escolares, mas, o exame de admissão foi assunto durante todo o ano em minha casa. Minha mãe instituiu um esquema intensivo de estudos com esse objetivo, paralelamente aos estudos referentes ao quarto ano, direcionados pelo exemplar do Programa de Admissão encontrado nas livrarias da cidade.

No dia da divulgação do resultado a minha redação foi elogiada publicamente pela direção do Colégio Atheneu Sergipense, diante das centenas de pessoas que aguardavam na porta do colégio. Lembro-me de ter sido colocada em uma cadeira para que as famílias pudessem me ver! Durante as décadas posteriores, por muitos anos e em inúmeras ocasiões, lembro minha mãe relatando a amigos e familiares que a filha se saiu maravilhosamente bem no exame de admissão porque sempre foi incentivada a ler bastante.

Lembro, também, de um episódio envolvendo o professor de Ciências da segunda série, Pedro Ribeiro. Os alunos tinham muito medo dele. Durante uma aula na qual ele explicava um tipo de ranhura existente em determinado solo, perguntou o nome daquele tipo de acidente. Como ninguém respondeu de imediato, ele foi perguntando de carteira em carteira e, aparentemente, os alunos não sabiam. Quando ele me interpelou, depois de dirigir-se a mais da metade da turma eu respondi: sulco! Ele ficou radiante e, após concluir a explanação, voltou a dirigir-se a mim e me perguntou se eu gostava de ler. Durante os minutos que restaram da aula ele se dirigiu aos meus colegas para que o exemplo fosse seguido, mostrando a importância de se cultivar o hábito da leitura.

Na terceira série, em 1969, passei a ter aulas no prédio da Praça Gracho Cardoso. Era uma nova fase e eu tinha um orgulho muito grande por estudar no Colégio Atheneu Sergipense. Três textos lidos nessa época são as minhas mais fortes memórias de leitura escolar dessa época: *Flor*, *Telefone*, *Moça*, conto de Carlos Drummond de Andrade, *Um Apólogo*, de Machado de Assis e *O Sonho*, de Olavo Bilac. Não lembro como foram conduzidas as aulas de Literatura em torno deles nem sei explicar porque eles ficaram tão presentes nas lembranças escolares, no

entanto, eles sempre voltavam à memória e, com o advento da *internet*, uma das minhas primeiras buscas foi no encalço desses contos.

Passei a me interessar, também, por *best-sellers* e muitos permaneceram em minha memória, especialmente os livros de ficção dos autores: Arthur Hailey; Sidney Sheldon; Robin Cook; Clive Cussler, alguns mais atuais, outros bem antigos, que ainda possuo.

De acordo com Fischer (2011) “ a lembrança depende dos significados que o narrador atribui às suas reminiscências” (FISCHER, 2011, p. 22). Os aspectos lembrados tiveram uma considerável importância para a vida de todas as integrantes desse estudo. Incluindo-me como integrante, foi possível trazer à reflexão, aspectos fundamentais na busca da compreensão acerca de relações familiares, sociais e culturais envolvendo práticas desenvolvidas em espaços de convivência pessoal e de escolarização.

### 3.1.4 Leituras no momento atual

Quando estimuladas a falar sobre as leituras atuais, as entrevistadas revelaram o cultivo de hábitos e práticas que foram fomentadas há muito tempo e continuam a fazer parte da rotina de cada uma, não como algo mecânico e apenas funcional, mas como uma rotina prazerosa da qual não se pode prescindir.

Minha mãe lê todos os dias e possui uma considerável quantidade de livros em uma biblioteca que foi sendo formada através de aquisições ao longo da vida e obras que recebe de presente dos familiares, sabedores da sua predileção, por afirmar sempre: “o melhor presente que alguém pode me dar é livro; adoro ler e agora que não saio mais de casa, quem quiser me dar um presente, me dê livros” (Lisete). O avanço da idade acarreta uma leitura mais fracionada, pequenas partes de cada vez, mas a prática é desenvolvida diariamente. Os livros de Padre Fábio de Melo são os preferidos<sup>63</sup>.

Para minha sobrinha Celene<sup>64</sup> nas viagens constantes e longas que faz em decorrência do trabalho e do local onde reside, não pode faltar a leitura:

Como eu tenho viajado muito e passo bastante tempo em aviões, são viagens longas e às vezes eu não consigo dormir, vou emendando uma leitura na outra. Gosto muito de ler biografias, mas ultimamente, envolvida com o trabalho eu tenho tido que ler muita coisa mais técnica muita coisa na área de gestão, de

<sup>63</sup> Conferir a relação de livros da biblioteca de Lisete no Anexo 1.

<sup>64</sup> Os livros da biblioteca de Celene estão relacionados no Anexo 3.

liderança e aí isso ocupa um pouco e eu deixo de ler as coisas que realmente gosto. Eu leio qualquer coisa; se estiver em um salão, leio as revistas mesmo que sejam bem antigas (Celene).

Marli<sup>65</sup> não imagina uma vida sem o prazer da leitura:

Hoje eu gosto muito de romances de Danielle Steel, de quem eu sou muito fã e tenho vários livros dela na minha casa [...] tenho também de Rosamund Pilker que são as duas autoras de romances que eu mais gosto de ler. Eu tenho uma vasta biblioteca na minha casa e não me desfaço deles por nada. Eu sinto um enorme prazer em abrir um livro pela primeira vez e começar a ler. O momento do primeiro capítulo, pra mim, é um momento mágico. É o momento que eu vou ingressar no livro e eu entro naquela história como se estivesse dentro do contexto daquele livro. Eu não imagino a minha vida sem leitura. Livros fazem parte da vida. Eu leio por prazer e sempre tenho um livro de cabeceira (Marli).

Marina<sup>66</sup> diz que “agora eu gosto de biografias, de ficção, histórias (fatos históricos), mitologia, aventura, suspense. Só não gosto de romances, histórias de amor, água com açúcar, ninguém me traga! Nunca gostei de Sabrina, Júlia, Bárbara Cartland<sup>67</sup> e outros desse gênero”.

A leitura profissional que, de acordo com Fischer (2006), destina-se “para trabalho da vida prática, em escritórios, em atividades profissionais cotidianas” (FISCHER, 2006, p. 283), está presente nas leituras atuais. Tirzah afirma que “em virtude das atividades profissionais, tenho utilizado de duas a três horas por dia para ler somente livros e artigos acadêmicos, na área médica”. No entanto, há lugar para a leitura de entretenimento, também: “quando começo um livro de Sidney Sheldon, leio sem parar, quase compulsivamente”.

No mesmo sentido, para Manuela<sup>68</sup>

além da literatura específica de minha área profissional, gosto muito de ler ficções e romances, especialmente os policiais. Leio como um hobby nas horas vagas, mas costumo fazer da leitura um passatempo não só em casa, como também na rua: quando vou a algum lugar sabendo que vou ter que esperar algum tempo, já saio de casa com um livro na bolsa (Manuela).

<sup>65</sup> Verificar relação de livros de Marli no Anexo 2.

<sup>66</sup> O Anexo 5 contém a relação de livros da biblioteca de Marina.

<sup>67</sup> Publicações da Editora Nova Cultural, nos anos 1980, divulgadas com o slogan “Romances com coração”, as histórias eram de natureza sentimental, destinadas a um público formado, principalmente, por mulheres jovens. Maiores informações são encontradas no trabalho de Simone Meirelles Rodriguez, publicado na Revista Letras, da Editora da Universidade Federal do Paraná (UFPR), 2005.

<sup>68</sup> Conferir, no Anexo 4, os livros da biblioteca de Manuela.

A troca de livros entre as integrantes dessa comunidade de leitoras é uma prática habitual, bem como a troca de opiniões sobre determinados conteúdos das obras, depois de lidas. Chartier (1998) reúne pistas para “os contrastes mais importantes que se pode extrair dos sentidos diversos de um mesmo texto” (CHARTIER, 1998, p.22), reforçando a concepção da leitura como uma atividade criativa e produtora de sentidos.

O livro *A Mágica da arrumação: a arte japonesa de colocar ordem na sua casa e na sua vida*, da escritora japonesa Marie Kondo, foi lido recentemente por algumas das integrantes dessa pesquisa. Ao comentarem sobre a leitura realizada, as características das formas de apropriação de um texto, revelou-se nos resultados práticos que cada uma delas extraiu de sua leitura.

Entendo ser necessário apresentar uma sinopse do livro em questão, para uma adequada compreensão da apropriação do seu conteúdo pelas leitoras, “uma vez que cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria” (CHARTIER, 1996, p. 20). Foi possível encontrar esse “fora-do-texto” tão difícil de perceber nas leituras dos “leitores comuns”.

O livro se tornou um *best-seller* rapidamente em todo o mundo e ocupa o primeiro lugar na lista do *The New York Times*, tendo vendido mais de dois milhões de exemplares em pouco tempo depois de vir a público. Publicado, no Brasil, pela editora Sextante, apresenta um método de arrumação que tem como base fundamental o descarte de itens pessoais que não tem mais utilidade, prometendo uma reorganização completa, não só da casa, como da vida de quem seguir o método proposto, denominado Método KonMari por sua autora, usando as primeiras sílabas do próprio nome.

O descarte proposto pelo método preconiza uma “conversa” entre a pessoa que está arrumando os pertences e os objetos a serem arrumados, de maneira que coloca em evidência a afetividade e o valor emocional das peças, seja roupa, livro, papéis, joias, entre outras categorias. A partir dessa espécie de diálogo é possível, segundo a autora, definir o que pode ser descartado e o que deve ser conservado, seguindo a orientação que sugere perguntar sobre cada objeto: “Isso me faz feliz?”.

O livro foi adquirido por minha sobrinha, Celene que, após a leitura, deu de presente para a mãe, Marli, e enviou um exemplar de presente para mim. Depois de ler, eu passei o livro para Marina e adquiri um exemplar para Manuela, enviando pelos correios. Penso ser importante

relatar esse percurso, considerando que ele evidencia, mais uma vez, a circulação de livros na comunidade de leitoras aqui estudada.

A primeira a ler a obra, Celene, fez a leitura de uma só vez, durante um voo para o Panamá. Apesar de ter gostado da leitura fácil possibilitada pela materialidade do livro, afirma que “respeito a cultura da autora, mas não me vejo agradecendo aos objetos ou à casa pela felicidade e conforto que me proporcionam”. (Celene). Para a organização da casa prefere utilizar métodos próprios, mas assimilou outros ensinamentos da obra e fez outro tipo de apropriação:

No final das contas, a mensagem do livro com a qual me identifico é a de que só devemos nos apegar àquilo que nos traz felicidade. A vida é muito curta pra gente se encher de objetos, e até mesmo de pessoas, inúteis, e quando descartamos o que não nos faz feliz, abrimos espaço para novas alegrias (Celene).

De maneiras diferentes o livro estimulou a prática imediata de organização da vida pessoal da maior parte das leitoras que, após a leitura, no todo ou em parte, partiu para a arrumação de um determinado setor da casa. No que se refere às impressões sobre a autora, Manuela e Marina foram categóricas, afirmando em uníssono: “Essa mulher é uma louca!”

Sobre o conteúdo do livro Marina se mostrou descontente e desmotivada a continuar lendo, depois de ter lido apenas alguns capítulos e considerou que a autora trata o tema “de forma muito impessoal, muito fria. É muito pessoal você se desfazer das suas coisas e pontuar o que serve e o que não serve, baseado em uma receita!”. Para ela “o livro se tornou um best-seller por causa do excelente trabalho de marketing sobre ele”.

Entende, no entanto, que “a gente precisa, realmente, de organização em determinadas coisas” e, nesse entendimento, tentou colocar em prática certos aspectos do livro, no entanto, predominou mesmo o seu senso prático e afetivo relativo a pertences pessoais, ou seja, “quase nada foi descartado”.

Sobre a aplicação prática do método, Marina disse, ainda, que “seguiu de forma adaptada, dentro dos meus critérios”. A esse respeito, Manuela foi enfática:

Odiei o apelo sentimental das técnicas que ela ensina; gosto de dicas mais práticas, mais fáceis de aplicar, e não me sentiria confortável conversando com minhas roupas, como ela sugere. Não consegui entender como isso pode melhorar tanto a vida de alguém (Manuela).

Já Marli seguiu à risca os critérios ditados pelo método. Ela afirma que mantém todos os itens domésticos arrumados dentro de certos critérios organizativos, mas após a leitura, resolveu colocar em prática o Método KonMari, sentindo-se cada vez mais entusiasmada por ele, conforme a leitura avançava, e passou “o dia todo fazendo essa atividade e fiz exatamente assim”:

Tinha algumas roupas que quando eu pegava, me trazia uma alegria, então esse eu não descartava. Quando eu segurava um vestido que não me trazia tanta alegria, porque eu não me sentia muito bem com ele, ou porque já estava muito usado, eu sentia realmente que ele não me fazia feliz, então eu me despedia do vestido, agradecia por ele ter me feito feliz, um dia, mas que agora ele já tinha cumprido a sua missão, e era hora de nos separarmos e ele ir, quem, sabe, fazer outra pessoa feliz. (Marli).

O relato acima demonstra a relação de proximidade que foi estabelecida entre o conteúdo do livro e a atitude desenvolvida por Marli ao colocar em prática, no seu cotidiano, os ensinamentos sobre como organizar o espaço doméstico. Segundo Kondo (2015), “é preciso segurar cada peça de roupa nas mãos. Quando tocamos uma roupa, o corpo reage – e reage de forma diferente de acordo com a peça” (KONDO, 2015, p. 40). Ainda de acordo com a autora, “segure cada peça e avalie se ela faz com que você se sinta bem” e, “a melhor maneira de fazer a triagem do que fica e do que sai é indagar: isso me traz alegria? Se a resposta for afirmativa, guarde-o. Caso contrário, jogue-o fora” (KONDO, 2015, p. 40). Em diversos capítulos do livro Marie Kondo estimula a “conversar” com as roupas ou outros objetos, “agradecer” o tempo que passou com eles e “despedir-se”, indicando um novo proprietário para os mesmos, uma vez que todos já “tinham cumprido a sua função”, orientações que foram seguidas sem restrições por Marli.

Ao fazer a mesma leitura<sup>69</sup>, Lisete descartou a possibilidade de fazer as arrumações de imediato e assim manifestou-se a respeito das sugestões da autora: “Vou fazer minha arrumação como venho fazendo a vida toda. Chamo meu pedreiro e sento ao lado dele. O que eu não quiser mais, dou pra ele levar pra casa dele”. Sobre o livro, ela comentou: “Gostei muito de ler porque é agradável, tem um tamanho de letra que dá pra enxergar bem e não é pesado pra segurar” (Lisete).

Após a minha leitura tentei colocar em prática alguns aspectos das orientações do método. Sabia, de início, que não seguiria as instruções no que se referia aos livros. Tentei começar organizando algumas gavetas onde guardo de tudo um pouco, mas desisti ao me deparar com

---

<sup>69</sup> A imagem de Lisete lendo o livro em questão pode ser vista na p. 45.

alguns itens escolares que pertenceram às minhas filhas no tempo em que estudaram o primário. Se fosse seguir os ensinamentos do método de organização preconizado no livro, teria que descartar todos eles, pelo fato de já terem cumprido a sua função.

O episódio relatado é emblemático e revelador a respeito do processo de apropriação da leitura, evidenciando a “identificação de leitores contrastantes e práticas dessemelhantes”, de que fala Chartier (1998), permitindo inferir que toda prática de leitura pressupõe uma liberdade do leitor em relação ao texto, liberdade essa dependente de situações sociais e históricas, variáveis, possibilitando distintas formas de interpretação. O leitor, ao ler, incorpora à sua compreensão, aspectos da sua realidade social, construindo sentidos que são impregnados do seu universo individual, porém, em interação com o seu meio social. Por isso essa liberdade não é incondicional, pois, “não existe prática que não se articule sobre as representações pelas quais os indivíduos constroem o sentido de sua existência – um sentido inscrito nas palavras, nos gestos, nos ritos” (CHARTIER, 2004, p. 18).

Nesse sentido, as formas diversas de relacionamento das leitoras com o livro da autora japonesa podem ser compreendidas em função do contexto social de cada uma, levando em consideração a situação profissional, idade, trajetória histórica, entendendo, conforme Chartier (2002) que “nem as inteligências nem as idéias são desencarnadas” das práticas cotidianas. Assim, a comunidade de leitoras aponta, em função dessas práticas, “como os mesmos textos podem ser diversamente apreendidos, manejados e compreendidos por indivíduos diferentes” (CHARTIER, 1999, p. 216).

Nesse sentido, Robert Darnton (2011), afirma que “a leitura não é simplesmente uma habilidade, mas uma maneira de estabelecer significado, que deve variar de cultura para cultura” (DARNTON, 2011, p. 223), bem como de pessoa para pessoa, dentro da singularidade de cada um.

As leituras realizadas no momento atual estão ligadas, na maioria dos casos, aos aspectos da vida prática, leituras técnicas para fins profissionais e acadêmicas, no entanto, a leitura por fruição, leitura de *best-sellers*, também estão presentes no cotidiano das integrantes, em maior ou menor medida, sendo, a prática da leitura, uma atividade constante e rotineira na vida de todas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS: IDEIAS PARA CONCLUIR ... SEM FINALIZAR**

Esta paisagem, vista do alto, oferece apenas a miniatura de um quebra-cabeça onde ainda faltam muitas das peças (CERTEAU, 2014, p. 38).

No início era apenas uma ideia um tanto vaga, difusa, eu diria, necessitando de uma luz para se fazer clara, discernível: práticas de leitura e o contato com estudiosos do assunto. Após certo tempo, percorrendo um caminho ainda eivado de mais incertezas do que concretudes, uma pálida luminosidade apontava para a ideia de práticas de leitura ligadas a um determinado grupo de leitores ou de pretensos leitores.

Uma pesquisa não se faz de forma linear. É uma atividade que pressupõe desvios, retrocessos, mudanças de caminho, recuos e avanços. Foi angustiante lidar com essas características antes de compreender que elas são inerentes ao percurso que se trilha rumo à construção de um conhecimento. Nessa estrada encontrei muitos conceitos, com os quais, naquele momento, nem sabia o que fazer; autores diversos, vários livros e impressos que foram lidos, relidos, até que eu me impregnasse do seu conteúdo.

Nesse caminhar, meu encontro com Roger Chartier, Robert Darnton, Steven Roger Fischer, entre outros não menos importantes, proporcionou um referencial teórico que me fez viajar pela historicidade da leitura, uma prática social que envolve “uso do corpo”, “relação consigo ou com o outro”, favorecendo a construção do pensamento a respeito das representações das mulheres sobre as práticas de leitura desenvolvidas cotidianamente ao longo da vida.

De posse de conceitos e conteúdos construtores de um referencial teórico consistente, a orientação adequada apontou para o norte do caminho que eu precisava seguir e a luz necessária finalmente iluminou o objeto pretendido: práticas de leitura de mulheres da minha família! Essa pesquisa teve, então, como objetivo, investigar práticas de leitura como elemento de formação de mulheres da minha família.

Para tanto, ouvi as narrativas de sete mulheres pertencentes à minha família, pessoas muito próximas, com as quais mantenho laços de afetividade bem apertados, fato que teve uma dupla característica: em vários momentos, ouvindo os relatos de histórias de vida, surpreendia-me com a familiaridade do relato: eu também estava ali! Não foi fácil me deparar com minha própria trajetória vista de um outro ângulo, me desnudando. Por outro lado, no entanto, a



proximidade demasiada foi oportunamente explorada e tornou possível que aspectos esquecidos nos momentos formais de entrevistas fossem, generosamente, trazidos à tona em falas e conversas rotineiras e, não raro, ouvi interpelações do tipo: “Você esqueceu de me perguntar sobre como era a iluminação da cidade naquele tempo!” (Lisete, minha mãe). Ou: “Eu esqueci de falar sobre um determinado livro que me marcou muito na escola” (Marli, minha irmã).

Essa pesquisa constituiu-se em um grande desafio, provocando o que Moraes (2007) chama de “nudez do espírito no espaço público” (MORAIS, 2007, p. 17). Em princípio uma inquietação: o universo acadêmico entenderia esse estudo como uma investigação científica? Algumas pessoas ligadas ao meio indagaram sobre os motivos da pesquisa e alguns foram além: “O que significa ‘Práticas de leitura’”? Outros questionaram: “Esse objeto está claro para você”?

Vencidas as barreiras iniciais, o desafio da escrita se impôs pelas implicações óbvias da minha posição dentro da pesquisa: ora eu era pesquisadora, ora integrante do estudo, em algumas situações, filha, irmã, tia, mãe. Como me colocar e me definir sem deixar de mostrar cada uma dessas características e ao mesmo tempo entender as relações decorrentes desses aspectos? Como conciliar essas atuações aparentemente contrastantes, mas indissociáveis no contexto de uma “comunidade de leitores” que tem em comum práticas desenvolvidas dentro de critérios e normas próprias nem sempre discerníveis?

Outro questionamento surgiu, na medida em que a escrita ia tomando forma. Como fazer referência à leitura e suas práticas numa perspectiva social e cultural, sem apresentar sua historicidade para tornar compreensíveis as mudanças ocorridas, no decorrer de séculos, nos aspectos materiais que envolvem a leitura e foram definidoras das distintas maneiras de ler? Diziam alguns, em uma tentativa de tornar a escrita menos prolixa, talvez, além de manter o foco em uma história contemporânea: “A digressão é grande e desnecessária”! Retirei, então, algumas partes já produzidas, não sem reticências.

Mais enfática e mais generosa, a orientação seguida por mim, afinal, lembrava o seguinte: “A escrita é sua. Escreva para você!” Ainda que restasse qualquer dúvida sobre qual das assertivas seguir, Chartier (2002) resolveria a questão, referindo-se à “propriedade do autor sobre sua criação” (CHARTIER, 2002, p. 26). O texto era minha criação! Trouxe, então, de volta algumas partes retiradas, no entanto, mantive determinados cortes, ciente da importância de ouvir e acatar as sugestões que enriquecem e tornam o trabalho mais conciso.

No decorrer da investigação ficou evidente que a relação das leitoras, inclusive a minha, com os textos lidos, sejam revistas, livros, jornais ou outros impressos, é indissociável dos

aspectos físicos dados por características próprias como cores, texturas e formatos que constituem a materialidade da leitura e definem a prática “encarnada em gestos”, conforme Chartier (1998).

Procurei compreender em que medida as práticas familiares contribuíram para a existência de um ambiente favorável à constituição de práticas de leitura. Todas as narrativas apontaram na direção da existência de elementos incentivadores da leitura em momentos anteriores à escolarização, com leituras desenvolvidas no ambiente familiar que, sempre prazerosas, foram relacionadas à “afetividade”, romance”, “alegria”, “cumplicidade” e “amizade”.

As lembranças de leituras ligadas ao ambiente escolar, foram, na maioria dos casos, carregadas de sentimentos negativos como “obrigatoriedade”, “ansiedade”, “medo”, marcadas pela continuidade de atividades sem sentido que serviram para acentuar o aspecto autoritário da instituição escolar, não contribuindo para estimular o prazer pela leitura, demonstrando que a escola, ao tratar a leitura como uma prática obrigatória e mecânica, fomenta sentimentos negativos como medo, ansiedade e rejeição, transformando o ato de ler em uma atitude chata e sem sentido.

A análise de práticas de leitura contemporâneas realizada nesse estudo permitiu o esclarecimento acerca da nem sempre pacífica relação passado/presente, mediada pela memória, fazendo entender que a memória é construída no presente, tomando como referência o passado que foi vivenciado, e agora se ordena considerando experiências ocorridas no período decorrido entre o momento vivido e o momento em que lembra.

As trajetórias de leitura contidas nas narrativas permitiram perceber como o ato de ler constituiu-se em um importante meio de socialização de costumes, demonstrando, também, as formas de aquisição e de circulação de impressos variados no contexto familiar, através de estratégias como compras, assinaturas, empréstimos e trocas. Além disso, foram revelados os modos de ler, de acordo com a singularidade de cada uma, evidenciando diversos tipos de leitura praticados tanto em tempos passados, como na atualidade. Leitura para fins profissionais (livros técnicos definidos pela profissão), leituras de entretenimento, por fruição (romances, revistas, *best-sellers*), leituras litúrgicas (religiosos, místicos, de autoajuda), leituras casuais (em salas de espera, aviões), foram modos de ler relatados durante as entrevistas. Foram reveladas, também, leituras intensiva e extensiva (CAVALLO e CHARTIER, 1998): existem leitoras que fazem releituras reiteradamente, como existem as que buscam sempre novos textos para leitura de novas obras.

O estímulo à leitura na minha família, teve, na figura de minha mãe, Lisete, o elemento incentivador que se multiplicou durante décadas e entre diferentes gerações. Com cada um dos filhos ela agiu procurando incentivar o gosto pela leitura: lia para todos, comprava livros infantis e cartilhas, ensinava as letras e os números, porque acreditava que todos já deveriam ir para a escola sabendo ler e escrever, de maneira que guarda semelhanças com a forma de agir da minha avó, anos antes, demonstrando que, para essa comunidade de leitoras, as práticas familiares foram determinantes na constituição de mulheres leitoras. Concluo, assim, que o desenvolvimento de atividades ligadas à leitura no ambiente familiar, foram fundamentais para a constituição de práticas de leitura das mulheres envolvidas nessa pesquisa, bem como para a formação de cada uma.

Assumo pensar, conforme Artières (1998), que essa investigação se constituiu em um “arquivamento” da trajetória de vida de alguns membros da minha família, inclusive a minha e que, nesse sentido, escolhi alguns aspectos dessas vidas. Segundo o autor,

numa autobiografia, a prática mais acabada desse arquivamento, não só escolhemos alguns acontecimentos, como os ordenamos numa narrativa; a escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos dar às nossas vidas (ARTIÈRES, 1998, p. 11).

As escolhas efetuadas deixaram algumas lacunas, certamente. Um trabalho de pesquisa nunca encerra totalmente. Os meandros da leitura aqui percorridos apontam para algumas pistas que poderão ser seguidas em novos estudos. Ao fechar essa dissertação outras portas e janelas ficam entreabertas indiciando focos de luz e novos objetos. Os homens da família, em diversos encontros, manifestaram o desejo de também poderem narrar suas práticas de leitura para uma pesquisa. A literatura contemporânea e dos séculos passados também se constitui como um universo de investigação para as práticas de leitura masculinas e femininas.

O processo final de escrita me aproximou daquilo que Chartier (2002) denomina “fragmento textual” do qual o leitor de textos eletrônicos se apodera no desenvolvimento de suas práticas de leitura, identificando o caráter de descontinuidade da leitura na tela. Da mesma forma a invenção de símbolos próprios da linguagem utilizada para a comunicação eletrônica, constituem-se em possíveis caminhos a serem investigados dentro da milenar história da leitura.

Outras histórias surgirão e poderão ser acrescentadas ao quebra-cabeça referido por Certeau na citação que serve de epígrafe a essa seção.

## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica**. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n.14. p. 79-95, set, 2003.

ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.

ABREU, Márcia. **Os Caminhos dos livros**. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura no Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2003. (Coleção Histórias de Leitura).

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: uma paixão pelo possível**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP 1998.

ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres na educação: missão, vocação e destino? In: SAVIANI, Dermeval; ALMEIDA, Jane Soares de; SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa. **O Legado educacional do século XX no Brasil**. 2.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. p. 59-102.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Ler as letras: porque educar meninas e mulheres?** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo; Campinas: Autores Associados, 2007.

ALVES, Eva Maria Siqueira. **O Atheneu Sergipense: uma casa de educação literária examinada segundo os planos de ensino (1870 – 1908)**. São Paulo, SP. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005. 306 p.

AMADO, João. A Técnica da análise de conteúdo. **Revista Referência**, nº 5, novembro, 2000.  
Disponível em <https://woc.uc.pt/fpce/person/ppinvestigador.do?idpessoa=10057>.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: Escrita de si/Escrita da História. **Revista Estudos Históricos**. v. 21. 1998. p. 9-33.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **O Tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

BURKE, Peter (org.). **A Escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. **A história da leitura no mundo ocidental**. Volume 1. São Paulo: Editora Ática, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CHARTIER, Roger. **História Cultural**. Entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHARTIER, Roger. **A Aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 1998.

CHARTIER, Roger. **A Ordem dos Livros**. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2.ed., 1998.

CHARTIER, Roger. As revoluções da leitura no ocidente. In: ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999. p. 19 – 31.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**. Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosioque, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

CHARTIER, Roger. **À Beira da falésia**: a história entre certezas e inquietudes. Porto Alegre Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. **Os Desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CHARTIER, Roger. **Formas e Sentido**. Cultura Escrita: entre distinção e apropriação. Mercado de Letras, Campinas, SP: 2003.

CHARTIER, Roger. Mulheres de papel (prefácio). In: LACERDA, Lilian. **Álbum de leitura**: memórias de vida, histórias de leitoras. São Paulo: Editora Unesp, 2003. p. 17 – 24.

CHARTIER, Roger. **Inscriver e apagar**: cultura escrita e literatura, séculos XI – XVIII. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

CHARTIER, Roger. Uma Trajetória intelectual: livros, leituras, literaturas. In: ROCHA, João Cezar de Castro (org.). **Roger Chartier. A força das representações**: história e ficção. Chapecó, SC: Argos, 2011.

COSTA, Rosemeire Marcedo. **Fé, civilidade e ilustração**: as memórias de ex-alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903-1973). São Cristóvão, SE. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Sergipe, 2003. 120 p.

CUNHA, Jorge Luiz da. Trilhando os caminhos de Mnemosine: a autobiografia do grupo Povo de Clio. In: SOUZA, Elizeu Clementino, PASSEGI, Maria da Conceição (orgs.).

**Pesquisa (auto) biográfica:** cotidiano, imaginário e memória. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 201 – 219.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Educação e sedução:** normas, condutas, valores nos romances de M. Delly. São Paulo, SP. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 1995. 271 p.

CUNHA, Maria Teresa Santos. A escola, os livros e a leitura: à procura daquilo que não se fez esquecer. In: FISCHER, Beatriz T. Daudt. (org.). **Tempos de escola:** memórias. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2011. p. 121-132.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Do Coração à caneta: cartas e diários pessoais nas teias do vivido (décadas de 60 a 70 do século XX). In: **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 59, p. 115-142, jul./dez. 2013. Editora da Universidade Federal do Paraná.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette:** mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DARNTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter (org.). **A Escrita da história:** novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 203 – 242.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1994.

EL FAR, Alessandra. **O Livro e a leitura no Brasil.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Instrução elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (orgs). **500 anos de educação no Brasil.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 135-150.

FISCHER, Beatriz T. Daudt. De Enguias e outras metáforas. In: FISCHER, Beatriz T. Daudt. (org.). **Tempos de escola:** memórias. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2011. p.17-24.

FISCHER, Steven Roger. **História da leitura.** São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FOUCAMBERT, Jean. **A Leitura em Questão.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; MACIEL, Francisca Izabel Pereira. Cartilhas/impressos: perspectivas teórico-metodológicas de análise do texto e do paratexto e suas contribuições para a história da alfabetização e do livro. In: **Anais do 6º. Congresso Luso Brasileiro de História da Educação**, 2006. p. 3107-3122.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. A Construção do campo do jornalismo em uma perspectiva histórica. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v.1, n. 18, p. 1-18, janeiro/junho, 2008.

FREIRE, Paulo. **A Importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Vestidas de azul e branco.** Um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950). São Cristóvão, SE: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/NPGED, 2003.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral:** procedimentos e possibilidades. 2.ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. **Pés de anjo e letreiros de neon:** ginásianos na Aracaju dos anos dourados. São Cristóvão, SE: Editora UFS, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva.** São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade.** 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HUNT, Lynn. **A Nova história cultural.** 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

KONDO, Marie. **A Arte da arrumação.** Rio de Janeiro: Sextante, 2015.

LACERDA, Lilian de. **Álbum de leitura:** memórias de vida, histórias de leitoras. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo: Ática, 1993.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A Leitura rarefeita:** leitura e livro no Brasil. São Paulo: Ática, 2002.

LUCINI, Marizete. **Memória e História na formação da identidade sem-terra no Assentamento Conquista da Fronteira.** Campinas: FE/UNICAMP, 2007. (Doutorado em Educação)

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. (Coleção Primeiros Passos).

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral:** como fazer, como pensar. 2ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MELO, Sônia Pinto de Albuquerque e. **Representações das práticas de leitura de normalistas do Instituto de Educação Rui Barbosa durante as décadas de 60 e 70 do século XX.** São Cristóvão, SE. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Sergipe, 2009. 136 p.

MELO, Sônia Pinto de Albuquerque. **Por uma pedagogia das fotonovelas: instruir e (in) formar leitoras do IERB durante os anos 60 e 70 do século XX.** São Cristóvão, SE. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Sergipe, 2015. 248 p.

MORAIS, José. **A Arte de ler.** São Paulo: Editora UNESP, 1996.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. **Leituras de mulheres no século XIX.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. A Escola no espelho: São Paulo e a implantação dos grupos escolares no Estado de Sergipe. In: VIDAL, Diana Gonçalves (org.). **Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (193-1971).** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006. p. 153-171.

NUNES, Maria Thétis. **História da educação em Sergipe.** 2.ed. São Cristóvão, SE: Editora UFS; Aracaju, SE: Fundação Oviedo Teixeira, 2008.

OLIVEIRA, João Paulo Gama. **Caminhos cruzados: itinerários de pioneiros professores do ensino superior em Sergipe (1915-1954).** São Cristóvão, SE. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Sergipe, 2015. 319 p.

PASSEGI, Maria da Conceição. Memoriais autobiográficos: escritas de si como arte de (re) conhecimento. In: CORDEIRO, Verbena Maria Rocha; SOUZA, Elizeu Clementino de (org.). **Memoriais: literatura e práticas culturais de leitura.** Salvador: EDUFBA, 2010. p. 19 – 42.

PÉCORA, Alcir. O campo das práticas da leitura, segundo Chartier: introdução à edição brasileira. In: CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da leitura.** Tradução Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 9-17.

PERROT, Michele. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História.** São Paulo, v. 9, n. 18, p. 09-18. Ago./Set., 1989.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

PINSKY, Carla Bassenazi. **Mulheres dos Anos Dourados.** São Paulo: Contexto, 2014.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, vol. 5, nº.10, 1992, p. 200 - 212.

RAZZINI, Márcia de Paulo Gregório. Livros e leitura na escola brasileira do século XX. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. **Histórias e memórias da educação no Brasil, vol. III: século XX.** 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SANTOS, Claudefranklin Monteiro. **Através do Brasil: uma trajetória centenária.** São Cristóvão: Editora UFS, 2012.

SANTOS, Daniela Souza. Um Estudo sobre o livro didático e ensino moral e cívico em Sergipe nos primeiros anos do século XX. **Revista tempos e espaços em educação.** Vol. 5, nº. 9, julho/dezembro 2012.



SANTOS, Marluce de Souza Lopes. **Minhas memórias: rumo ao mundo da leitura**. São Cristóvão, SE, 2014. Monografia apresentada como requisito final de avaliação da disciplina Cultura e Práticas Escolares, Mestrado em Educação do PPGED/UFS.

SILVA, Genilson Gomes da. **Saveiros de Laranjeiras – SE: relatos do ponto de vista arqueológico, econômico, portuário e social no Vale do Cotinguiba – Se**. São Cristóvão, SE. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Sergipe, 2013, 70 p.

SILVA, Maria Lúcia Marques Cruz e. **Revista litteraria do gabinete de Leitura de Maroim (1890 – 1891): subsídios para a história dos impressos em Sergipe**. São Cristóvão, SE. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Sergipe, 2006. 190 p.

SIMÕES, Marco Antonio. **História da leitura: do papiro ao papel digital**. São Paulo: Terceira Margem, 2008.

SOUZA, Rosa Fátima de. Espaço da educação e da civilização: origens dos grupos escolares no Brasil. In: SAVIANI, Dermeval; ALMEIDA, Jane Soares de; SOUZA, Rosa Fátima de; Valdemarin, Vera Teresa (orgs). **O Legado educacional do século XIX**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. p. 33-70.

TEIXEIRA, Márcia Prenda. **A Mulher como leitora: memórias de professoras/Dourados MS (1963-1973)**. Dourados-MS, 2011. 166p. Dissertação de Mestrado – MS, Universidade Federal da Grande Dourados. 166 p.

ZILBERMAN, Regina. Leitura literária e outras leituras. In: GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; BATISTA, Antônio Augusto Gomes (orgs.). **Leitura: práticas, impressos, letramentos**. 3.ed Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. p. 75-93.

## Fontes Orais

### Entrevistas:

LOPES, Lisete de Souza. Entrevistas realizadas em Aracaju. (20.11.2013; 23.10.2014; 10.05.2015). Aracaju: 2013 – 2015.

SOUZA, Anete de Melo. Entrevistas realizadas em Aracaju. (05.06.2014; 11.09.2014; 10.05.2015). Aracaju: 2014 – 2015.

BEZERRA, Marli Lopes. Entrevistas realizadas em Aracaju. (26.08.2014; 25.12.2014; 10.05.2015). Aracaju: 2014 – 2015.

BEZERRA, Celene Lopes. Entrevistas realizadas em Aracaju. ( 10.06.2014; 25.12.2014; 10.05.2015). Aracaju: 2014 – 2015.

SANTOS, Manuela de Souza Lopes. Entrevistas realizadas em Aracaju. (27.04.2014; 05.11.2014; 10.05.2015). Aracaju: 2014 – 2015.

SANTOS, Marina de Souza Lopes. Entrevistas realizadas em Aracaju. (20.11.2013; 23.10.2014; 11.07.2015). Aracaju: 2013 – 2015.

LOPES, Tirzah de Mendonça. Entrevistas realizadas em Aracaju. (12.10.2014; 25.12.2014; 03.04.2015). Aracaju: 2014 – 2015.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Nome completo: \_\_\_\_\_

Idade \_\_\_\_\_ Profissão \_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

1. Quais as lembranças mais remotas que você tem de práticas de leitura em sua vida?
2. Lembra de ter tido contato com a leitura antes de iniciar sua vida escolar?
3. Se a resposta foi sim, como foi esse contato?
4. Lembra de práticas de leitura na família? Quais? Que gêneros de leitura eram vivenciados no ambiente familiar? (livros técnicos, livros de ficção, jornais, revistas, outros)
5. Qual sua relação com a leitura atualmente?
6. Alguma leitura ficou marcada em sua memória no decorrer de sua vida, dentro ou fora da escola?
7. Lembra do primeiro livro lido por você?
8. As práticas familiares incentivaram a sua constituição como leitora? Comente sua resposta.
9. Lembra de algum material lido “às escondidas”? Se sim, porque eles eram proibidos?

10. As práticas de leitura desenvolvidas na vida escolar eram prazerosas ou chatas?  
Comente sua resposta.
11. Quais as leituras desenvolvidas com fins escolares que ficaram marcadas na memória?  
Comente sua resposta.
12. Poderia relacionar tipos específicos de leitura às diferentes etapas de sua vida (infância, adolescência, fase adulta)?
13. Frequenta livrarias para adquirir livros ou outros materiais de leitura? Quais?
14. Qual o tempo dedicado à leitura atualmente?
15. Qual o gênero de leitura preferido atualmente?
16. Quais os mecanismos que você utiliza para ler? (deitada, sentada, rabiscando o livro, etc)
17. Gostaria de fazer algum comentário adicional sobre as suas práticas de leitura ao longo dos anos?
18. Quantos livros leu no último ano?

## **APÊNDICE B**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (MODELO)**

Concedo a Marluce de Souza Lopes Santos, aluna do Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, autorização para utilização do conteúdo total de entrevista por mim concedida, para fins acadêmicos relativos ao seu trabalho desenvolvido no Mestrado em Educação, intitulado **PRÁTICAS DE LEITURA: LEMBRANÇAS DE FAMÍLIA E HISTÓRIAS DE VIDA**, através de gravações com utilização de gravador ou via telefone com gravação simultânea. Autorizo, também, a utilização de fotografias que contenham a minha imagem para utilização no mesmo trabalho.

---

Local e data

---

Assinatura

## APÊNDICE C

### Relação de Livros da biblioteca da autora.

Autor	Título	Editora
Alberto Manguel	Uma História da Leitura	Companhia das Letras
Alessandra El Far	O Livro e a Leitura no Brasil	Jorge Zahar Editor
Alexandra Lima da Silva / Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti	Escritas (Auto)Biográficas e Histórias da Educação	CRV
Alvin e Heidi Toffler	Criando Uma Nova Civilização	Record
Ana Chrystina Venancio Mignot / Maria Teresa Santos Cunha	Práticas de Memórias Docente	Cortez Editora
Ana Maria de Oliveira Galvão Antônio Augusto Gomes Batista (Org.)	Leitura: Práticas, Impressos, Letramento	Autêntica
Ana Maria Fonseca Medina	Epifânio Dória Efemérides Sergipanas Vol. I e II	Gráfica J. Andrade
Anamaria Gonçalves B. de Freitas	Vestidas de Azul e Branco	Editores UFS
Anthony Giddens	As Consequências da Modernidade	UNESP
Antônio Carlos Ferreira Pinto	Da Era das Cadeiras Isoladas à Era dos Grupos Escolares na Paraíba	Autores Associados
Antônio Flávio Moreira /Tomaz Tadeu da Silva (Orgs.)	Currículo, Cultura e Sociedade	Cortez Editora
Antônio Ponciano Bezerra / Leda Correa	Linguagem e História	Editores UFS
Benoit Hardy-Vallée	Que é Um Conceito	Parábola
Betisabel Vilar de Jesus Santos	Luzes e Blecautes em Cidades Adormecidas	Editores UFS
Carlo Ginzburg	O queijo e Os Vermes	Companhia de Bolso
Carlota Boto	A Escola do Homem Novo	UNESP
Carmelita Fontes / Gizelda Moraes / Núbia Marques	Baladas, Palavras e Outonos	Diário Oficial Sergipe
Claudefranklin Monteiro Santos	Através do Brasil, Uma Trajetória Centenária	Editores UFS
Coleção Os Pensadores	Diversos Títulos	Nova Cultural Ltda.
Crislane Barbosa de Azevedo	Grupos Escolares em Sergipe	EdUFRN
Cristovam Buarque	A Aventura da Universidade	UNESP
	A Segunda Abolição	Paz e Terra
Daniela B Versiani / Eliana Yunes Gilda Carvalho	Manual de Reflexões Sobre Boas Práticas de Leitura	UNESP
Décio Gatti Júnior / Geraldo Inácio Filho (Orgs.)	História da Educação em Perspectiva – Ensino, Pesquisa e Novas Investigações	Autores Associados
Dermeval Saviani	Histórias das Ideias Pedagógicas no Brasil	Autores Associados

Dermeval Saviani / Jane Soares de Almeida / Rosa Fátima Souza / Vera Teresa Valderman	O Legado Educacional do Século XIX no Brasil	Autores Associados
Dermeval Saviani / José Claudinei / José Luis Sanfelice (Orgs.)	História e História da Educação – O Debate Teórico-Metodológico Atual	Autores Associados
Diana Gonçalves Vidal	Culturas Escolares	Autores Associados
	Grupos Escolares	Mercado de Letras
Diana Gonçalves Vidal / Luciano Mendes de Farias Filho	As Lentes da História – Estudos de História e Historiografia da Educação no Brasil	Autores Associados
Dr. Fernando Lucchese	Fatos & Mitos	L&PM Editores
Durmeval Trigueiro Mendes	O Planejamento Educacional do Brasil	EdURJ
Edmilson Menezes	Leituras Kantianas	Edise
Edmilson Menezes / Everaldo de Oliveira (Orgs.)	Modernidade Filosófica Um Projeto – Múltiplos Caminhos	Editora UFS
Eliane Marta Teixeira Lopes / Luciano Mendes Faria Filho / Cynthia Greive Veiga (Orgs.)	500 Anos de Educação no Brasil	Autêntica
Elio Gaspari	As Ilusões Armadas – A Ditadura Envergonhada	Companhia das Letras
Eric Hobsbawn	Era dos Extremos - O Breve Século XX	Companhia das Letras
	A Era dos Extremos - O Breve Século XX	Companhia das Letras
Ernst H. Gombrich	Breve História do Mundo	Martins Fontes
Ester Fraga Vilas-Boas Carvalho do Nascimento	A Escola Americana	Editora UFS
	Fontes Para a Educação da Educação: Documentos da Missão Presbiteriana	EdUFAL
Ester Fraga Vilas-Boas Carvalho do Nascimento / Jorge Carvalho do Nascimento	Fontes Para a História do Poder Legislativo da Cidade de Aracaju – A Primeira Década de Funcionamento da Câmara de Vereadores	Criação
Fábio Alves dos Santos	Olhares de Clio Sobre o Universo Educacional	Editora UFS
	Rui Barbosa Educação e Política	Editora UFS
Felisbelo Firmo De Oliveira Freire	História de Sergipe	Editora UFS
Fernando Lins de Carvalho	A Pré-história Sergipana	Editora UFS
Fernando Sá	Combates Entre História e Memórias	Editora UFS
Francisco C. Weffort	Formação do Pensamento Político Brasileiro	Ática
François Cardeau / Anne Lemond Clarisse Coulomb / Yves Santamaria	Como Se Faz a História – Historiografia, Méto-do e Pesquisa	Vozes
Frank Marcon / Josué Modesto dos Passos Subrinho	Ações Afirmativas e Políticas Inclusivas no Ensino Público Superior	Editora UFS



Galeno Amorim (Org.)	Retratos da Leitura no Brasil	Instituto Pró-Livro/SP
Gicélia Mendes	Territórios do Petróleo em Sergipe	Editora UFS
Gladys Mary Ghizon Teive / Norbeto Dallabrida	A Escola da República	Mercado de Letras
Hélio Silva	1954: Um Tiro no Coração	L&PM Editores
Hortência de Abreu Gonçalves	Manual de Artigos Científicos	AVERCAMP
	Manual de Monografia, Dissertação e Tese	AVERCAMP
Ibarê Dantas	A Tutela Militar em Sergipe	Editora UFS
	Memórias de Família	Criação
Iraíde Marques de F. Barreiro / Raimunda Abou Gebran	Prática de Ensino e Estágio Supervisionado na Formação de Professores	Avercamp
Itamar Freitas	A Escrita da História na Casa de Sergipe	Editora UFS
	Historiografia Sergipana	Editora UFS
João Paulo Gama Oliveira	A Formação do Professor de História da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe	Editora UFS
Joaquim Tavares da Conceição	A Pedagogia de Internar	Editora UFS
Jorge Carvalho do Nascimento	A Cultura Ocultada	UEL
	Ensino Superior, Educação Escolar e Práticas Educativas Extra-escolares	Editora UFS
	Historiografia Educacional Sergipana	Editora UFS
	Memórias do Aprendizado	Edições Catavento
	Problemas de Educação Escolar e Extra-escolar	Editora UFS
Josalba Fabiana dos Santos / Luiz Eduardo Oliveira (Orgs.)	Literatura & Ensino	EdUFAL
José Calazans Brandão da Silva	Aracaju e Outros Temas Sergipanos	Editora UFS
Giselda Moraes	D. Luciano José Cabral Duarte	Gráfica J. Andrade
José Carlos Libâneo	Pedagogia e Pedagogos, Para Quê?	Cortez Editora
José Carlos Reis	Escola dos Annales – A Inovação em História	Paz e Terra
José Carlos Sebe B. Meihy / Holanda Fabíola	História Oral Como Fazer Como Pensar	Contexto
José Claudinel Lombardi (Org.)	Pesquisa em Educação	Autores Associados
José Ibarê Costa Dantas	O Tenentismo em Sergipe	J. Andrade Ltda.
José Vieira da Cruz / Antônio Bittencourt Júnior (Orgs.)	Manoel Bomfim e a América Latina	Diário Oficial Sergipe
Josefa Eliana Souza	Nunes Mendonça Um Escolanovista Sergipano	Editora UFS
Laurence J. Peter / Raymond Hull	Todo Mundo É Incompetente Inclusive Você	José Olympio
Leo Huberman	História da Riqueza do Homem	GEN/LTC
Lia Renata Angelini Giacaglia	Orientação Educacional na Prática	Thomson

Lira Neto	Getúlio Vol. I, II e III	Companhia das Letras
Louis Althusse	Aparelhos Ideológicos de Estado	Graal
Lucídio Bianchetti / Ana Maria Netto Machado (Orgs.)	A Bússola do Escrever - Desafios e Estratégias na Orientação e Escrita de Teses e Dissertações	Cortez Editora
Luiz Antônio Cunha	A Universidade Contemporânea	UNESP
	A Universidade Crítica	UNESP
	A Universidade Reformada	UNESP
Luiz Eduardo Oliveira	O Mito da Inglaterra	Gradiva
	A Legislação Pombalina Sobre o Ensino de Línguas	EdUFAL
Luiz Mott	Sergipe Colonial & Imperial	Editora UFS
Lynn Hynt	A Nova História Cultural	Martins Fontes
Magno Francisco de J. Santos	Ecos de Modernidade	Editora UFS
Maia do Socorro Lima	República, Política e Direito	Editora UFS
Marcia Abreu	Cultura Letrada – Literatura e Leitura	UNESP
	Os Caminhos dos Livros	Mercado de Letras
Marcus Levy Bencostta (Org.)	Culturas Escolares, Saberes e Práticas Educativas – Itinerários Históricos	Cortez Editora
Maria Abadia da Silva / Ronalda Barreto Silva (Orgs.)	Rumos e Desafios	Liber Livro
Maria Cristina Gomes Machado	Rui Barbosa – Pensamento e Ação	Autores Associados
Maria do Rosário Longo Mortatti Isabel Cristina Alves Silva Frade	História do Ensino de Leitura e Escrita	UNESP
Maria Helena Martins	O Que É Leitura	Brasiliense
Maria Helena Santana Cruz / Vera Lucia Alves França	Educação Feminina	Editora UFS
Maria Helens Menna Barreto Abrahão (Org.)	A Aventura (Auto)Biográfica Teoria & Empíria	EDIPUCRS
Maria Luísa Santos Ribeiro	História da Educação Brasileira	Autores Associados
Maria Stephanou / Maria Helena Câmara Bastos (Orgs.)	Histórias e Memórias da Educação no Brasil Vol. I, II e III	Vozes
Maria Thétis Nunes	História da Educação em Sergipe	Editora UFS
	Sergipe Colonial	Editora UFS
Marie Kondo	A Mágica da Arrumação	Sextante
Marshall Berman	Tudo Que é Sólido Desmancha no Ar	Companhia de Bolso
Martha Suzana Cabral Nunes	Colégio de Aplicação da UFS: Memórias de Um Ginásio de Ouro	Editora UFS
Martin Carnoy	A Vantagem Acadêmica de Cuba	Ediouro
Max Weber	Ciência e Política – Duas Vocações	Martin Claret
Michel Certeau	A Escrita da História	Forense Universitária
	A Invenção do Cotidiano	Vozes
Michel Foucault	A Ordem do Discurso	Edições Loyola

	Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões	Vozes
Miguel André Berger	Avaliação da Aprendizagem	Editora UFS
	Infância e Instituições Educativas de Sergipe	Edições UFC
	A Pesquisa Educacional e As Questões da Educação na Contemporaneidade	EdUFAL
	Novos Prismas Para o Debate de Questões da Educação	Editora UFS
Mirian P. S Zippin Grinspun	A Orientação Educacional	Cortez Editora
Murillo Melins	Aracaju Pitoresco e Lendário	EGBA/Bahia
Nobert Elias	O Processo Civilizador Vol. I e II	Jorge Zahar Editor
Omar Schneider / José Tarcísio Grunennvaldt / Roselaine Kuhn / Sérgio Dorenski Dantas Ribeiro	Educação Física Esporte e Sociedade Temas Emergentes	Editora UFS
Paulo Freire	A Importância do Ato de Ler	Cortez Editora
Pedro Demo	Pensando e Fazendo Educação	Liber Livro
Peter Burke	A Escola dos Annales	UNESP
	Cultura Popular na Idade Moderna	Companhia de Bolso
	O Que É História Cultural?	Zahar
	Uma História do Conhecimento	Jorge Zahar
	A Escrita da História – Novas Perspectivas	UNESP
Pierre Bourdieu	Os Usos Sociais da Ciência	UNESP
Reinaldo Polito	Fale Muito Melhor	Saraiva
Robert Darnton	A Questão dos Livros	Companhia das Letras
	O Beijo de Lamourette	Companhia de Bolso
	O Grande Massacre de Gatos	Paz e Terra
	Os Best-sellers Proibidos	Companhia das Letras
Roger Chartier	A Aventura do Livro – do Leitor ao Navegador	UNESP
	A Força das Representações: História e Ficção	Argos
	A História ou a Leitura do Tempo	Autêntica
	Cardenio Entre Cervantes e Shakespeare	Civilização Brasileira
	Inscriver & Apagar	UNESP
	Leituras e Leitores na França do Antigo Regime	UNESP
	Origens Culturais da Revolução Francesa	UNESP
	Os Desafios da Escrita	UNESP
Roger Chartier / Pierre Bourdieu	O Sociólogo e o Historiador	Autêntica
Ronaldo Nunes Linhares	Gestão em Comunicação e Educação: O Audio- visual no Espaço Escolar	EdUFAL

Roselusia Teresa Pereira de Moraes	Representações da Docência em Romances de Érico Veríssimo – A Personagem Clarissa	Editora UFS
Samuel Barros de Medeiros Albuquerque	Nas Memórias de Aurélia	Editora UFS
Samuel Barros de Medeiros Albuquerque / Magno de Jesus Santos / Ane Luise M. Santos	História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe	IHGSE
Sandra Jatahy Pesavento	História & História Cultural	Autêntica
Selma Garrido Pimenta	O Estágio na Formação de Professores	Cortez Editores
	O Pedagogo da Escola Pública	Edições Loyola
	Pedagogia e Pedagogos	Cortez Editora
Silvana Aparecida Bretas	A Criação de Universidade Federal de Sergipe	Editora UFS
Simon Schwartzman / Helena Maria Bousquet Bomeny / Vanda Maria Ribeiro Costa	Tempos de Capanema	Paz e Terra S/A
Simone Silveira Amorim	A Trajetória de Alfredo Montes	EdUFS
Sofia Lerche Vieira	Educação Básica – Política e Gestão da Escola	Liber Livro
Sonia Vieira	Como Elaborar Questionários	Atlas
Steven Roger Fischer	História da Leitura	UNESP
Stuart Hall	A Identidade Cultural na Pós-modernidade	DP&A Editora
Terezinha Alves de Oliva	Impasses do Federalismo Brasileiro: Sergipe e a Revolta de Fausto Cardoso	EdUFS
Terry Eagleton	A Ideia de Cultura	UNESP
Vera Teresa Valdemarin	História dos Métodos e Materiais de Ensino	Cortez Editora
Verbena Maria Rocha Cordeiro / Elizeu Clementino de Souza	Memoriais - Literatura e Práticas Culturais de Leitura	EdUFBA
Veronica dos Reis Mariano Souza	Gêneses da Educação dos Surdos em Aracaju	EdUFS

## **ANEXOS**

**ANEXO 1** – Relação de livros da biblioteca de Lisete.

<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Editora</b>
Gabriel Chalita e Padre Fábio de Melo	Cartas Entre Amigos Sobre Ganhar e Perder	Globo
Padre Fábio de Melo	20 Passos Para a paz Interior	Agir
	Gabriel Chalita – Carta Entre Amigos	Ediouro
	Mulheres de Aço e de Flores	Gente Editora
	O Discípulo da Madrugada	Planeta
	Orfandade	Planeta
	Quando o Sofrimento Bater à Sua Porta	Canção Nova
	Quem Me Roubou de Mim	Canção Nova
	Tempo de Esperar	Planeta
	Tempo – Saudade e Esquecimento	Edições Paulinas
	O Verso e a Cena	Editora Globo
Padre Marcelo Rossi	Philia	Principium
	Ágape	Editora Globo
Padre Reginaldo Manzotti	10 Respostas Que Vão Mudar Sua Vida	Agir
Elen G. White	Vida de Jesus	Casa Publicadora
José Ronaldo Peyroton	Pequeno Manual de Inteligência Emocional	United Press
Maria Inês Linares	Diploma para a Melhor Avó	V&R Editoras
Max Lucado	Seu Nome é Jesus	MC Mundo Cristão
Linda Roberts	Com Carinho para minha Avó	V&R Editoras
Thrity Umrigar	A Doçura do Mundo	Nova Fronteira
Rubem Alves	Se eu Pudessem Viver a Minha Vida Novamente	Verus
Kau Mascarenhas	Mudando para Melhor	Altosplanos
Zíbia Gasparetto	Contos do Dia a Dia	Vida e Consciência Editora

**ANEXO 2** – Relação de livros da biblioteca de Marli.

<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Editora</b>
Janet Dailey	Os Donos Terra	Record
	Baile de Máscaras	Record
	O amor pela Terra	Record
	Com Vinho e Sangue	Record
	Heranças	Record
	Amor em Jogo	Record
	A Luta Pela Terra	Record
	A Terra dos Calder	Record
	O Orgulho Hannah	Record
	Ouro de Aspen	Círculo do Livro
	Rivais	Círculo do Livro
Cynthia Freeman	Para Todo o Sempre	Record
	O Inverno Chegou	Record
	O Amor Não Tem Hora	Record
	Velhos Retratos	Record
	Ilusões de Amor	Francisco Alves
Dan Brown	O Símbolo Perdido	Bertrand
Robin Pilcher	Um Oceano Nos Separa	Record
	Começar de Novo	Record
Danielle Steel	Cinco Dias em Paris	Record
	A Casa na Rua Esperança	Record
	Forças Irresistíveis	Record
	Um Desconhecido	Record
	Mergulho no Escuro	Record
	O Casamento	Record
	Um Minuto Que Mudou	Record
	Meio Amargo	Record
	Klone e Eu	Record
	O Preço do Amor	Record
	Passageiros da Ilusão	Record
	Um Amor Conquistado	Record
	Imagem no Espelho	Record
	O Fantasma	Record
	Desaparecido	Record
	Entrega Especial	Record
	Recomeços	Record
	Vale a Pena Viver	Record
	A Águia Solitária	Record
	Amor Sem Igual	Record
	Um Longo Caminho Para Casa	Record
	A Jornada	Record
	Tudo Pela Vida	Record
	O Beijo	Record

	Jóias	Record
	O Brilho de Sua Luz	Record
	Acidente	Record
	O Brilho da Estrela	Record
	Segredos do Passado	Record
	Mensagem de Saigon	Record
	Caleidoscópio	Record
	Asas	Record
	Maldade	Record
	Jogo do Namoro	Record
	Honra Silenciosa	Record
	O Chalé	Record
	Pôr do Sol em Saint Tropez	Record
	Aventura de Amar	Record
	Casa Forte	Record
	O Rancho	Record
	Desencontros	Record
	Ânsia de Viver	Círculo do Livro
	Segredos de Amor	Record
	O Presente	Record
Rosamunde Pilcher	Victória	Bertrand Brasil
	Sob o Signo de Gêmeos	Bertrand Brasil
	O Quarto Azul	Bertrand Brasil
	Vozes no Verão	Bertrand Brasil
	O Carrossel	Bertrand Brasil
	A Casa Vazia	Bertrand Brasil
	Um Encontro Inesperado	Bertrand Brasil
	O Fim do Verão	Bertrand Brasil
	Setembro	Bertrand Brasil
	Solstício de Inverno	Bertrand Brasil
	Os Catadores de Conchas	Bertrand Brasil
	O Regresso	Bertrand Brasil
	O Dia da Tempestade	Círculo do Livro
	Solstício de Inverno	Bertrand Brasil
	Os Catadores de Conchas	Bertrand Brasil
Bárbara Delinsky	O Lago da Paixão	Bertrand Brasil
	Três Desejos	Bertrand Brasil
	Juntos na Solidão	Bertrand Brasil
	Encontros	Bertrand Brasil
	De Repente	Bertrand Brasil
	Atração	Bertrand Brasil
	O Lugar de Uma Mulher	Bertrand Brasil
	Uma Mulher Misteriosa	Bertrand Brasil
Nora Roberts	Belíssima	Bertrand Brasil
	A Villa	Bertrand Brasil
	Arrebatado Pelo Mar	Bertrand Brasil
	Diamantes do Sol	Bertrand Brasil



	Lágrimas do Luar	Bertrand Brasil
	Coração do Mar	Bertrand Brasil
	Movido Pela Maré	Bertrand Brasil
	Resgatado Pelo Amor	Bertrand Brasil
Carlos Ruiz Zafon	A Sombra do Vento	Suma de Letras
Kate Mosse	Labirinto	Suma de Letras
Anne Frank	O Diário de Anne Frank	Livros do Brasil
Willy Lindwer	Os 7 últimos Meses de Anne Frank	Universo dos Livros
Emilly Griffin	Questões do Coração	Novo Conceito
Daniel Reis	Luiz Carlos Prestes	Companhia das Letras
Aydano Roriz	O Fundador	Europa
Mário Magalhães	Marighela	Companhia das Letras
Nelson Mandela	Nelson Mandela	Nossa Cultura
Gemma Townley	Quando em Roma	Record
Candace Bushnell	Quinta Avenida N. 1	Record
Zuza Homem de Melo	A Era dos Festivais - Uma Parábola	Ed. 34 LTDA
Robert J. Waller	As Pontes de Madison	Círculo do Livro
Maria José Dupré	Éramos Seis	Editora Ática
Marie Kondo	A Mágica da Arrumação	Sextante
Laura Ingalls Wilder	Uma Casa na Floresta	Record
	Uma Casa na Campina	Record
	O Jovem Fazendeiro	Record
	À Beira do Riacho	Record
	À Margem da Lagoa Prateada	Record
	O Longo Inverno	Record
	Uma Pequena Cidade na Campina	Record
	Anos Felizes	Record
	Os Primeiros Anos	Record

**ANEXO 3** – Relação de livros da biblioteca de Celene.

<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Editora</b>
A. G. Barros	O Enigma de Compostela	Geração Editorial
Stacy Schiff	Cleópatra	Zahar
David Nicholls	Um Dia	Intrínseca
Gilberto Braga	Anos Rebeldes	Rocco
Jamie Mc Guire	Belo Desastre	Verus
Zibia Gaspareto	Se abrindo pra vida	-----
Laurentino Gomes	1808	Planeta
Victoria Hislap	O Retorno	Intrínseca
Nicholas Sparks	Um homem de sorte	Novo Conceito
Mary Mapes Dodge	Os Patins de Prata	Abril Cultural
Senhores da Escuridão	Senhores da escuridão	Casa dos Espíritos
John Boyra	O Palácio de Inverno	Companhia das Letras
Alfredo Sirkis	Os Carbonários	Best Bolso
Jonas C. Huter	O Monge e o Executivo	Sextante
J.J. Benitez	Operação Cavalo de Tróia (7 volumes)	Mercúrio

**ANEXO 4** – Relação de livros de Manuela.

<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Editora</b>
Mark Eglinton	James Hetfield - O Lobo à Frente do Metallica	Gutenberg
John Sack	A Conspiração Franciscana	Sextante
Sidney Sheldon	As Areias do Tempo	Record
	Depois da Escuridão	Record
	A Senhora do Jogo	Record
	Quem tem Medo da Escuridão?	Record
John Grisham	O Recurso	Rocco
Anthony Horowitz	O Portal do Corvo / O Poder dos Cinco - Vol. I	Record
Dan Brown	O Símbolo Perdido	Sextante
Carlos A.C. Lemos	O Que É Arquitetura?	Brasiliense
Kevin Lynch	A Imagem da Cidade	Martins Fontes
Iara Kern / Ernani Figueiras Pimentel	Brasília Secreta	Pórtico
Eder Donizeti da Silva / Adriana Dantas Nogueira	Mobiliário Urbano em Cidades Históricas	Editora UFS
David Underwood	Oscar Niemeyer e o Modernismo de Formas Livres no Brasil	Cosac & Naify Edições
Ernst Neufert	A Arte de Projetar em Arquitetura	Gustavo Gili do Brasil
Coleção Atlas do Extraordinário	Construções Fabulosas, Volumes I e II	Ediciones del Prado
Ernest Burden	Dicionário ilustrado de arquitetura	Bookman
Botti Rubin Arquitetos	Portfolio 2002	J. J. Carol
Ruy Ohtake	100 Anos 1908 - 2008	J. J. Carol

**ANEXO 5** – Relação de livros de Marina.

<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Editora</b>
Timur Vermes	Ele Está de Volta	Intrínseca
Dráuzio Varella	Por um Fio	Companhia das Letras
Vanessa Oliveira	Tudo de Novo Biografia Roupa Nova	BestSeller
Anne Frank	O Diário de Anne Frank	Record
Joe Hill	Amaldiçoado	Arqueiro
Stephen King	Doutor Sono	SUMA de Letras
	Joyland	SUMA de Letras
	Tudo é Eventual	Objetiva
	Sombras da Noite	Objetiva
	O Iluminado	Planeta De Agostini
	Tripulação de Esqueletos	Objetiva
	A Espera de Um Milagre	Planeta De Agostini
Dan Brown	Inferno	Arqueiro
	O Símbolo Perdido	Arqueiro
Eni P. Orlandi	Discurso e Texto	Pontes
Sérgio Vilas Boas	Bibliografias & Biógrafos	Summus Editorial
	O Estilo Magazine	Summus Editorial
Eduardo Belo	Livro-Reportagem	Contexto
Felipe Pena	Jornalismo Literário	Contexto
	Teoria do Jornalismo	Contexto
Dante Alighieri	Divina Comédia	Martin Claret
Francisco C. Weffort	Os Clássicos da Política 1 e 2	Ática
Celso de Campos Júnior	100 Senna	ArtEnsaio
Paulo Scadueli	Ayrton Senna Herói da Mídia	Brasiliense
Edvaldo Pereira Lima	Ayrton Senna Guerreiro de Aquário	Brasiliense
Daniel Piza	Ayrton Senna O Eleito	Ediouro
Francisco Santos	Ayrton Senna Saudade	Edipromo
Lemyr Martins	Uma Estrela Chamada Senna	Panda Books
	O Pequeno Grande Senna	Panda Books
Revista Quatro Rodas	Ayrton Senna 100 Fotos	Abril
Paolo D'Alessio	Obrigado Ayrton	Nova Cultural
Froissart/ Papazoglakis/Paquet	Ayrton Senna A Trajetória de Um Mito	Nemo
James Bowen	Um gato de Rua Chamado Bob	Novo Conceito
Star Wars	Manual do Império	Bertand Brasil Ltda.
	O Caminho do Jedi	Bertand Brasil Ltda.
Hilton	Ayrton Senna	Global
Innovant Editora Ltda.	Senna Para Sempre	Innovant Editora Ltda.
Jim Davis	Um Gato Em Apuros	L&PM
Cremilda de Araújo Medina	Entrevista O Diálogo Possível	Ática

Alzira Alves e Abreu	A Modernização da Imprensa	Jorge Zahar Editor
Perseu Abramo	Padrões de Manipulação na Grande Imprensa	Fundação Perseu Abramo
Clovis Rossi	O Que é Jornalismo?	Brasiliense
Milton José Pinto	Comunicação E Discurso	Hackers Editores
Roman Jakobson	Linguística e Comunicação	Cultrix
Mikhail Bakhtin	Estética da Criação verbal	Martins Fontes
J. R. R. Tolkien	O Hobbit	WMFMartins Fontes
	Os Filhos de Húrin	WMFMartins Fontes
	Mestre Gil de Ham	WMFMartins Fontes
	O Silmarillion	WMFMartins Fontes
	O Senhor dos Anéis	Martins Fontes
Ricardo Kotscho	A Prática da Reportagem	Ática
Org. Álvaro Caldas	Deu no Jornal	PUC Rio
Carlos Eduardo Franciscato	A Fabricação do Presente	Editora UFS
Antonio Hohlfeldt / Luiz C. Martino / Vera Veiga França	Teorias da Comunicação	Vozes
Alberto Efendy Maldonado / Fernanda Daprà Becker	Metodologias de Pesquisa em Comunicação	Sulina
Josenildo Luiz Guerra	O Percorso Interpretativo na Produção da Notícia	Editora UFS
Oswaldo Coimbra	O Texto da Reportagem Impressa	Ática
Luciano Correia	Jornalismo e Espetáculo	Gráfica Banese
Paulo Markun	Meu Querido Vlado	Objetiva
Frederico Vasconcellos	Anatomia da Reportagem	Publifolha
Jorge A. González / Doris Fagundes Haussen / Pierre-Marie Fayard	Novelas, Populismo e Cultura	Revista Brasileira de Comunicação
Roger Franchini	Richtofen	Planeta
Rosa Nívea pedroso	A Construção do Discurso de Sedução em um Jornal Sensacionalista	ANNABLUME
Peg Pickering	Como Administrar Conflitos Profissionais	Market Books
Isabel Siqueira Travancas	O Mundo dos Jornalistas	Summus
Eugene O'Kelly	Claro como o Dia	Nova Fronteira
Mayra Rodrigues Gomes	Poder no Jornalismo	Hacker Editores / Ed USP
Ricardo Noblat	A Arte de Fazer Um Jornal Diário	Contexto
Maristela Mafei	Assessoria de Imprensa	Contexto
Daniel Piza	Jornalismo Cultural	Contexto
Fabíola de Oliveira	Jornalismo Científico	Contexto
José Luiz Fiorin	Elementos de Análise do Discurso	Contexto
	Linguística? Que é Isso?	Contexto
Patrick Charaudeau	Discurso Político	Contexto
	Discurso e Mídias	Contexto

Sônia Belloto	Você Já Pensou em Escrever um Livro?	Ediouro
Paul Teyssier	História da Língua Portuguesa	Martins Fontes
Colleen McKenna	Como se Comunicar Com Sucesso	Market Books
Raul Pompéia	O Ateneu	Ática
Luciano Amaral Oliveira (Org.)	Estudos do Discurso	Parábola
Andrew Gottlieb	Beber, Jogar, Fazer	Planeta
Jácome Góes	A Conquista da sua Paz Interior	Gráfica J. Andrade
Oriana N. Fualneti / Alexandre Marcelo Bueno (Orgs.)	Estratégias, Valores, Interações e Paixões	Contexto
	Princípios Teórico-discursivos	Contexto
Manoel Luiz Gonçalves Corrêa	Linguagem & Comunicação Social	Parábola
Carlos Alberto Faraco	Norma Culta Brasileira	Parábola
Valdir do Nascimento Flores Marlene Teixeira	Introdução à Linguística da Enunciação	Contexto
Dad Squarisi	Dicas da Dad	Contexto
Anton Tchêkov	Um Bom Par de Sapatos e um Caderno de Anotações	Martins Fontes
Solano Nascimento	Os Novos Escribas	Arquipélago
Marília Scalzo	Jornalismo de Revista	Contexto
Osmário Santos	Memórias de Políticos de Sergipe	Editora UFS
Dominique Maingueneau	Análise de Texto de Comunicação	Cortez
Ana Estela de Sousa Pinto	Jornalismo Diário	Publifolha
Antonio Benoni Giansante	Tudo Sobre Verbos	Respel
Rogério Christofoletti	Ética no Jornalismo	Contexto
Alpheu Tersariol	Com Era, Como Fica	Fapi
Maria Luci de Mesquita Prestes	Leitura e (Re)escritura de Textos	Respel
Teuna A. van Dijk	Discurso e Poder	Contexto
Patrick Charaudeau Dominique Maingueneau	Dicionário de Análise do Discurso	Contexto
Mario A. Perini	Princípios de Linguística Descritiva	Parábola
Luiz Paulo da Moita Lopes (Org.)	Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar	Parábola
John W. Dean	Pior Que Watergate	Francis
Marcos Cardoso	Sempre aos Domingos	Editora UFS
Cláudia Carvalho Léa Maria Aarão Reis	Manual Prático de Assessoria de Imprensa	Campus/Elsevier